

INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO E DA ADMINISTRAÇÃO

MESTRADO EM SEGURANÇA, DEFESA E RESOLUÇÃO DE CONFLITOS

DEZEMBRO, 2025

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

ISCIA
travel through knowledge



Instituto Superior de Ciências da Informação e da Administração

**O Caminho para a Hegemonia Regional: O Realismo Ofensivo na Construção
da Estratégia Integral da Arábia Saudita entre 2015 e 2022**



travel through knowledge

**INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DA
INFORMAÇÃO E DA ADMINISTRAÇÃO**

**O Caminho para a Hegemonia Regional: O Realismo
Ofensivo na Construção da Estratégia Integral da Arábia
Saudita entre 2015 e 2022**

Autora: Soraia Natacha de Almeida da Silva Castanheira

Orientador: Professor Doutor Luís Eduardo Matos Dias Ramos

Dezembro, 2025

Dissertação de Mestrado

Agradecimentos

Gostaria de expressar a minha gratidão à minha família e amigos pelo apoio constante ao longo desta jornada.

Um agradecimento especial ao Professor Doutor Luís Dias Ramos, o meu orientador, pelo valioso acompanhamento e incentivo durante todo o desenvolvimento deste trabalho.

Às minhas colegas de mestrado, Mariana Bimbas e Preciosa Siteo, agradeço o apoio, a partilha de experiências e a amizade.

Por fim, agradeço ao ISCIA, pela oportunidade de realizar este mestrado e pela experiência enriquecedora que dele retirei.

Índice

ISCIA.....	i
1. Introdução	1
1.1. Apresentação do Tema, Pergunta de Partida, Objetivo Geral e Objetivos Específicos	1
1.2. Revisão de Literatura	3
1.3. Enquadramento Teórico.....	6
1.4. Conceitos-Chave.....	10
1.4.1. Estratégia Integral	11
1.4.2. Realismo Ofensivo	11
1.4.3. Hegemonia Regional	11
1.5. Método.....	12
1.5.1. Abordagem Ontológica, Epistemológica e Metodológica	12
1.5.2. Desenho da Investigação	15
2. A Estratégia Integral da Arábia Saudita	17
2.1. Contextualização Histórica	17
2.2. Estratégia Integral.....	19
2.3. Estratégia Geral Psicossocial	22
2.3.1. Estratégia Particular de Propaganda.....	22
2.3.2. Estratégia Particular de Informação Pública	25

2.3.3.	Estratégia Particular de Contrapropaganda	27
2.4.	Estratégia Geral Política	30
2.4.1.	Estratégia Particular de Política Interna	30
2.4.2.	Estratégia Particular Diplomática	32
2.5.	Estratégia Geral Económica	39
2.5.1.	Estratégia Particular Financeira	39
2.5.2.	Estratégia Particular de Produção	42
2.5.3.	Estratégia Particular de Comércio Externo	45
2.5.3.1.	Arábia Saudita- China	46
2.5.3.2.	Arábia Saudita- EUA	47
2.5.3.3.	Arábia Saudita- Rússia	48
2.6.	Estratégia Geral Militar	50
2.6.1.	Estratégia Particular Terrestre	52
2.6.2.	Estratégia Particular Marítima	55
2.6.3.	Estratégia Particular Aeroespacial	57
3.	O Realismo Ofensivo na Estratégia Integral Saudita.....	62
3.1.	Dinâmicas de poder no Médio Oriente	63
3.2.	Dimensões do Realismo Ofensivo	65
3.2.1.	Revisionismo.....	65

3.2.2.	Intervenção Militar	67
3.2.3.	Instrumentalização das Alianças	71
3.2.4.	Contenção de Ameaças	74
3.2.5.	Maximização do Poder Relativo	76
3.2.5.1.	Dimensão do Poder Militar	76
3.2.5.2.	Dimensão do Poder Latente	78
3.2.6.	Objetivos Não Securitários	79
4.	Análise Exploratória da Eficácia Estratégica.....	82
4.1.	Estratégia Geral Psicossocial	84
4.1.1.	Estratégia Particular de Propaganda.....	84
4.1.2.	Estratégia Particular de Informação Pública	86
4.1.3.	Estratégia Particular de Contrapropaganda	87
4.2.	Estratégia Geral Política	88
4.2.1.	Estratégia Particular de Política Interna	88
4.2.2.	Estratégia Particular Diplomática	89
4.3.	Estratégia Geral Económica	91
4.3.1.	Estratégia Particular Financeira	91
4.3.2.	Estratégia Particular de Produção	92
4.3.3.	Estratégia Particular de Comércio Externo	93

4.4. Estratégia Geral Militar	94
5. Conclusões	98
6. Referências.....	105
Apêndice A – Tabelas Complementares	1

Índice de Tabelas

Tabela 1: Desenho da Estrutura de Investigação	15
Tabela 2: Posição da Arábia Saudita no Índice de Liberdade de Imprensa (2015-2022) Apd A-1	
Tabela 3: Valores das Trocas Comerciais: Arábia Saudita e a China (2015-2022) .. Apd A-2	
Tabela 4: Valores das Trocas Comerciais: Arábia Saudita e os EUA (2015-2022).. Apd A-3	
Tabela 5: Valores das Trocas Comerciais: Arábia Saudita e a Rússia (2015-2022) Apd A-4	
Tabela 6: Evolução das Despesas Militares Sauditas (2015-2022)..... Apd A-5	
Tabela 7: Capacidades Militares da Arábia Saudita, Egito, Irão, Israel e Turquia em 2022: Efetivos e Equipamentos..... Apd A-7	
Tabela 8: População Total da Arábia Saudita, Egito, Irão, Israel e Turquia em 2022..... Apd A-8	
Tabela 9: Indicadores Económicos da Arábia Saudita, Egito, Irão, Israel e Turquia em 2022 Apd A-9	
Tabela 10: Resumo da Análise do Capítulo: O Realismo Ofensivo na Estratégia Integral Saudita	Apd A-11

Tabela 11: Resumo da Análise do Capítulo: Análise Exploratória da Eficácia Estratégica

..... Apd A-12

Resumo

Esta dissertação analisa o processo através do qual a Arábia Saudita procurou afirmar-se como potência hegemónica no Médio Oriente, entre 2015 e 2022, durante a liderança de Mohammed Bin Salman. Neste período, o país adotou uma postura assertiva e revisionista na sua política externa, enquanto passou por profundas transformações sociais, económicas e políticas internas. Verificou-se também que o Reino articulou instrumentos políticos, económicos, psicossociais e militares, com o intuito de concretizar os objetivos estratégicos postulados pela política. Neste contexto, procura-se analisar de que modo esta manobra se enquadra num projeto cujo objetivo final é a hegemonia regional.

A pesquisa desenvolve-se através de um estudo de caso explicativo, fundamentado numa ontologia fundacionalista e objetiva e numa epistemologia realista. Para uma análise mais abrangente do fenómeno estudado, recorre-se a métodos mistos, qualitativos e quantitativos, e aplica-se o método dedutivo na estruturação da análise.

Articulam-se duas teorias complementares: a Teoria Geral da Estratégia, em particular, a Estratégia Integral e as suas desmultiplicações, como proposto por Beaufre e Silva Ribeiro, para analisar a forma como os Estados articulam os meios ao seu dispor, no tempo e no espaço, com o intuito de alcançar os objetivos estratégicos; e o Realismo Ofensivo de Mearsheimer, que concebe os Estados como atores empenhados em aumentar o seu poder num sistema internacional anárquico. A interligação destas teorias permite analisar as estratégias da Arábia Saudita como uma expressão prática do Realismo Ofensivo.

Os principais contributos desta dissertação consistem na aplicação da Estratégia Integral ao contexto saudita; na análise e clarificação das suas Estratégias Particulares; e na exploração da aplicação do Realismo Ofensivo a uma potência regional, recorrendo a um conjunto de dimensões de análise que permitem retirar conclusões acerca da eficácia da Estratégia Integral da Arábia Saudita na construção da hegemonia regional no período considerado.

Palavras-chave: Realismo Ofensivo; Teoria Geral da Estratégia; Estratégia Integral; Arábia Saudita; Hegemonia Regional; Médio Oriente.

Abstract

This dissertation analyses the process through which Saudi Arabia sought to assert itself as the dominant power in the Middle East between 2015 and 2022, under the leadership of Mohammed Bin Salman. During this period, the country adopted an assertive and revisionist stance in its foreign policy, while undergoing profound social, economic, and political transformations domestically. It was also observed that the Kingdom articulated political, economic, psychological, and military instruments with the aim of achieving the strategic objectives established by its leadership. In this context, the study examines how this action fits into a broader project whose ultimate objective is regional hegemony.

The research is developed through an explanatory case study, grounded in a foundationalist and objective ontology and a realist epistemology. To ensure a comprehensive analysis of the phenomenon under study, mixed methods, both qualitative and quantitative, are employed, and a deductive approach is applied to structure the analysis.

Two complementary theoretical frameworks are articulated: the General Theory of Strategy, particularly the concept of Integral Strategy and its subdivisions, as proposed by Beaufre and Silva Ribeiro, to analyse how states coordinate the means at their disposal in time and space in order to achieve strategic objectives; and Mearsheimer's Offensive Realism, which conceives states as actors committed to increasing their power in an anarchic international system. The interaction of these theories makes it possible to examine Saudi Arabia's strategies as a practical expression of Offensive Realism.

The main contributions of this dissertation are the application of Integral Strategy to the Saudi context; the analysis and clarification of its Particular Strategies; and the exploration of the applicability of Offensive Realism to a regional power, using a set of analytical indicators that allow conclusions to be drawn regarding the effectiveness of Saudi Arabia's Integral Strategy in building regional hegemony during the chosen period.

Keywords: *Offensive Realism; General Theory of Strategy; Integral Strategy; Saudi Arabia; Regional Hegemony; Middle East.*

Lista de abreviaturas, siglas e acrónimos

ASuW - *Anti-Surface Warfare* (Guerra anti-superfície)

ASW - *Anti-Submarine Warfare* (Guerra anti-submarino)

CCG - Conselho de Cooperação do Golfo

CEDA - *Council of Economic and Development Affairs* (Conselho de Assuntos Económicos e de Desenvolvimento)

CST-*Communications, Space and Technology Commission* (Comissão para as Comunicações, o Espaço e a Tecnologia)

EAU - Emirados Árabes Unidos

EUA - Estados Unidos da América

FMS - *Foreign Military Sales*

IISS - *International Institute for Strategic Studies* (Instituto Internacional de Estudos Estratégicos)

IPO - *Initial Public Offering* (Oferta Pública Inicial)

JCPOA - *Joint Comprehensive Plan of Action* (Plano de Ação Conjunto Global)

MBS - Mohammed bin Salman

MBT - *Main Battle Tank* (Carro de combate principal)

MMSC - *Multi-Mission Surface Combatant* (Combatente de Superfície Multi-missão)

MNG - *Ministry of National Guard* (Ministério da Guarda Nacional)

MODA - *Ministry of Defence and Aviation* (Ministério da Defesa e Aviação)

MOI - *Ministry of Interior* (Ministério do Interior)

OEC - *Observatory of Economic Complexity* (Observatório de Complexidade Económica)

OLP - Organização para a Libertação da Palestina

ONG - Organização Não Governamental

ONU - Organização das Nações Unidas

OPEP - Organização dos Países Exportadores de Petróleo

PIF - *Public Investment Fund* (Fundo de Investimento Público)

RSADF - *Royal Saudi Air Defense Forces* (Forças Reais de Defesa Aérea da Arábia Saudita)

RSSMF - *Royal Saudi Strategic Missile Forces* (Forças Reais de Mísseis Estratégicos da Arábia Saudita)

SAM - *Surface-to-Air Missile* (Míssil Superfície-Ar)

SAMI - *Saudi Arabian Military Industries* (Indústrias Militares da Arábia Saudita)

SANG - *Saudi Arabian National Guard* (Guarda Nacional da Arábia Saudita)

SAPTCO - *Saudi Public Transport Company* (Companhia Saudita de Transportes Públicos)

SIPRI - *Stockholm International Peace Research Institute* (Instituto Internacional de Pesquisa para a Paz de Estocolmo)

SIRC - *Saudi Investment Recycling Company* (Companhia Saudita de Reciclagem)

SR - *Saudi Riyal* (Rial Saudita)

SRC - *Saudi Real Estate Refinance Company* (Companhia Saudita de Refinanciamento Imobiliário)

SSA - *Saudi Space Agency* (Agência Espacial Saudita)

UAV - *Unmanned Aerial Vehicle* (Veículo Aéreo Não Tripulado)

USD - *United States Dollar* (Dólar norte-americano)

1. Introdução

1.1. Apresentação do Tema, Pergunta de Partida, Objetivo Geral e Objetivos Específicos

Desde 2015, sob a liderança *de facto* de Mohammed Bin Salman (MBS), a Arábia Saudita tem adotado uma postura assertiva na sua política interna e externa, e procura consolidar-se como a potência dominante no Médio Oriente. Esta atitude pode ser explicada como um esforço que se presume intencional para alcançar a hegemonia regional, uma característica central do Realismo Ofensivo de Mearsheimer (2001). Esta teoria defende que os Estados procuram maximizar o seu poder e dominar a região onde se encontram de forma a garantir a sua segurança e a sobrevivência num sistema internacional anárquico. A problemática desta investigação consiste, portanto, na análise das estratégias adotadas pela Arábia Saudita na procura pela hegemonia regional, à luz do Realismo Ofensivo.

O objeto de estudo desta dissertação de Mestrado em Segurança, Defesa e Resolução de Conflitos é o recurso ao Realismo Ofensivo como teoria justificativa para a construção da Estratégia Integral da Arábia Saudita. De facto, a investigação pretende explorar os mecanismos que a Arábia Saudita utilizou para fomentar a sua liderança política, económica e militar, com o objetivo de garantir a segurança, ampliar a sua influência e transformar-se num *hegemon* no contexto regional. Mediante este quadro, a pertinência desta investigação provém da relevância da Arábia Saudita no contexto geopolítico do Médio Oriente, uma região de grande interesse estratégico devido aos seus recursos energéticos e ao seu papel nas questões securitárias (Hinnebusch, 2003). As ações da Arábia Saudita, particularmente sob a liderança *de facto* de MBS, têm repercussões significativas para o equilíbrio de poder na região. Exemplos destas ações incluem a intervenção militar no Iémen, com o objetivo de combater os rebeldes Houthis apoiados pelo Irão, considerado um rival estratégico pela Arábia Saudita (Cséfalvay, 2019); bem como a crise diplomática com o Catar em 2017, quando Riade liderou um bloqueio diplomático e económico contra o país, acusando-o de apoiar o terrorismo e de manter relações demasiado estreitas com o Irão (Nephew, 2020). Deste modo, explorar as dinâmicas da Estratégia Integral saudita e as motivações que a

sustentam permitirá esclarecer o papel do Reino¹, e também, contribuir para o estudo das teorias das relações internacionais, em particular, no que diz respeito ao Realismo Ofensivo aplicado a uma potência regional.

A investigação procura responder à seguinte pergunta de partida: De que forma a Arábia Saudita recorre ao Realismo Ofensivo para construir uma Estratégia Integral que conduza a uma hegemonia regional no Médio Oriente, entre 2015 e 2022? Esta questão orienta a análise das ações concretas da Arábia Saudita no período entre 2015 e 2022. A escolha temporal é justificada pela ascensão de MBS ao centro do poder na Arábia Saudita, em 2015, o que marcou o início de um ciclo de reformas políticas, económicas e militares. Já o ano de 2022 é um ponto de inflexão, pois o contexto internacional conduziu a novas dinâmicas que podem ter impactado diretamente as decisões estratégicas da Arábia Saudita.

Tendo em conta a pergunta de partida anteriormente referida, importa identificar o objetivo geral desta dissertação, que consiste em: Explicar como a Arábia Saudita utiliza uma Estratégia Integral baseada no Realismo Ofensivo para alcançar a hegemonia regional no Médio Oriente, entre 2015 e 2022. Para tal, a pesquisa é orientada por três objetivos específicos:

- OE1: Identificar as principais dimensões da Estratégia Integral da Arábia Saudita no período considerado.
- OE2: Demonstrar que a Estratégia Integral da Arábia Saudita reflete uma abordagem inspirada no Realismo Ofensivo no período considerado.
- OE3: Explorar a eficácia da Estratégia Integral da Arábia Saudita na construção da hegemonia regional no período considerado.

¹ Ao longo desta dissertação, a Arábia Saudita é frequentemente referida como Reino, por corresponder à forma abreviada do nome oficial, Reino da Arábia Saudita.

A partir da pergunta de partida e dos objetivos acima referidos, surgem as seguintes questões derivadas que procuram explorar de forma mais detalhada os diversos elementos a serem analisados:

- QD1: Quais são as principais dimensões da Estratégia Integral da Arábia Saudita no período considerado?
- QD2: Como é que a Estratégia Integral da Arábia Saudita reflete uma abordagem inspirada no Realismo Ofensivo no período considerado?
- QD3: Qual foi a eficácia da Estratégia Integral da Arábia Saudita na construção de uma hegemonia regional no período considerado?

O caminho para a concretização dos objetivos delineados será realizado através de uma análise aprofundada da implementação desta estratégia ao longo do período de 2015 a 2022. Para tal, será feito um levantamento das principais ações e políticas adotadas pela Arábia Saudita de forma a investigar em que medida estas se alinham com os princípios do Realismo Ofensivo. A investigação conta com uma abordagem teórica sólida, assente numa ontologia fundacionalista e objetiva, e numa epistemologia realista, concretizando-se num estudo de caso explicativo. Recorre a métodos mistos e adota um raciocínio dedutivo como orientação da análise. Conta também com o contributo de várias fontes, incluindo documentos oficiais, notícias, artigos científicos, teses e dissertações, livros e dados estatísticos.

1.2. Revisão de Literatura

A produção académica consultada demonstra que a Arábia Saudita tem mobilizado de forma coordenada os diversos instrumentos do poder nacional para alcançar os seus objetivos estratégicos, tal como demonstra Hetou (2019). Um dos instrumentos utilizados pelo Reino é o *sportwashing*, analisado por Pereira (2023), Martucci (2024), Yüçetürk e Keskin (2022) e O'Kelly (2022) que concluem que o investimento saudita no desporto visa projetar uma imagem favorável do país na esfera internacional. Esta estratégia, contudo, tem sido alvo de contestação, principalmente após a morte de Jamal Khashoggi, como destacam Buxeda (2018), Morgan (2021), Burnton (2019) e Hincks (2019). Por outro lado, a

informação pública também constitui um instrumento ao serviço dos interesses do Estado, em particular, o controlo dos meios de comunicação social. De facto, Pintak (2023) estuda a influência da casa real saudita no canal *Al Arabiya*, enquanto relatórios de organizações como a Amnistia Internacional (2021) e a ALQST (2018) denunciam práticas sistemáticas de repressão de jornalistas. Complementarmente, Vitale (2022) e Al-Rawi (2021) exploram o impacto das redes sociais como ferramentas de manipulação de narrativas, com destaque para o assassinato de Khashoggi. Importa, no entanto, recorrer a Rampini (2025), que reconhece que o caso Khashoggi afetou, temporariamente, a reputação internacional da Arábia Saudita, mas sublinha que o país recuperou rapidamente, sem sanções ou imposições significativas.

A nível interno, o plano *Vision 2030* é um elemento central da ação política e económica do Reino, como apontam diversos autores, tais como Leber (2025), Grand e Wolff (2020) e Chara (2018), enquanto, no domínio da política externa, a literatura identifica a articulação entre mecanismos de coerção e estratégias de cooperação. A crise diplomática com o Catar de 2017 é analisada por Parvathy (2021), Negri (2018), Nephew (2020) e El Taki (2024) que apresentam os instrumentos de coerção económica e política utilizados por Riade, com o intuito de isolar o Catar e pressioná-lo a alinhar-se politicamente, socialmente e economicamente com os países do Golfo. Contudo, autores como Iqbal (2024) e Ulrichsen (2017) revelam a resiliência do Catar, que reforçou a aliança com a Turquia e o Irão, o que mitigou o impacto do bloqueio. Já Donelli (2020), Mason (2023), Van Slooten (2019) e Roll (2023) analisam a aliança estabelecida entre a Arábia Saudita e os Emirados Árabes Unidos (EAU), caracterizada por convergências securitárias, mas marcada por episódios de rivalidade e competição. A mesma realidade observa-se na aliança informal com Israel, analisada por Xu et al. (2021), Carter (2021) e Zisser (2019). Por fim, Lima (2023), Cammack (2017), Mehdi et al. (2024) e Martínez (2020) examinam a aliança entre Riade e Washington e reconhecem a natureza complexa da mesma, que persiste devido a interesses estratégicos convergentes, mas que é sujeita a momentos de tensão.

No plano económico, observa-se uma crescente utilização de instrumentos financeiros e comerciais por parte da Arábia Saudita, com o intuito de reforçar a sua influência regional

e internacional. Flynn e Aldamer (2024) e Trudelle (2023) analisam o papel do Fundo de Investimento Público (PIF), que coordena e financia os investimentos sauditas a nível interno e externo, e a ligação do mesmo com a política externa e os objetivos estratégicos do país. A vertente energética permanece determinante para a estratégia saudita, como demonstra Borck (2023) ao analisar a preponderância do Reino na Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP)² e na OPEP+³. Outros autores como Fattouh (2024), Ottaway (2022), Chow e Stanley (2017) e Karam (2023), analisam a diversificação das parcerias energéticas sauditas, particularmente com a Rússia e a China. Estas dinâmicas de cooperação refletem-se, de igual modo, nas trocas comerciais entre Riade, Pequim e Moscovo, cuja evolução é analisada com dados do *Observatory of Economic Complexity* (OEC) (s/db).

Por fim, no domínio militar, os relatórios de Lopes da Silva et al. (2021, 2022), Perlo-Freeman et al. (2016) e Tian et al. (2017, 2018, 2019, 2020, 2023) revelam níveis elevados de investimento militar por parte do Reino, ao longo do período em análise. Esta tendência é corroborada pelos relatórios anuais do *The Military Balance* (2015, 2016, 2017, 2018, 2019, 2020, 2021, 2022), que fornecem uma caracterização detalhada dos sistemas militares em operação e dos principais investimentos realizados pelo Reino. Na aplicação dos meios militares, autores como McDowall et al. (2016), Alshammari e Daud (2023), Hill (2017),

² A Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP ou OPEC, na versão em inglês) é uma organização fundada em 1960, com o objetivo de coordenar as políticas petrolíferas dos países membros, de forma a garantir a estabilidade dos mercados petrolíferos, o fornecimento regular aos consumidores e uma remuneração justa para os produtores. Atualmente, é composta por 12 Estados-Membros, incluindo os cinco fundadores: o Irão, o Iraque, o Kuwait, a Arábia Saudita e a Venezuela (OPEC, s/db, s/da).

³ Em 2016, os Estados que constituem a OPEP assinaram a Declaração de Cooperação e estabeleceram uma aliança com países produtores de petróleo, não membros da organização. Esta aliança deu origem à OPEP+, que inclui, para além dos membros da OPEP, os seguintes países: Azerbaijão, Guiné Equatorial, Cazaquistão, México, Omã, Rússia, Bahrein, Brunei, Malásia, Sudão e Sudão do Sul (Quint & Venditt, 2020).

Darwich (2018), Ekşi (2017) e Al-Goidi (2024), afirmam que a estratégia saudita no Iémen não foi eficaz, tanto do ponto de vista militar, como do humanitário e reputacional.

Para além da mobilização dos diversos instrumentos de poder para a prossecução dos objetivos estratégicos, vários autores sublinham que, a partir de 2015, a política externa saudita sofreu uma mudança significativa, ao transitar de uma atuação defensiva para uma abordagem mais agressiva e interventiva, como apontam Quilliam (2019) e Rich e Moore-Gilbert (2019). De acordo com autores como González del Miño e Martínez (2019), Jefferson da Silva (2022) e Modebadze (2018), a assertividade resulta da rivalidade com o Irão, identificada como o principal motor da política regional do Reino. Contudo, Gaub, (2016), Darwich (2018) e Settembrini (2019), consideram que esta disputa ultrapassa as diferenças religiosas, e que se trata de uma competição pelo domínio estratégico do Médio Oriente. De facto, a procura pela hegemonia regional observa-se, entre outros exemplos, na intervenção saudita no Iémen, analisada por Danset (2020), Stenslie (2015) e Riedel (2020) e no envolvimento saudita na guerra da Síria, graças aos contributos de Akgul (2016) e Hododi (2024).

Todos os pontos e contributos abordados na revisão de literatura correspondem, de forma direta ou indireta, aos pressupostos de duas grandes abordagens teóricas, a Teoria Geral da Estratégia e o Realismo Ofensivo, que são, habitualmente, analisadas de forma isolada. De facto, verifica-se uma lacuna na literatura quanto à aplicação conjunta destas duas abordagens teóricas, que serão apresentadas de forma detalhada na seguinte secção.

1.3. Enquadramento Teórico

A formulação de um enquadramento teórico consistente é fundamental para a análise dos fenómenos expostos na presente dissertação, logo, recorre-se a um quadro teórico assente na Teoria Geral da Estratégia e na Teoria do Realismo Ofensivo.

No que diz respeito ao conceito de estratégia, é importante mencionar que se trata de um termo amplo e complexo, com diferentes significados, dependendo do contexto e da abordagem teórica. Ao longo dos séculos, diferentes autores ofereceram várias definições e

perspetivas acerca da estratégia, o que demonstra que se trata de um conceito em constante evolução (Heuser, 2010). No entanto, para a presente dissertação considera-se a Escola Estratégica Portuguesa e sobretudo os contributos de Silva Ribeiro (2009), assim como do seu principal influenciador, o general francês Beaufre (1998)⁴. Deste modo, a definição eleita será a de Silva Ribeiro (2009, p.22) que descreve a estratégia como a “ciência e a arte de edificar, dispor e empregar meios de coação num dado meio e tempo, para se materializarem objetivos fixados pela política, superando problemas e explorando eventualidades em ambiente de desacordo”. Assim, destaca-se uma característica fundamental da estratégia: é a forma pela qual os objetivos nacionais, que são definidos pela política, são transformados em ações (Beaufre, 1998; Silva Ribeiro, 2009). Outro ponto fundamental do conceito de estratégia é que não se trata de um conjunto rígido de regras ou doutrinas, mas sim de um modo de pensar que permite analisar, classificar e dar prioridade a ações e, conseqüentemente, tomar decisões eficazes (Beaufre, 1998). Silva Ribeiro (2009, p.43) indica que “(...) em estratégia, onde interessa, acima de tudo, alcançar e manter a vantagem sobre o contendor, o imobilismo naquilo que é mutável e incerto conduz ao desastre”. Para além disso, importa referir que a estratégia atua a vários níveis, ou seja, no político, no estratégico, no operacional e no tático, o que exige uma coordenação e uma hierarquização clara das suas responsabilidades (Silva Ribeiro, 2009).

Posto isto, é necessário identificar algumas premissas fundamentais necessárias para a formulação estratégica. Em primeiro lugar, é necessário avaliar fatores de decisão como os objetivos políticos, o meio em que se opera, os instrumentos de coação (os meios), tempo e adversários, cuja interação num ambiente em constante mudança exige uma adaptação contínua (Silva Ribeiro, 2009). Acresce a importância de definir e hierarquizar objetivos, de modo a aproveitar oportunidades e a corrigir vulnerabilidades⁵ (Beaufre, 1998; Silva Ribeiro, 2009). Por fim, torna-se indispensável integrar os diferentes meios militares,

⁴ A primeira edição do livro, “*Introduction à la stratégie*”, foi publicada em 1963.

⁵ Para que uma estratégia a longo prazo tenha sucesso, é fundamental que os objetivos sejam selecionados de forma consciente e que consigam produzir efeitos benéficos (Silva Ribeiro, 2009).

políticos, económicos e psicossociais, aplicando-os no momento correto e pela via mais adequada para maximizar o impacto sobre o adversário (Beaufre, 1998).

Assim, está estabelecido o ponto de partida para conhecer o conceito de Estratégia Integral. Silva Ribeiro (2009, p.77) define-a como as

múltiplas acções e actividades necessárias à preparação e ao emprego fraccionado e especializado, mas coordenado, do poder nacional, em vários níveis, contra objectivos de natureza variada, cuja conquista ou preservação, simultânea ou sucessiva, é considerada essencial para alcançar os objectivos nacionais.

A Estratégia Integral pode ser subdividida em Estratégias Gerais, que englobam a Estratégia Psicossocial, Estratégia Política, Estratégia Económica e a Estratégia Militar. Cada uma destas estratégias, por sua vez, desdobra-se em Estratégias Particulares. No contexto da Estratégia Psicossocial, a Propaganda, Contrapropaganda e a Informação Pública; na Estratégia Política, encontram-se a Política Interna e a Diplomática; na Estratégia Económica, as dimensões de Produção, Financeira e Comércio Externo; e, por fim, na Estratégia Militar, as vertentes Terrestre, Marítima e Aeroespacial (Silva Ribeiro, 2009).

Posto isto, é possível identificar algumas lacunas significativas na literatura. Primeiro, a aplicação da Teoria Geral da Estratégia na vertente da Escola Estratégica Portuguesa, à Arábia Saudita não é uma área explorada. Esta lacuna representa uma oportunidade relevante para a pesquisa, porque a implementação de uma teoria ampla e diversificada como a Teoria Geral da Estratégia, particularmente, a Estratégia Integral e a sua desmultiplicação em Estratégias Gerais, por sua vez desmultiplicadas em Estratégias Particulares, permite analisar como o Reino orchestra e coordena as várias dimensões estratégicas com o intuito de alcançar os seus objetivos. Outra lacuna determinante que se observa na Teoria Geral da Estratégia, e em particular, na Estratégia Integral, é a falta de uma definição clara das Estratégias Particulares que a compõem, o que oferece espaço para múltiplas análises, e que, consequentemente, pode conduzir a abordagens divergentes na sua aplicação prática. Deste modo, para clarificar o significado das Estratégias Particulares, a investigação recorrerá à literatura existente, portanto, às definições propostas por vários teóricos. A partir destas

definições, será possível analisar como cada estratégia é formulada e operacionalizada pela Arábia Saudita.

No âmbito do segundo tópico a abordar no enquadramento teórico, o Realismo Ofensivo, Mearsheimer (2001) parte da premissa realista de que os Estados são os protagonistas primordiais das relações internacionais e que são entidades racionais que procuram garantir a sua sobrevivência num ambiente caracterizado pela ausência de um governo central, ou seja, num ambiente anárquico. Esta característica do sistema internacional conduz os Estados a procurarem, continuamente, aumentar o seu poder. Deste modo, a competição pelo poder é um dos pilares do Realismo Ofensivo e a sua acumulação é o principal objetivo das grandes potências (Mearsheimer, 2001). Para além da anarquia do sistema internacional, também a capacidade militar ofensiva dos Estados e a incerteza quanto às intenções de outros atores leva as potências a agir de forma agressiva na procura pelo poder (Mearsheimer, 2001). Recorrem, assim, a diferentes mecanismos, como a guerra, a chantagem e as estratégias de *balancing* e *buck-passing* (Mearsheimer, 2001).

Posto isto, surge a necessidade de definir grande potência e *hegemon*. Segundo o Realismo Ofensivo, as grandes potências são definidas com base na sua capacidade militar. Para ser considerado uma grande potência, um Estado necessita de ser capaz de suportar uma guerra convencional contra a potência mais forte do sistema e, mesmo sem derrotá-la, ser capaz de a enfraquecer (Mearsheimer, 2001). O teórico menciona também que, na era nuclear, as potências devem possuir um sistema nuclear forte, ou seja, devem ser potências nucleares (Mearsheimer, 2001). Já um *hegemon* é um Estado que domina todos os outros dentro do sistema internacional, contudo, de acordo com Mearsheimer (2001), a hegemonia global é inalcançável devido a barreiras geográficas, como os oceanos, que dificultam a projeção de poder. Porém, a hegemonia regional é um objetivo viável.

No contexto saudita, apesar de, entre 2015 e 2022, o país não ter alcançado o *status* de grande potência ou *hegemon*, de acordo com a definição de Mearsheimer (2001), encontram-se indícios que existiu um esforço intencional para alcançar este *status*, ou seja, o comportamento da Arábia Saudita revela-se análogo ao comportamento das grandes

potências. Logo, identifica-se uma lacuna significativa na literatura, dado que, apesar do Realismo Ofensivo ser amplamente utilizado para analisar o comportamento das grandes potências, a sua aplicação a potências regionais, como a Arábia Saudita, permanece limitada.

Importa ainda referir o conceito de segurança nacional, entendida como o conjunto de ações destinadas a garantir a integridade territorial, proteger a população e salvaguardar os interesses do Estado (Arrigo, 2018). Apesar de Mearsheimer (2001) não apresentar uma definição formal do termo, o Realismo Ofensivo incorpora-o através da importância da sobrevivência, dado que “(...) *states seek to maintain their territorial integrity and the autonomy of their domestic political order*” (Mearsheimer, 2001, p.31). A este enquadramento acresce a Teoria Geral da Estratégia, que entende a estratégia como o conjunto de meios mobilizados pelo Estado para proteger os seus interesses. Neste contexto, a segurança nacional orienta a estratégia, visto que, é para garantir a soberania, a integridade territorial e a estabilidade interna que o Estado mobiliza e articula os instrumentos (meios) políticos, económicos, psicossociais e militares. Estes pontos são particularmente relevantes, pois permitem situar a presente dissertação no âmbito do Mestrado em Segurança, Defesa e Resolução de Conflitos, o que reforça a coerência entre o enquadramento teórico e a área científica do estudo.

Concluindo, o enquadramento teórico que orienta a presente dissertação interliga a Teoria Geral da Estratégia e o Realismo Ofensivo. A Teoria Geral da Estratégia, em particular, a Estratégia Integral e as suas desmultiplicações oferecem uma estrutura ampla para analisar as diversas dimensões da atuação estratégica da Arábia Saudita e o Realismo Ofensivo proporciona uma perspetiva acerca das dinâmicas de poder e da rivalidade entre os países e, no caso em análise, a procura saudita por uma posição de hegemonia no Médio Oriente.

1.4. Conceitos-Chave

Apesar dos conceitos de Realismo Ofensivo e Estratégia Integral já terem sido definidos na secção do Enquadramento Teórico, a relevância que possuem para a presente

dissertação justifica uma recapitulação. Acrescenta-se ainda o conceito de hegemonia regional, inerente ao realismo ofensivo, mas que importa discriminar.

1.4.1. Estratégia Integral

A Estratégia Integral ou Total, conforme definida por Silva Ribeiro (2009) e Beaufre (1998), respetivamente, refere-se a um conjunto coordenado de ações que envolvem diferentes áreas do poder nacional, com o intuito de atingir os objetivos estratégicos de um Estado (Silva Ribeiro, 2009). Beaufre (1998, p.37) descreve a Estratégia Total como uma “verdadeira pirâmide de estratégias distintas e interdependentes (...)”. De facto, a estratégia não se limita a uma única dimensão, como a militar, mas abrange múltiplos setores (Silva Ribeiro, 2009). O conceito assenta na premissa de que a projeção do poder nacional deve ser “fraccionado e especializado”, ou seja, cada setor do Estado contribui de forma especializada para a concretização dos interesses nacionais (Silva Ribeiro, 2009, p.77). No entanto, a fragmentação não implica ações isoladas, mas sim uma atuação coordenada, com o intuito de garantir que as diferentes iniciativas ocorram de forma coesa (Silva Ribeiro, 2009).

1.4.2. Realismo Ofensivo

Mearsheimer (2001) argumenta, através da teoria do Realismo Ofensivo, que os Estados procuram maximizar o seu poder, num sistema internacional marcado pela anarquia. A anarquia refere-se à ausência de uma autoridade central capaz de garantir a segurança dos Estados, o que os leva a adotar determinados comportamentos com vista a salvaguardar a sua sobrevivência. Labs (1997, p.11) corrobora os pressupostos de Mearsheimer ao afirmar que “*Offensive realism holds that because security and survival are never assured in the international system, states seek to maximize their security by maximizing their relative power and influence where the benefits of doing so exceed the costs*”.

1.4.3. Hegemonia Regional

A hegemonia ocorre quando um Estado ou grupo assume uma posição de domínio sobre outros, não obrigatoriamente através da força, mas através da influência económica, cultural, ideológica, entre outros (Destradi, 2010). Segundo Destradi (2010, p.912 e 913) os

métodos hegemónicos “*can vary from the exertion of pressure to the provision of material incentives, up to the discursive propagation of the hegemon's norms and values. The end of hegemonic behaviour (...) is always primarily the realisation of the hegemon's own goals*”.

Com base na definição de hegemonia anteriormente apresentada, é possível definir o conceito de hegemonia regional. Segundo Mearsheimer (2001), este conceito refere-se à capacidade de uma potência de dominar ou exercer influência total sobre uma região geográfica específica, de forma a garantir a sua segurança. O teórico afirma que os *hegemons* regionais “*dominate distinct geographical areas*” (Mearsheimer, 2001, p.40), o que os distingue dos *hegemons* globais que dominam todo o sistema internacional, o que Mearsheimer (2001) considera impraticável.

1.5. Método

1.5.1. Abordagem Ontológica, Epistemológica e Metodológica

Na presente subsecção torna-se necessário começar por abordar as opções ontológicas e epistemológicas que fundamentam a investigação. A ontologia, enquanto estudo da natureza da realidade e daquilo que existe no mundo, e a epistemologia, que trata das formas e métodos pelos quais o conhecimento é adquirido, são cruciais para fundamentar o enquadramento teórico adotado (Furlong & Marsh, 2010). No que diz respeito à ontologia, a presente dissertação adota uma abordagem fundacionalista e objetiva, de acordo com a definição de Furlong e Marsh (2010). Esta perspetiva defende que existe uma realidade externa e objetiva, que é independente das perceções ou interpretações do observador (Furlong & Marsh, 2010). Relativamente às opções epistemológicas, a dissertação tem um pendor realista. O realismo, tal como o positivismo, parte de uma ontologia fundacionalista e objetiva, mas difere do último ao reconhecer que nem todos os fenómenos são diretamente observáveis e que a teoria é fundamental para inferir as relações causais subjacentes (Furlong & Marsh, 2010).

No que diz respeito ao método quanto à lógica, a presente dissertação adota uma abordagem dedutiva, um processo de raciocínio que parte de uma premissa geral para

alcançar uma conclusão específica (Trochim, 2015). O ponto de partida desta investigação é uma premissa bem definida: a Estratégia Integral da Arábia Saudita assenta nos princípios do Realismo Ofensivo de Mearsheimer, particularmente na procura pela hegemonia regional. O método dedutivo permite, deste modo, dar resposta à pergunta de partida. Portanto, esta investigação acompanha a estrutura clássica da dedução: parte de um referencial teórico consistente, analisa as estratégias concretas da Arábia Saudita e avalia se estas corroboram a tese inicial (Babbie, 2014). Se as estratégias sauditas demonstrarem esforços sistemáticos de maximização do poder e de afirmar uma posição de domínio no Médio Oriente, então a conclusão de que a sua Estratégia Integral enquadra-se nos pressupostos do Realismo Ofensivo, será válida.

Quanto ao procedimento, o estudo de caso é uma abordagem adequada para a presente dissertação, pois permite uma investigação aprofundada de um fenómeno contemporâneo inserido num contexto dinâmico e complexo (Yin, 2014). Yin (2014, p.16) define um estudo de caso em duas vertentes. Primeiro afirma que este *“is an empirical method that investigates a contemporary phenomenon (the “case”) in depth and within its real-world context, especially when the boundaries between phenomenon and context may not be clearly evident”*. E continua,

A case study copes with the technically distinctive situation in which there will be many more variables of interest than data points, and as one result benefits from the prior development of theoretical propositions to guide design, data collection, and analysis, and as another result relies on multiple sources of evidence, with data needing to converge in a triangulating fashion (Yin, 2014, p.17)

Assim, o estudo de caso é adequado para a presente dissertação porque investiga um caso, onde as fronteiras entre o fenómeno, ou seja, a Estratégia Integral saudita que se fundamenta no Realismo Ofensivo e o contexto, portanto, o Médio Oriente enquanto região de confronto entre Estados, não são claras (Yin, 2014).

Neste contexto, o estudo de caso é explicativo, já que este modelo procura fornecer uma análise aprofundada e detalhada das dinâmicas e ações observadas. Assim, para além de permitir descrever as estratégias da Arábia Saudita, procura esclarecer como e porque é

que as estratégias se inserem num projeto de maximização do poder e de garantia de segurança e sobrevivência no sistema internacional (Chopard & Przybylski, 2021; Yin, 2014).

No que diz respeito ao tipo de dados a presente dissertação utilizará métodos mistos, ou seja, quantitativos e qualitativos. De acordo com Creswell e Plano Clark (2007, citado por Creswell, 2009, p.4)

Mixed methods research is an approach to inquiry that combines or associates both qualitative and quantitative forms. It involves philosophical assumptions, the use of qualitative and quantitative approaches, and the mixing of both approaches in a study. Thus, it is more than simply collecting and analyzing both kinds of data; it also involves the use of both approaches in tandem so that the overall strength of a study is greater than either qualitative or quantitative research.

O uso combinado de dados qualitativos⁶ e quantitativos⁷ proporciona uma análise mais profunda das estratégias sauditas e dos efeitos das mesmas, e permite integrar tanto a análise teórica quanto a observação de resultados empíricos. Importa relembrar que a epistemologia realista permite a utilização de dados qualitativos e quantitativos, selecionados mediante a natureza do fenómeno analisado (Furlong & Marsh, 2010).

⁶ São primordiais na análise de várias dimensões da Estratégia Integral, como as Estratégias Gerais Política e Psicossocial. A análise da Estratégia Geral Militar e da Estratégia Geral Económica também incluirá dados qualitativos, no entanto, menos reduzidos. Recorrer-se-á à análise de documentos oficiais, artigos académicos, relatórios de organizações internacionais e notícias.

⁷ Para a recolha dos dados quantitativos serão empregues técnicas como a análise documental de relatórios económicos, o levantamento de dados estatísticos e a consulta de bases de dados de defesa e economia.

1.5.2. Desenho da Investigação

Tabela 1

Desenho da Estrutura de Investigação

Objetivo Geral	Explicar como a Arábia Saudita utiliza uma Estratégia Integral baseada no Realismo Ofensivo para alcançar a hegemonia regional no Médio Oriente, entre 2015 e 2022.		
Pergunta de Partida	De que forma a Arábia Saudita recorre ao Realismo Ofensivo para construir uma Estratégia Integral que conduza a uma hegemonia regional no Médio Oriente, entre 2015 e 2022?		
Objetivos Específicos	Questões Derivadas	Dimensões	Técnicas de Recolha
OE1: Identificar as principais dimensões da Estratégia Integral da Arábia Saudita no período considerado.	QD1: Quais são as principais dimensões da Estratégia Integral da Arábia Saudita no período considerado?	Estratégia Geral Psicossocial (Propaganda, Informação Pública, Contrapropaganda); Estratégia Geral Política (Política Interna, Diplomática); Estratégia Geral Económica (Financeira, Produção, Comércio Externo); Estratégia Geral Militar (Terrestre, Marítima, Aeroespacial).	Análise Documental
OE2: Demonstrar que a Estratégia Integral da Arábia Saudita reflete uma abordagem inspirada no Realismo Ofensivo no período considerado.	QD2: Como é que a Estratégia Integral da Arábia Saudita reflete uma abordagem inspirada no Realismo Ofensivo no período considerado?	Revisionismo; Intervenção militar; Instrumentalização das alianças; Estratégias de contenção; Maximização do poder; Objetivos não securitários.	Análise Documental
OE3: Explorar a eficácia da Estratégia Integral da Arábia Saudita na construção da hegemonia regional no período considerado.	QD3: Qual foi a eficácia da Estratégia Integral da Arábia Saudita na construção de uma hegemonia regional no período considerado?	Coerência com objetivos políticos; Eficácia dos meios empregues; Reação dos contendores; Reforço da posição relativa.	Análise Documental
Quadro Teórico	Teoria Geral da Estratégia; Teoria do Realismo Ofensivo.		
Ontologia e Epistemologia	Fundacionalista, objetiva e realista.		
Método	Quanto ao procedimento: estudo de caso explicativo; Quanto à lógica: dedutivo; Quanto ao tipo de dados: mistos (quantitativos e qualitativos).		

Nota. Elaboração própria.

A dissertação é composta por três capítulos complementares ao atual, um capítulo de conclusões e um capítulo de referências. Importa mencionar que as Tabelas Complementares utilizadas ao longo da investigação encontram-se em Apêndice.

- No capítulo *A Estratégia Integral da Arábia Saudita*, de cariz explicativo, procura-se responder ao OE1 e QD1. Para tal, procedeu-se à análise da Estratégia Integral saudita, as suas Estratégias Gerais e respetivas Estratégias Particulares, partindo de dados qualitativos e quantitativos.
- No capítulo *O Realismo Ofensivo na Estratégia Integral Saudita*, de base analítica, procura-se responder ao OE2 e QD2. Portanto, recorreu-se a dimensões propostas pelo Realismo Ofensivo, como o revisionismo, a intervenção militar, a instrumentalização das alianças, as estratégias de contenção, a maximização do poder e os objetivos não securitários, com o intuito de analisar a Estratégia Integral à luz do Realismo Ofensivo, partindo de dados qualitativos e quantitativos.
- No capítulo *Análise Exploratória da Eficácia Estratégica*, de cariz analítico, pretende-se responder ao OE3 e QD3. Desenvolveu-se um modelo com recurso à Teoria Geral da Estratégia e ao Realismo Ofensivo, com o propósito de explorar a eficácia da Estratégia Integral saudita, dada a inexistência de modelos consolidados. O modelo baseou-se em quatro dimensões: a coerência com os objetivos políticos, a eficácia dos meios utilizados, a reação dos contendores e o reforço da posição relativa face aos mesmos. A cada uma destas dimensões corresponde uma pergunta que é aplicada e respondida por cada uma das Estratégias Particulares em que se desmultiplicam as Estratégias Gerais e a Estratégia Integral saudita.

2. A Estratégia Integral da Arábia Saudita

2.1. Contextualização Histórica

Situada na Península Arábica, uma região de considerável importância geopolítica e religiosa⁸ (Al-Naqeeb, 1990; Ugwoegbu & Umeh, 2021; Zulfqar, 2018), a Arábia Saudita surge no século XVIII, com a aliança entre Muhammad ibn Abd al-Wahhab, um clérigo fundador do *wahhabismo*, e Muhammad ibn Saud, líder da aldeia de Diriya, na região de Najd (Almeida e Silva, 2010; Al-Rasheed, 2010). O *wahhabismo* é um ramo do Islão sunita que defende uma interpretação rigorosa da religião (Almeida e Silva, 2010), ao rejeitar práticas que considera profanas, como a veneração de santos e o uso de ornamentos em mesquitas (Wynbrandt, 2010). Esta aliança deu origem ao Primeiro Estado Saudita, que se expandiu ao conquistar vastas áreas da Península Arábica (Almeida e Silva, 2010; Wynbrandt, 2010).

A expansão *wahhabista*, no entanto, despertou a oposição do Império Otomano, que via a crescente influência da dinastia Al Saud como uma ameaça ao seu controlo sobre o Hijaz⁹ (Wynbrandt, 2010). Em 1818, uma expedição militar otomana, liderada pelo exército egípcio de Muhammad Ali, destruiu Diriya e colocou fim ao Primeiro Estado Saudita (Commins, 2005). Porém, a família Al Saud manteve a sua influência e, em meados do século XIX, estabeleceu o Segundo Estado Saudita, com a capital em Riade (Safran, 1988). Este período foi marcado por conflitos internos e rivalidades tribais, particularmente com a dinastia Rashidi, que acabou por expulsar os Al Saud de Riade em 1891 (Safran, 1988; Wynbrandt, 2010). O último governante da família, Abd al-Rahman ibn Faisal, refugiou-se no Kuwait, onde o filho, Abd al-Aziz ibn Saud cresceu e planeou a reconquista dos territórios

⁸ Ao longo dos séculos, a península foi habitada por tribos nómadas e outras comunidades que disputavam o controlo de territórios estratégicos. Uma das regiões mais relevantes era o Hijaz, onde se encontram as cidades sagradas de Meca e Medina, fundamentais para o Islão (Wynbrandt, 2010), que foi alvo de sucessivas disputas e conquistas por diferentes potências, como os Mamelucos e os Otomanos (Bauden, 2023; Bowen, 2007; Wynbrandt, 2010).

⁹ Região onde se encontram as cidades sagradas do Islão, Meca e Medina (Wynbrandt, 2010).

da família (Almeida e Silva, 2010; Safran, 1988). Em 1902, Abd al-Aziz liderou um exército, recuperou Riade, e iniciou o processo de unificação da península. Ao longo das décadas seguintes, consolidou o seu poder, ao derrotar os Rashidi e os seus aliados otomanos e, por fim, conquistou o Hijaz em 1925 (Wynbrandt, 2010).

O surgimento oficial do atual Reino da Arábia Saudita ocorreu a 23 de setembro de 1932, com a unificação do Najd, do Hijaz e de outras regiões sob a liderança de Abd al-Aziz (Almeida e Silva, 2010; Al-Rasheed, 2010). O novo Estado enfrentou desafios económicos significativos, particularmente, devido à Grande Depressão, que reduziu consideravelmente as receitas do Hajj¹⁰, a principal fonte de rendimento do Reino. No entanto, a descoberta de petróleo em 1935 e o início da produção para comercialização em 1938 (Al-Rasheed, 2010), transformou a economia saudita e garantiu os recursos necessários para modernizar o país (Wynbrandt, 2010).

O Reino da Arábia Saudita, com uma população de 35.3 milhões de pessoas¹¹, está localizado na Península Arábica, e faz fronteira com a Jordânia, o Iraque, o Kuwait, o Catar, os EAU, o Omã, o Iémen e o Bahrain (Loft & Garraway, 2024). O país é uma monarquia absolutista, regido pelas leis islâmicas e liderado pelo rei Salman bin Abdulaziz Al Saud (Loft & Garraway, 2024). O seu filho, MBS, assumiu a pasta ministerial da defesa em 2015, no mesmo ano em que o rei ascendeu ao trono (Claparols, 2023). Em 2017, MBS tornou-se o príncipe herdeiro do Reino e, em 2022, assumiu o cargo de primeiro-ministro (AP news, 2022). Apesar do rei Salman continuar a ser o chefe de Estado, é MBS quem exerce, na

¹⁰ O Hajj é a peregrinação anual a Meca, um dos cinco pilares do Islão e uma obrigação religiosa para todos os muçulmanos que tenham condições financeiras e físicas para realizá-la. Durante o Hajj, os fiéis reúnem-se na cidade sagrada de Meca, na Arábia Saudita (U.S. Embassy of The Kingdom of Saudi Arabia, s/d).

¹¹ De acordo com os dados mais recentes do Banco Mundial, que correspondem ao ano de 2024, a população da Arábia Saudita era de 35.300.280 habitantes. No entanto, ao longo da investigação poderão surgir valores populacionais inferiores, correspondentes aos anos específicos analisados na dissertação (2015–2022) (World Bank Group, 2024).

prática, a liderança do país, e é amplamente reconhecido como o líder *de facto* da Arábia Saudita (Claparols, 2023).

Em suma, ao longo dos séculos, o Reino enfrentou um processo desafiante até atingir a unificação, marcado por disputas tribais, interferências externas e alianças estratégicas. É importante reforçar que o *wahhabismo* desempenhou um papel central neste processo histórico, ao fornecer uma base ideológica para a consolidação do poder dos Al Saud e justificar a expansão territorial em defesa da fé islâmica.

2.2. Estratégia Integral

Para analisar a Estratégia Integral da Arábia Saudita, é necessário, em primeiro lugar, apurar os fatores que condicionam a sua formulação estratégica. Tal como proposto por Silva Ribeiro (2009, p.106), e mencionado no Enquadramento Teórico da presente dissertação,

Os factores de decisão dão corpo às questões a resolver no âmbito da preparação e do emprego do poder nacional, que surgem na formulação e na operacionalização de uma modalidade de acção. Assim, tendo em consideração o conceito de estratégia proposto, são considerados os seguintes factores de decisão: o objectivo fixado pela política; o meio; os meios de coacção; o tempo; o contrário.

Esta afirmação reconhece que a estratégia não se limita à manobra final, mas diz também respeito a todo o processo de formulação e operacionalização que a antecede. Sem esta estrutura de análise, torna-se impossível aferir a lógica que articula as diversas Estratégias Gerais e Particulares enquanto componentes da Estratégia Integral saudita.

A transição na liderança em 2015, com a ascensão de Salman bin Abdulaziz e a acumulação progressiva do poder por parte do seu filho, o príncipe herdeiro, representou uma reconfiguração visível da estratégia do Reino (Rich & Moore-Gilbert, 2019). Esta reconfiguração, conhecida pelos analistas como a Doutrina Salman (Nuruzzaman, 2019), caracteriza-se por uma postura mais assertiva, orientada para a projeção regional do poder, para a diversificação económica e para a redução da dependência em relação aos aliados tradicionais, como os Estados Unidos da América (EUA), entre outros aspetos (Mabon,

2018; Nuruzzaman, 2019; Rich & Moore-Gilbert, 2019). Esta Doutrina reflete a intenção do Reino de se afirmar como ator dominante no Médio Oriente e no mundo árabe, portanto, o objetivo fixado pela política, e como resposta aos desafios da ordem regional pós-Primavera Árabe (González del Miño & Martínez, 2016). De facto, a perceção saudita da Primavera Árabe como um ponto de rutura teve um impacto profundo na orientação estratégica do país (Ghasemi, 2021; González del Miño & Martínez, 2016; Kohli, 2017). A instabilidade e a fragmentação que emergiram após 2011, associadas ao enfraquecimento dos governos em vários Estados árabes e à crescente competição regional, conduziram Riade a considerar que uma era política, económica e social se encerrava (Ekşi, 2017; González del Miño & Martínez, 2016). Para além disso, a ausência de uma potência estabilizadora externa, com os EUA a recuar, a Rússia, a União Europeia e a China com papéis limitados, conferiu aos atores regionais, como a Arábia Saudita, um papel considerável na determinação do equilíbrio de poder no Médio Oriente (González del Miño & Martínez, 2016; Kamrava, 2018).

Porém, o novo contexto regional não altera a perceção saudita do seu principal rival estratégico, o seu contrário, como definido por Silva Ribeiro (2009), ou seja, o Irão (Ekşi, 2017; Jefferson da Silva, 2022; Modebadze, 2018; Settembrini, 2019). Esta perceção de ameaça está profundamente consolidada no pensamento estratégico de Riade, reiterada em discursos oficiais e em ações concretas, já que, segundo González del Miño e Martínez (2019, p.113) “*The Ayatollah regime really represents the only actor capable of shading the Saud*”. No entanto, a rivalidade entre Arábia Saudita e Irão precede a ascensão de MBS em 2015. De facto, desde o início do século XX, os dois países têm-se confrontado¹² devido a

¹² A tensão é visível desde os anos 1920, através dos protestos iranianos devido à destruição de santuários xiitas na Arábia Saudita e a restrições ao Hajj (Gaub, 2016). Com a Revolução Islâmica de 1979 no Irão as hostilidades intensificaram-se, visto que, o novo regime iraniano, reivindicou a liderança do Islão, e portanto, ameaçou diretamente a autoridade simbólica de Riade (Gaub, 2016; Rezaei, 2019). Seguiram-se décadas de confrontos indiretos, nomeadamente o apoio saudita ao Iraque na guerra contra o Irão (1980–1988), confrontos mortais durante as peregrinações a Meca e retórica violenta mútua (Gaub, 2016; Weddington, 2017).

divergências religiosas, ou seja, o *wahhabismo* sunita saudita e o xiismo iraniano e devido a disputas geopolíticas pelo domínio do mundo islâmico e do Médio Oriente (Jefferson da Silva, 2022; Settembrini, 2019; Weddington, 2017). Apesar de momentos pontuais de aproximação diplomática, o conflito intensificou-se a partir dos anos 2000 devido ao desenvolvimento do programa nuclear iraniano e à crescente influência de Teerão em conflitos regionais, como no Iraque, Líbano e Iémen (González del Miño & Martínez, 2016; Weddington, 2017).

É possível observar que a retórica agressiva entre os dois países estende-se ao longo de vários anos. Por exemplo, em 2011, no contexto do início da crise no Iémen, o então presidente iraniano Mahmoud Ahmadinejad afirmou, *“There are some countries in the Middle East region that do not hold even a single election, don’t allow women to drive, but the US and European governments are supporting their undemocratic governments”* (Gaub, 2016, p.3). Já em novembro de 2015, Abdallah al-Askar, presidente do Conselho Consultivo, a *Shura Council*, da Arábia Saudita, declarou, *“The government of Iran, month after month, has proven that it has an ugly agenda in the region”* (Gaub, 2016, p.4). MBS também fez declarações críticas sobre o Irão. Em 2018, considerou o Irão como parte do que designa de triângulo do mal, em conjunto com a Irmandade Muçulmana e a Turquia (Bloomberg, 2018; Goldberg, 2018). Afirmou ainda que *“I believe that the Iranian supreme leader makes Hitler look good”* argumentando que, ao contrário de Hitler, cujo objetivo expansionista limitava-se à Europa, os planos do Irão visam o domínio mundial (Goldberg, 2018, s/p).

No entanto, observa-se que a rivalidade entre a Arábia Saudita e o Irão não se limita à disputa pela liderança religiosa no mundo islâmico. Trata-se, particularmente, de uma luta pelo domínio estratégico do Médio Oriente, o meio em que operam (Darwich, 2018; Windecker & Sendrowicz, 2016). Como afirma Settembrini (2019, p.49) *“The conflict is superficially described by media as a product of the different confessional backgrounds when the core of this rivalry lies in the competition for influence, power in the region and also leadership in the Islamic world”*. De facto, os dois Estados pretendem projetar a sua influência e afirmar-se como potências hegemónicas na região (Windecker & Sendrowicz, 2016). Riade mobilizou, de forma articulada, os diversos meios ao seu dispor, para a

concretização deste objetivo (Hetou, 2019), ou seja, psicossociais, políticos, económicos e militares, que correspondem às Estratégias Gerais e que serão desenvolvidas posteriormente, em conjunto com as Estratégias Particulares que lhe correspondem.

Por fim, o fator tempo assume um papel determinante na formulação estratégica saudita. A perceção da ameaça iraniana já existia antes de 2015, mas a ascensão de MBS criou o contexto político interno para uma resposta mais assertiva (Rich & Moore-Gilbert, 2019). A intervenção militar no Iémen foi decidida poucos meses após a transição de liderança, o que demonstra uma alteração na disposição para o uso da força (González del Miño & Martínez, 2016; Rich & Moore-Gilbert, 2019). De igual modo, as decisões relativas à política petrolífera, como os cortes unilaterais na produção e o alinhamento tático com a Rússia na OPEP+, que serão desenvolvidos de seguida, ocorreram durante a administração Biden, o que demonstra um afastamento estratégico em relação aos EUA, que contrasta com o alinhamento mais previsível durante a administração Trump (Borck, 2023; Gambrell & Associated Press, 2022; Ottaway, 2022). Estes exemplos ilustram a preocupação saudita com o fator tempo, no plano interno e externo, com o intuito de maximizar o impacto das suas ações estratégicas.

2.3. Estratégia Geral Psicossocial

A presente secção analisa, através de exemplos representativos, as várias Estratégias Particulares que integram a Estratégia Geral Psicossocial saudita. Na Estratégia Particular de Propaganda, destaca-se o *sportwashing*. Na Estratégia Particular de Informação Pública, é relevante analisar a influência da Casa Real saudita nos meios de comunicação social do país. Por fim, na Estratégia Particular de Contrapropaganda, recorre-se à análise do caso Khashoggi e às tentativas de eximir a Arábia Saudita e a Casa Real de responsabilidade pela morte do jornalista.

2.3.1. Estratégia Particular de Propaganda

Em primeiro lugar, é importante clarificar o que se entende por propaganda. Bernays (1928, p.25) descreve-a como “*a consistent, enduring effort to create or shape events to*

influence the relations of the public to an enterprise, idea or group". Já de acordo com Jowett e O'Donnell (2015, p.7) "*Propaganda is the deliberate, systematic attempt to shape perceptions, manipulate cognitions, and direct behavior to achieve a response that furthers the desired intent of the propagandist*". Apesar das múltiplas definições existentes, as abordagens apresentadas por Bernays (1928) e Jowett e O'Donnell (2015) serão adotadas como referência para a presente dissertação, pois oferecem uma visão abrangente acerca da natureza da propaganda e destacam o seu caráter estratégico e o seu objetivo de influenciar percepções e comportamentos de forma intencional. No caso da Arábia Saudita, a propaganda manifesta-se de diversas formas, sendo uma das mais relevantes o recurso ao *sportwashing*, que se entende como "*a phenomenon whereby political leaders use sports to appear important or legitimate on the world stage while stoking nationalism and deflecting attention from chronic social problems and human-rights woes on the home front*" (Boykoff, 2022, p.342).

Na Arábia Saudita, o desporto tem sido utilizado como uma ferramenta central na estratégia de propaganda do país, com o objetivo de projetar uma imagem de modernidade e de progresso (Martucci, 2024). Porém, para compreender como e porque é que o *sportwashing* é uma estratégia adotada por Riade, é necessário analisar o panorama dos direitos humanos no país, que tem sido criticado ao longo dos anos por violações sistemáticas dos mesmos, como execuções arbitrárias, desaparecimentos forçados, tortura e restrições à liberdade de expressão (U.S. Department of State, 2022). Como exemplo, em 2022, foram contabilizadas cerca de 148 execuções, das quais uma percentagem significativa correspondeu a membros da minoria xiita, um grupo historicamente marginalizado no país e alvo de repressão estatal (Teitelbaum, 2017; U.S. Department of State, 2022). Existem também vários relatos de desaparecimentos forçados, como o do rapper Omar Shiboba, detido sem uma acusação formal e cujo paradeiro continua desconhecido (U.S. Department of State, 2022). De igual modo, a prática de tortura permanece sistemática nas prisões da Arábia Saudita, como demonstram vários relatos, incluindo o caso do advogado e ativista Mut'ib bin Zafir al-Amri, alegadamente submetido a este tipo de violência, desde 2018, na prisão de Dahban (ALQST, s/d; U.S. Department of State, 2022).

Deste modo, o investimento considerável no desporto tem sido amplamente considerado como uma forma de *sportswashing* (Martucci, 2024). Uma das iniciativas mais relevantes deste processo foi a aquisição do clube de futebol inglês *Newcastle United*, pelo PIF¹³. Esta aquisição foi alvo de um considerável escrutínio internacional, com diversas organizações de direitos humanos a denunciarem-no como um exemplo claro de *sportswashing*, visto que ofereceu ao regime saudita uma oportunidade de promover uma imagem favorável do país através da *Premier League*, uma das competições mais mediáticas do mundo (O’Kelly, 2022). De acordo com O’Kelly (2022, p.25) “*Newcastle is simply a pawn within a much bigger game, as Mohammed bin Salman (MBS) has recognised the ability of sport to launder a state’s tarnished image*”.

Porém, é importante reconhecer que o *sportwashing* também desempenha um papel fundamental a nível interno, visto que “a população saudita é jovem (...) e anseiam pela abertura do Reino e adoção de certos costumes ocidentais” (Pereira, 2023, p.30). Deste modo, para além da aquisição de clubes estrangeiros, a Arábia Saudita tem direcionado quantias significativas para a realização de eventos desportivos no país. No futebol, destacam-se a realização da Supertaça de Espanha, a partir de 2020 e da Supertaça de Itália, a partir de 2019, competições que reúnem clubes europeus de prestígio internacional (Yüçetürk & Keskin, 2022). O investimento em desportos motorizados também foi significativo, com a Arábia Saudita a garantir a realização do *Rali Dakar*, entre 2020 e 2030, e do Grande Prémio da Arábia Saudita de Fórmula 1, desde 2021 (Yüçetürk & Keskin, 2022). Outros eventos incluem combates de boxe, como o confronto entre Andy Ruiz e Anthony Joshua em 2019, e o patrocínio de competições como o *Snooker Masters World Championship*, entre 2020 e 2030 (Yüçetürk & Keskin, 2022).

¹³ O PIF será analisado com maior detalhe na secção da Estratégia Geral Económica.

Em suma, a estratégia de *sportwashing* adotada pela Arábia Saudita é um elemento central da estratégia de propaganda do país e exerce influência, concomitantemente, na esfera internacional e no domínio interno.

2.3.2. Estratégia Particular de Informação Pública

A informação pública

é um bem público, tangível ou intangível, com forma de expressão gráfica, sonora e/ou iconográfica, que consiste num patrimônio cultural de uso comum da sociedade e de propriedade das entidades/instituições públicas da administração centralizada, das autarquias e das fundações públicas. A informação pública pode ser produzida pela administração pública ou, simplesmente, estar em poder dela, sem o status de sigilo para que esteja disponível ao interesse público/coletivo da sociedade. Quando acessível à sociedade, a informação pública tem o poder de afetar elementos do ambiente, reconfigurando a estrutura social (Batista, 2010, p.40).

Ou seja, a informação pública é um bem de natureza coletiva, gerido ou produzido pelo Estado, que deve estar acessível à sociedade (Batista, 2010).

No contexto da Arábia Saudita, a difusão da informação pública ocorre num ambiente mediático consideravelmente controlado pelo Estado (AlAshry, 2023). O acesso a fontes primárias, como comunicados de imprensa e publicações institucionais direcionadas para o público saudita, é limitado para o público internacional, tanto pela barreira linguística como pela indisponibilidade de alguns documentos e artigos na *internet*. Dada a limitação no acesso a fontes primárias, torna-se crucial analisar o controlo estatal exercido sobre os meios de comunicação sauditas, que poderiam servir como fontes para a divulgação de informações públicas. No entanto, é necessário recorrer aos relatórios da ALQST (2018) e da Amnistia Internacional (2021), entre outros, que revelam uma realidade de censura, perseguição de jornalistas e dissidentes, e um uso considerável da tecnologia para reprimir qualquer forma de expressão crítica.

Em primeiro lugar, os meios de comunicação social na Arábia Saudita são controlados de forma total pelo governo, portanto, não existe liberdade de imprensa (ALQST, 2018). De

facto, a Arábia Saudita não assegura constitucionalmente a liberdade de imprensa, visto que o Artigo 39 da Lei Básica saudita especifica que

Media and all means of expression shall use appropriate language and adhere to the laws of the State and shall contribute to educating the nation and supporting its unity. Any content that leads to sedition and division, undermines the security of the State or its public relations, or adversely affects the dignity and rights of human beings shall be prohibited (...) (Basic Law of Governance, 1992).

Portanto, qualquer artigo que critique o governo ou questione as políticas do mesmo pode resultar em penalizações (AlAshry, 2023). É relevante destacar o papel da *Al Arabiya*, criada em 2003, que se transformou na principal voz do Estado saudita. Em 2017, o governo assumiu o controlo direto da emissora após deter o seu proprietário, Waleed Al Ibrahim, num alegado caso de corrupção, forçando-o a entregar a *Al Arabiya* ao Estado (Pintak, 2023). Desde então, a emissora tem seguido de forma rigorosa a agenda política saudita, o que reflete a ausência de independência dos meios de comunicação no país (Pintak, 2023). Para além disso, as autoridades bloqueiam *websites* que possam ser de interesse público, incluindo os de organizações internacionais, o que impede o acesso da população saudita a informações pertinentes à mesma (ALQST, 2018). As restrições abrangem também a perseguição ativa de jornalistas, escritores e ativistas que criticam o regime. Muitos destes foram detidos e condenados a longos períodos de prisão, muitas vezes após julgamentos iníquos no Tribunal Criminal Especializado, criado para julgar ações terroristas, mas amplamente utilizado para condenar opositores políticos e jornalistas (Amnesty International, 2021).

A repressão dos meios de comunicação na Arábia Saudita tem sido sistemática, refletindo-se nos sucessivos *rankings* internacionais acerca da liberdade de imprensa. O Índice de Liberdade de Imprensa da Repórteres Sem Fronteiras posiciona regularmente o

país numa posição desfavorável, que varia entre 164 e 172¹⁴, como é possível observar na **Tabela 2**.

Em suma, é possível afirmar que, devido ao controlo estatal dos meios de comunicação na Arábia Saudita, a informação pública é também supervisionada, e funciona como um meio ao serviço dos interesses do Estado.

2.3.3. Estratégia Particular de Contrapropaganda

Garrison (1999, p.6) define contrapropaganda como “*actions to discredit an adversary's use of broadcast media to support their national objectives by influencing the opinions, emotions, attitudes, or behavior (...)*”. Ou seja, trata-se de uma estratégia para neutralizar a propaganda inimiga, de forma a impedir que a mesma tenha impacto sobre determinado público (Garrison, 1999).

Na ótica de Vitale (2022), Arábia Saudita recorre a campanhas de desinformação para projetar uma imagem favorável do regime, particularmente no Ocidente¹⁵, e neutralizar opositores. Devido aos vastos recursos económicos que dispõe, emprega indivíduos para operar contas falsas nas redes sociais, conhecidas como *troll armies*, que difundem propaganda pró-governamental e atacam opositores políticos¹⁶ (Benner et al., 2018; Vitale, 2022). Para além disso, Riade investe em *softwares* de espionagem sofisticados, como o

¹⁴ No referido índice, a classificação 1 indica o grau máximo de liberdade de imprensa e a classificação 180 o grau mínimo.

¹⁵ Entende-se por Ocidente a civilização marcada pela tradição clássica greco-romana, pelo cristianismo ocidental, pelo Estado de direito, pelo pluralismo político e social e pelo individualismo (Huntington, 1996).

¹⁶ Apesar da presente Estratégia Particular abordar apenas o caso Khashoggi, importa referir que a Arábia Saudita também recorreu a campanhas de contrapropaganda digital no contexto da crise com o Catar, através da utilização de *bots* e contas falsas para promover mensagens anti-Catar nas redes sociais. Para uma análise detalhada, consultar o artigo de Barrie e Siegel (2021): *Kingdom of Trolls? Influence Operations in the Saudi Twittersphere*.

Pegasus¹⁷, para monitorar ativistas, jornalistas e críticos do regime, dentro e fora da Arábia Saudita (AlAshry, 2023; Vitale, 2022).

Um dos exemplos mais marcantes da contrapropaganda saudita, no período em análise, é o caso Khashoggi. Jamal Khashoggi, um jornalista saudita e crítico do regime, foi assassinado a 2 de outubro de 2018 no consulado da Arábia Saudita em Istambul, na Turquia, onde se deslocou para obter documentos pessoais (Karatas, 2022; McKernan, 2018). O caso gerou grande repercussão internacional, uma vez que Khashoggi era um opositor fervoroso de MBS (Karatas, 2022). Primeiro, a Arábia Saudita negou ter envolvimento na morte do jornalista e afirmou que Khashoggi tinha saído do consulado, após obter os documentos que precisava (Al-Rawi, 2021; McKernan, 2018). Porém, após crescente pressão internacional e a divulgação de algumas provas comprometedoras, Riade admitiu que o jornalista foi morto por agentes sauditas, no entanto, de forma não premeditada (Al-Rawi, 2021; BBC, 2021).

Após o assassinato de Khashoggi, a Arábia Saudita implementou uma estratégia de contrapropaganda para controlar a narrativa do sucedido e minimizar o impacto negativo para o regime (Barrie & Siegel, 2021). De facto, horas após o desaparecimento do jornalista, uma rede de *trolls* sauditas iniciou uma campanha coordenada para desacreditá-lo, apresentando-o como terrorista e espião ao serviço do Catar e da Turquia (Al-Rawi, 2021). Foram criadas *hashtags* como *#Jamal_Khashoggi_play* para sugerir que o seu desaparecimento foi uma encenação preparada pelos inimigos do regime, e milhares de *tweets* foram disseminados para reforçar esta versão (Al-Rawi, 2021).

Já a imprensa saudita, nomeadamente a *Arab News*, adotou uma postura defensiva e acusou a Turquia e o Catar de explorarem o caso para prejudicar a Arábia Saudita (Karatas, 2022). De acordo com a análise de Karatas (2022, p.667) que incide sobre vários artigos

¹⁷ Pegasus é um *software* de espionagem de origem israelita, que permite ter acesso a mensagens, chamadas, ficheiros, localização, e também ao microfone e à câmara de um dispositivo eletrónico, sem o conhecimento do utilizador (Marzocchi & Mazzini, 2022).

publicados na *Arab News* acerca do caso Khashoggi, “*It seems that the first strategy of authors is to whitewash MBS and the Saudi regime*”.

Na Academia saudita, apesar da escassez de artigos disponíveis online e em línguas não-árabes, existem autores que apresentam uma visão distinta sobre os eventos controversos, como o caso Khashoggi. Kéchichian (2018), um cientista político, *senior fellow* do *King Faisal Center for Research and Islamic Studies* em Riade, argumenta que a morte do jornalista foi instrumentalizada e é parte central de uma campanha de ataque contra a Arábia Saudita, que tem por base fontes turcas, que, na opinião do teórico, não são fidedignas. Kéchichian (2018) expõe as ligações do jornalista a figuras influentes no Catar e à Irmandade Muçulmana¹⁸ e sugere que o caso Khashoggi deve ser entendido no contexto das rivalidades geopolíticas do Médio Oriente, uma vez que o jornalista mantinha relações próximas com atores políticos que se opõem à Arábia Saudita. Para além disso, o autor critica a difusão mediática do caso através dos meios de comunicação ocidental, que, na sua opinião, procuram difamar a Arábia Saudita e ignorar os esforços de modernização do país (Kéchichian, 2018).

Concluindo, a contrapropaganda é uma estratégia fundamental para proteger a imagem do país, particularmente em momentos críticos. O caso Khashoggi demonstra como a Arábia Saudita utiliza múltiplos canais de comunicação para controlar a perceção pública e minimizar os impactos negativos, a nível nacional e internacional.

¹⁸ A Irmandade Muçulmana, fundada no Egito em 1928, é uma organização islâmica, que procura unificar os países de maioria islâmica e promover a doutrina religiosa. Atua através da política e de ações sociais, e defende a participação ativa dos muçulmanos na vida política. Riade considera-a uma fonte de instabilidade, visto que a sua capacidade de mobilização pode fomentar a contestação ao regime (Mashino, 2021).

2.4. Estratégia Geral Política

No âmbito da análise da Estratégia Geral Política da Arábia Saudita, a presente secção dedica-se ao estudo das duas vertentes fundamentais que a compõem: a Estratégia Particular de Política Interna e a Estratégia Particular Diplomática (Silva Ribeiro, 2009). A análise da estratégia de política interna incidirá sobre as transformações sociais e políticas promovidas no período destacado, principalmente, no papel desempenhado pelo plano *Vision 2030*. No que se refere à estratégia diplomática, a análise será dividida em dois eixos complementares. O primeiro diz respeito à utilização da diplomacia coerciva, observada na crise do Catar de 2017. O segundo eixo incidirá sobre as alianças estratégicas, com especial destaque para as relações entre a Arábia Saudita e os EAU, os EUA e Israel, parceiros estratégicos cujas interações influenciam diretamente a projeção de poder saudita na região.

2.4.1. Estratégia Particular de Política Interna

Dada a diversidade de interpretações acerca do conceito de política interna, esta dissertação adota a definição presente no *Cambridge Dictionary* (s/d, s/p), que a considera "*the set of decisions that a government makes relating to things that directly affect the people in its own country*". Esta definição aproxima-se do termo em inglês *domestic policy*.

A análise desta estratégia deve, portanto, começar pelo estudo da reconfiguração política promovida pelo *Vision 2030*, fundamental para a consolidação do poder de MBS (Leber, 2025). Ao assumir cargos estratégicos, como ministro da Defesa e a chefia do Conselho de Assuntos Económicos e de Desenvolvimento (CEDA), o príncipe herdeiro passou a controlar diretamente as principais decisões do Estado, incluindo a implementação do *Vision 2030* (Leber, 2025). A centralização do seu poder também viabilizou a eliminação de rivais políticos dentro da família real, crucial para MBS consolidar o controlo do aparelho estatal (Leber, 2025). Um dos episódios mais significativos que corroboram esta premissa ocorreu a 4 de novembro de 2017, quando dezenas de príncipes, empresários e oficiais sauditas foram detidos no Hotel Ritz-Carlton de Riade, numa operação designada como anticorrupção (Human Rights Watch, 2019; Teruel, 2022). Entre os detidos encontrava-se o príncipe Miteb bin Abdullah, chefe da Guarda Nacional Saudita (SANG). Ao contrário do

Exército e das forças de segurança, a SANG era, tradicionalmente, controlada pela linhagem do rei Abdullah, tio de MBS, o que representava um obstáculo ao domínio absoluto do príncipe herdeiro (Human Rights Watch, 2019; Matthiesen, 2017). Com esta detenção, "*MBS seems to directly or indirectly control every branch of the armed forces*" (Matthiesen, 2017, s/p). Para além disso, a operação culminou na detenção de vários empresários com investimentos em diferentes setores estratégicos da economia saudita, incluindo o setor financeiro e de telecomunicações, como o príncipe Alwaleed bin Talal (Kirkpatrick, 2017; Matthiesen, 2017).

A centralização do poder na Arábia Saudita também afetou a elite religiosa *wahhabita*, tradicionalmente, aliada do regime (Ottaway, 2021). Ao contrário dos seus antecessores, que governavam num equilíbrio entre a monarquia e a elite religiosa, MBS reduziu de forma significativa a influência dos *wahhabitas* no governo (Abdullaeva, 2023; Ottaway, 2021). Um dos exemplos mais notórios foi o enfraquecimento da polícia religiosa, a *mutaween*, subordinada à Comissão para a Promoção da Virtude e Prevenção do Vício (Abdullaeva, 2023; Mouline, 2022). Esta organização, que controlava a vida pública de forma rígida, perdeu grande parte da sua autoridade quando o príncipe saudita proibiu o patrulhamento e marginalizou clérigos influentes, retirando-lhes o papel político que antes possuíam (Ottaway, 2021). Segundo Ottaway (2021, p.202), estas reformas fazem parte de uma estratégia que pode ser entendida da seguinte forma:

Instead of relying on Wahhabi clerics and their millions of followers, MBS was building a new base composed of Saudi youth and women thirsting for the reforms he promised and quickly began to implement. The glue for this new base was Saudi nationalism with MBS as the great reformer.

A nível social, o *Vision 2030* impulsionou uma série de transformações profundas no tecido social saudita, incluindo a flexibilização das normas religiosas e culturais. Destaca-se o fim da proibição da condução para as mulheres, uma decisão implementada em 2018 que simbolizou um avanço na autonomia feminina (Grand & Wolff, 2020; Sergeenkova, 2024). Para além disso, foram introduzidas medidas para reduzir as restrições do sistema de tutela masculina, o que permitiu que as mulheres viajem para o estrangeiro e tomem decisões

personais sem a necessidade de autorização por parte de um tutor do sexo masculino (Grand & Wolff, 2020; Sergeenkova, 2024). A presença feminina em espaços públicos e culturais também se expandiu, com a abertura de estádios, cinemas e eventos musicais para mulheres, algo que, anteriormente, era limitado (BBC, 2018; Sergeenkova, 2024).

Por fim, o plano *Vision 2030* fomentou a transição para um modelo económico assente no setor privado, que provocou o desenvolvimento de um amplo programa de privatizações, o que reflete os esforços do governo para reduzir a dependência das receitas do petróleo e diversificar a economia (Chara, 2018; Kinninmont, 2017). Estas mudanças implicaram a redução de benefícios, historicamente concedidos à população e afetaram, sobretudo, os trabalhadores do setor público que constituem uma parcela significativa da força de trabalho no país (Chara, 2018; Kinninmont, 2017; Stenslie, 2015).

Em suma, a Estratégia Particular de Política Interna da Arábia Saudita, orientada pelo *Vision 2030*, reflete um processo de transformação profundo da estrutura política e social do país. A centralização do poder, apesar de implícita, tornou-se um dos pilares fundamentais da estratégia e permitiu ao príncipe herdeiro consolidar o poder e superar os obstáculos representados por antigas fontes de poder como a elite religiosa e outros ramos da família real. Este processo de centralização facilitou, portanto, a implementação das reformas anunciadas no *Vision 2030*.

2.4.2. Estratégia Particular Diplomática

De acordo com Cornago (2008, p. 574) a diplomacia é: “*the conduct of international relations by negotiation and dialog or by any other means to promote peaceful relations among states*” e continua, “*diplomacy is also a set of practices, institutions, and discourses which is crucial for the basic understanding of the historical evolution of the international system and its evolving functional and normative needs*”. No entanto, a diplomacia não se limita à negociação pacífica, mas pode também incluir a coerção, através da ameaça do uso da força, com o intuito de influenciar o comportamento de outros Estados (Cornago, 2008; Markwica, 2018). Smith (2012, p.3) entende que a diplomacia coerciva “*refers to the diplomatic strategies States undertake when their interests are opposed by other States*”. E

complementa, “(...) *modern coercive diplomacy* (...) *refers to an increasingly sophisticated set of non-military instruments deployed unilaterally and multilaterally to extract change in “target States” behavior*”. O teórico afirma também que a diplomacia coerciva recorre a diversos instrumentos (meios), em conjunto ou individualmente, que têm como objetivo coagir os Estados a alterar o seu comportamento sem recorrer diretamente à guerra¹⁹.

A crise diplomática de 2017, na qual a Arábia Saudita e os seus aliados impuseram um bloqueio ao Catar, representa um caso paradigmático do recurso à diplomacia coerciva²⁰. Esta crise teve início a 5 de junho de 2017, quando a Arábia Saudita, os EAU, o Egito e o Bahrein cortaram relações diplomáticas com o Catar e impuseram um bloqueio terrestre e aéreo ao país²¹ (Nephew, 2020; Ulrichsen, 2017). As justificações apresentadas incluíam o suposto apoio do Catar a grupos extremistas e a sua relação de proximidade ao Irão (Nephew, 2020). No entanto, o bloqueio reflete a tentativa da Arábia Saudita de reforçar a sua posição de domínio na região do Golfo, ao impor requisitos que obrigariam o Catar a alinhar-se militarmente, politicamente e economicamente com os interesses sauditas (Negri, 2018). A

¹⁹ Podem incluir as sanções económicas, que podem ser restrições comerciais, embargos e congelamento de ativos. Para além disso, utilizam-se medidas diplomáticas, como a retirada de embaixadores do país alvo ou suspender um Estado de organizações internacionais. Recentemente, surgiram sanções direcionadas, que visam indivíduos ou entidades específicas, através de proibições de viagem e bloqueios de recursos financeiros (Smith, 2012).

²⁰ A crise de 2017, não é um episódio isolado. Outro incidente ocorreu em novembro de 2017, quando o então primeiro-ministro libanês Saad Hariri anunciou a sua demissão a partir de Riade, numa situação marcada por fortes suspeitas de coação por parte das autoridades sauditas. O episódio inseriu-se nas tentativas da Arábia Saudita de conter a influência do Hezbollah e do Irão no Líbano, e terminou com a mediação diplomática francesa e o regresso de Hariri a Beirute, onde revogou a renúncia (ACRPS, 2021; Bassam & Perry, 2017; Rich & Moore-Gilbert, 2019).

²¹ É importante referir que a relação antagónica entre o Catar e a Arábia Saudita é anterior ao período em análise na presente dissertação, visto que se intensificou a partir dos anos 90, quando Doha adotou uma política externa mais independente (Kawakibi, 2022).

crise de 2017 ocorreu também no que Negri (2018) considera um momento de frustração para Riade, que não conseguiu alcançar os seus objetivos na guerra na Síria e no Iémen²².

A Arábia Saudita utilizou vários instrumentos de diplomacia coerciva contra o Catar, incluindo o bloqueio económico e comercial, referido anteriormente, e que conduziu ao encerramento da fronteira terrestre com a Arábia Saudita, fundamental para o fornecimento de bens e serviços ao Catar, e a proibição do uso do espaço aéreo saudita, emiradense e baremita, o que afetou significativamente o transporte de mercadorias (Khalailah, 2019; Parvathy, 2021). Para além disso, a coligação liderada pela Arábia Saudita procurou obter apoio internacional para isolar diplomaticamente o Catar e procurou influenciar os EUA e a União Europeia a aderirem à campanha de sanções, no entanto, sem obter um sucesso significativo (Nephew, 2020). Outro mecanismo de diplomacia coerciva utilizado foi a imposição de 13 exigências²³ para o fim do bloqueio (El Taki, 2024; Negri, 2018; Parvathy, 2021). Em paralelo, a Arábia Saudita e o bloco promoveram uma intensa campanha mediática para apresentar o Catar como um Estado que apoia o terrorismo, uma estratégia concebida para afetar a reputação internacional do país e transformá-lo num estado pária (El Taki, 2024; Rodrigues, 2019). Como exemplo, os EAU financiaram e organizaram eventos em *think tanks* norte-americanos para vincular o Catar e o Irão a atividades extremistas (El Taki, 2024).

²² A análise da participação saudita nos conflitos da Síria e do Iémen encontra-se desenvolvida no terceiro capítulo, em particular, nas subsecções 3.2.1 e 3.2.2, por uma questão de gestão do espaço e de equilíbrio da presente dissertação.

²³ Em 2017, a Arábia Saudita e outros países árabes exigiram ao Catar o corte de relações com o Irão; o encerramento da base militar turca e da cooperação com a Turquia; o fim do apoio à Irmandade Muçulmana, ao Hezbollah e a outros grupos considerados terroristas; a extradição de indivíduos procurados; o fim da concessão de cidadania a dissidentes do bloco; o pagamento de indemnizações; o alinhamento político, económico e militar com os países do Golfo; o fim do apoio a opositores políticos e o encerramento de canais de comunicação social como a *Al Jazeera*, *Arabi21*, *Al Jadeed* e *Middle East Eye*. O cumprimento seria monitorizado por auditorias mensais no primeiro ano, trimestrais no segundo e anuais durante os dez anos seguintes (Al Jazeera, 2017).

Na segunda parte da análise da Estratégia Particular Diplomática, torna-se necessário examinar as alianças estratégicas da Arábia Saudita, sobretudo aquelas que se presume contribuirão de forma mais significativa para a Estratégia Integral do país. Para a presente dissertação, adotou-se a definição de Walt (2019, p.1) que as entende como

(...) as a formal or informal relationship of security cooperation between two or more sovereign states. This definition assumes some level of commitment and an exchange of benefits for both parties; severing the relationship or failing to honor the agreement would presumably cost something, even if it were compensated in other ways.

A estratégia diplomática da Arábia Saudita é orientada para a necessidade de garantir a estabilidade interna do regime e afirmar o seu papel regional e internacional (Lima, 2023). Destaca-se a contenção da influência iraniana (AlFaisal & Ali, 2024; Ali, 2025; Hetou, 2019; Lima, 2023), o reforço da autonomia estratégica através da diversificação de parcerias com potências como a China, a Rússia e o Sul Global (Ali, 2025; Hetou, 2019; Lima, 2023), e a procura pela centralidade na gestão de conflitos regionais e na liderança do mundo islâmico (AlFaisal & Ali, 2024).

Na análise das alianças entre a Arábia Saudita e outros Estados, é fundamental explorar as motivações que conduzem e justificam as parcerias e os desafios que resultam das mesmas. Para tal, é necessário começar por examinar a relação entre a Arábia Saudita e os EAU, uma das alianças mais relevantes da região.

Os EAU e a Arábia Saudita compartilham preocupações securitárias, particularmente, em relação ao Irão e aos movimentos oriundos da Primavera Árabe (Donelli, 2020). A convergência em questões securitárias expressou-se na intervenção militar conjunta no Iémen (Mason, 2023) e no bloqueio ao Catar (Van Slooten, 2019). Os dois países também convergem na área económica, como é visível no reforço das relações com o Egito. A Arábia Saudita forneceu 3 mil milhões de dólares ao banco central egípcio em 2021 e o comércio entre Abu Dhabi e Cairo cresceu para 4,1 mil milhões em 2020 (Mason, 2023). Estes investimentos refletem um interesse comum na estabilidade económica da região e no fortalecimento dos aliados.

Apesar da forte cooperação, a rivalidade económica entre os dois países é visível. A Arábia Saudita e os EAU têm adotado estratégias de diversificação com o intuito de reduzir a dependência do petróleo, o que os coloca como concorrentes diretos (Ereli, 2025). Por exemplo, a decisão saudita de transferir as sedes regionais de empresas estrangeiras para o Reino, em 2021, afetou diretamente os EAU, que, tradicionalmente, concentrava as sedes no Dubai (Roll, 2023). As divergências também se refletem nas questões petrolíferas. Os EAU procuraram instituir o seu petróleo como referência internacional, o que desafiou a liderança tradicional da Arábia Saudita na definição dos preços da OPEP (Mason, 2023).

Outra divergência entre Riade e Abu Dhabi manifestou-se na condução da guerra no Iémen. Inicialmente, os dois países procuraram combater os rebeldes Houthis, todavia, os EAU, gradualmente, concederam prioridade à sua influência no sul do país e garantiram apoio a grupos separatistas (Van Slooten, 2019). Por outro lado, a Arábia Saudita procurou criar um governo central forte e alinhado com os seus interesses (Van Slooten, 2019).

Já a relação entre os EUA e a Arábia Saudita tem sido, historicamente, marcada por um pragmatismo com base em interesses estratégicos e não em valores compartilhados (Cammack, 2017). A origem da aliança remonta a 1945, quando Washington estabeleceu um acordo que oferecia segurança ao Reino em troca de acesso privilegiado aos recursos energéticos sauditas (Cammack, 2017; Martínez, 2020). Contudo, tensões emergiram durante o governo de Barack Obama, principalmente, devido ao acordo nuclear com o Irão, o *Joint Comprehensive Plan of Action (JCPOA)*²⁴, que Riade considerou um risco por potenciar o fortalecimento da posição regional de Teerão (Cammack, 2017). A perturbação na relação entre os EUA e a Arábia Saudita agravou-se com a redução da dependência americana do petróleo do Médio Oriente (Cammack, 2017; Jabbour, 2016), um fator que,

²⁴ O JCPOA é um acordo nuclear, assinado em 2015, entre o Irão e o grupo E3/EU+3 (Alemanha, França, Reino Unido, União Europeia, EUA, Rússia e China) para limitar o programa nuclear iraniano em troca do levantamento gradual das sanções a Teerão. Os EUA saíram do acordo em 2018 (Strategic Communications, 2021).

em conjunto com questões relacionadas às supostas violações de direitos humanos por parte de Riade, causou um distanciamento crescente entre os dois países (Mehdi et al., 2024).

Outra fonte de desentendimento entre os dois históricos aliados é a percepção saudita de um distanciamento estratégico por parte dos EUA. Este sentimento intensificou-se com o afastamento de Washington de aliados como Mubarak, no Egito, e com a aproximação a Teerão durante a administração Obama, o que gerou apreensão no Reino (Lima, 2023; Rynhold & Yaari, 2019). Logo, MBS procurou reduzir a dependência da proteção militar norte-americana, e estabelecer novas parcerias militares e económicas, nomeadamente com a Rússia (Ehteshami, 2018; Gonçalves, 2023; Lima, 2023) e a China (Mehdi et al., 2024).

No entanto, durante a administração Trump, o relacionamento entre os EUA e a Arábia Saudita foi, significativamente, fortalecido. Entre 2017 e 2021, Trump deu prioridade à cooperação com Riade, em particular, nas áreas da segurança e da economia (Thompson, 2018; United States Congress, 2017). A visita de Trump a Riade, em 2017, originou uma "*Strategic Partnership for the 21st Century*", que incluiu um pacote de vendas de armas à Arábia Saudita no valor de 110 mil milhões de dólares. Esta parceria intensificou-se devido ao alinhamento estratégico entre os dois países contra o Irão, visto que ambos compartilham preocupações acerca do que entendem ser a crescente influência iraniana no Médio Oriente (Martínez, 2020; United States Congress, 2017).

Por fim, é importante mencionar a relação estratégica entre a Arábia Saudita e Israel, que, apesar de não formal, intensificou-se nos últimos anos. Historicamente, a relação foi marcada por antagonismos, em particular, devido à questão palestiniana, sendo que a criação de um Estado da Palestina continua a ser considerada por Riade condição *sine qua non* para a normalização das relações (Abadi, 2019; Xu et al., 2021; Zisser, 2019). No entanto, eventos como os Acordos de Oslo²⁵ representaram uma oportunidade para um processo gradual de

²⁵ O Acordo de Oslo foi um tratado de paz assinado em 1993 entre Israel e a Organização para a Libertação da Palestina (OLP) com a mediação dos EUA e da Noruega. Foi a primeira vez que Israel reconheceu oficialmente

reconciliação (Xu et al., 2021). Já em 2020, a Arábia Saudita permitiu que aliados, como os EAU e o Bahrein, normalizassem as suas relações com Israel através dos Acordos de Abraão²⁶, um gesto simbólico que corrobora a redução das tensões bilaterais (Xu et al., 2021).

A principal força motriz que proporcionou a aproximação recente entre os dois países é a ameaça comum que acreditam ser representada pelo Irão, principalmente, o desenvolvimento do programa nuclear de Teerão e a sua atuação regional, interpretada como ambição hegemónica (Abadi, 2019; Schueftan, 2017; Xu et al., 2021). Complementarmente, Israel e a Arábia Saudita compartilham uma desconfiança crescente em relação aos EUA, em particular, após o fim das intervenções militares americanas na região (Xu et al., 2021; Zisser, 2019). Por fim, outro fator importante que explica o crescente alinhamento entre os dois países é a transformação interna da Arábia Saudita, a nível social e económico. De acordo com Xu et al. (2021, p.285) "*(...) Saudi Arabia's ideas and culture will be more and more similar to Israel's democratic politics*".

Em suma, a diplomacia da Arábia Saudita articula práticas coercivas e alianças estratégicas com o objetivo de consolidar a posição regional do Reino. Observa-se também que a contenção do Irão é um fator determinante na formulação da política externa saudita, o que leva a considerá-lo o seu principal contrário estratégico e aquele com quem os processos de interação estratégica são mais disjuntivos.

a OLP como representante legítima do povo palestino e a OLP reconheceu o direito de Israel a existir e concordaram em procurar uma solução negociada para o conflito israelo-palestino (Alkidwa, 2019).

²⁶ Os Acordos de Abraão foram um conjunto de acordos, assinados em 2020, com o objetivo de atingir a normalização diplomática entre Israel, os EAU e o Bahrein, com a mediação dos EUA. O nome faz referência ao patriarca Abraão, uma figura central nas três religiões abraâmicas, o judaísmo, o cristianismo e o islamismo, o que simboliza a procura pela coexistência pacífica entre os povos (Forgues Alter & Janardhan, 2021).

2.5. Estratégia Geral Económica

A presente secção é dedicada à análise da Estratégia Geral Económica da Arábia Saudita, a qual se subdivide em três Estratégias Particulares distintas. Em primeiro lugar, será analisada a Estratégia Particular Financeira, com destaque para o papel do PIF enquanto instrumento fundamental para a concretização de investimentos internos e externos. Em segundo lugar, será abordada a Estratégia Particular de Produção, em particular, a produção de petróleo, com o objetivo de demonstrar de que forma este recurso é mobilizado como ferramenta estratégica do Reino. Por fim, será analisada a Estratégia Particular de Comércio Externo saudita, a partir do estudo das trocas comerciais com a China, os EUA e a Rússia, retirando-se, posteriormente, conclusões acerca das dinâmicas comerciais bilaterais.

2.5.1. Estratégia Particular Financeira

Para se analisar adequadamente a Estratégia Particular Financeira da Arábia Saudita, é inevitável, em primeiro lugar, a clarificação conceptual do termo "finanças". De acordo com Das (2007, p.93) *“finance refers to funds or monetary resources required by individuals, business houses, and the government to purchase all types of goods and services”*, e continua *“In a strict sense, it refers to funds required for the conduct of business and government activity”*. Uma definição igualmente relevante encontra-se no *Dictionary of Political Economy*, que afirma que a aceção predominante de finanças *“denote dealings with wealth or capital, most frequently, however, in respect to the management of public or state wealth”* (Palgrave, 1891, p.914). Assim, é possível identificar, com base nas definições apresentadas, a importância das finanças como instrumento de viabilização dos objetivos estratégicos dos atores políticos.

Neste contexto, torna-se imprescindível destacar o papel central do PIF na estratégia financeira do Reino. Criado em 1971 como um fundo de desenvolvimento destinado a apoiar empresas públicas sauditas, o PIF foi reconvertido, com o lançamento do *Vision 2030* (McPherson-Smith, 2021). Passou a procurar transformar-se num dos maiores fundos

soberanos²⁷ do mundo e a desempenhar um papel mais ativo do que os modelos tradicionais, na transformação económica e como instrumento de projeção internacional do Reino (Flynn & Aldamer, 2024). Importa destacar que, com a crescente centralização do poder na Arábia Saudita, o PIF²⁸ passou a ser gerido de forma direta pelo Príncipe Herdeiro²⁹.

Posto isto, importa analisar a forma como o PIF operou no período em análise na presente dissertação, nomeadamente, através dos projetos que financiou no território saudita, que visam, entre outros objetivos, o desenvolvimento de novos setores económicos, a criação de emprego e a modernização das infraestruturas do país (PIF, s/da). Entre os exemplos mais relevantes encontra-se a *Saudi Arabian Military Industries (SAMI)*³⁰, criada com o intuito de desenvolver uma indústria de defesa doméstica (PIF, s/da). A nível imobiliário e de infraestruturas, destacam-se projetos como o *New Jeddah Downtown*, os complexos de turismo religioso *Rou' a al-Haram* e *Rou' a Almadinah*, e os denominados *gigaprojects* como

²⁷ Os Fundos Soberanos são instrumentos financeiros criados pelos governos, com o objetivo de investir e gerir as receitas provenientes, por exemplo, da exportação de *commodities*. Em certos casos, excedentes orçamentais também podem ser direcionados para os Fundos Soberanos. A principal finalidade destes Fundos é garantir uma administração eficiente dos recursos financeiros do Estado, com vista à estabilidade económica a longo prazo (Butt et al., 2008).

²⁸ No que diz respeito ao financiamento, o PIF depende de várias fontes. Parte dos recursos provém das receitas do petróleo, quando estas excedem as necessidades do orçamento do Estado (Roll, 2019). Para além disso, o PIF obteve uma parte significativa dos seus recursos com o IPO da *Saudi Aramco*, que arrecadou perto de 30 mil milhões de dólares (Ahmed et al., 2018; Roll, 2019). O PIF também tem recorrido a empréstimos para financiar os projetos da sua competência, como o empréstimo de 11 mil milhões de dólares que contraiu em 2018 a bancos comerciais (Martin, 2018; Roll, 2019).

²⁹ O PIF estava anteriormente subordinado ao Ministério das Finanças, no entanto, através do Decreto 270/2015, passou a ser supervisionado pelo CEDA, presidido por MBS (Roll, 2019; Trudelle, 2023).

³⁰ Outros exemplos que denotam a diversidade do portefólio de investimentos do PIF: a *Saudi Real Estate Refinance Company (SRC)*, criada com o intuito de facilitar o crédito à habitação (PIF, s/dd); a *Saudi Investment Recycling Company (SIRC)*, uma empresa relacionada com a gestão de resíduos (PIF, s/db); a *Saudi Public Transport Company (SAPTCO)*, criada com o intuito de estabelecer uma rede de transportes públicos na Arábia Saudita (PIF, s/dc); a *SURJ Sports Investment*, focada nos investimentos no setor desportivo na Arábia Saudita e na região do Médio Oriente (PIF, s/de).

Qiddiya, *Red Sea Project* e *NEOM*, que refletem uma aposta estratégica na diversificação económica e no posicionamento internacional da Arábia Saudita como um destino turístico, tecnológico e financeiro (Grand & Wolff, 2020).

Para além dos projetos domésticos, o PIF tem-se destacado por uma estratégia de investimento externo diversificada. Em 2015, o fundo garantiu uma participação de 38% na divisão de engenharia e construção da empresa siderúrgica sul-coreana *Posco* (PIF, 2015). Em 2016, investiu 3,5 mil milhões de dólares por uma participação de 5% na empresa norte-americana *Uber* (The Economist, 2024). Dois anos depois, integrou um consórcio que adquiriu 55% da francesa *AccorInvest* (PIF, 2018). No setor automóvel, investiu mil milhões de dólares na *Lucid Motors* para apoiar a introdução do seu primeiro veículo eléctrico (Massoudi et al., 2018), adquiriu entre 3% e 5% da *Tesla* (Reuters, 2018) e alocou 400 milhões de dólares à empresa de realidade aumentada *Magic Leap* (Grand & Wolff, 2020; Massoudi & Bradshaw, 2018). Em 2019, celebrou também um acordo com a *Oyo*, a maior empresa de hotelaria da Índia (PIF, 2019).

Posto isto, é necessário analisar a importância do PIF para a concretização dos objetivos estratégicos sauditas. Primeiramente, o PIF serve como uma ferramenta estratégica de política externa. Através de investimentos consideráveis e acordos bilaterais com potências internacionais, como os EUA, a Índia, a China e a Rússia, o fundo tem sido utilizado para fortalecer as relações diplomáticas e garantir apoio para os objetivos políticos da Arábia Saudita (Flynn & Aldamer, 2024; Roll, 2019). Por exemplo, o fundo investiu valores consideráveis em empresas americanas, como a *Uber*, a *Tesla* e o *SoftBank Vision Fund*, o que proporcionou à Arábia Saudita influência na principal economia do mundo, particularmente, durante a administração Trump (Flynn & Aldamer, 2024). De facto, Flynn e Aldamer (2024, p.157) notam que

(...) President Trump stated that it would be foolish to sanction Saudi Arabia for economic and geostrategic reasons. (...) Trump's official statement declared that Saudi Arabia had promised spending and investment to the tune of USD 450 billion in the US and noted that to sanction the government of Saudi Arabia would be tantamount to

relinquishing that money to Russia and China, the unstated geopolitical opponents of the United States.

Esta lógica é igualmente visível, por exemplo, na política de investimentos saudita na Índia, onde os interesses económicos articulam-se com o objetivo geopolítico de substituir o Irão como o principal fornecedor energético de Nova Deli e de consolidar uma posição dominante no mercado sul-asiático (Handjani, 2019). Como afirma Roll (2019, p.25), *"Through direct investments and public contracts, Bin Salman can also try to 'buy' the support of relevant foreign governments for his political goals"*.

Para além da importância económica e diplomática que possuiu, o PIF é também um dos pilares centrais na estratégia de consolidação do poder de MBS. A expansão do fundo trata-se sobretudo de uma lógica de poder, na medida em que oferece ao príncipe herdeiro controlo direto sobre vastos recursos financeiros, os quais podem ser mobilizados para assegurar apoio político no plano interno e reforçar a posição do Reino no sistema internacional (Roll, 2019; Trudelle, 2023). O PIF atua, portanto, como um mecanismo de financiamento extraorçamental, o que permite ao regime contornar os possíveis processos habituais de transparência fiscal (Human Rights Watch, 2024).

Em suma, o PIF, ao ser integrado numa estratégia mais ampla, configura-se como uma peça fundamental na dinâmica política interna e externa do Reino.

2.5.2. Estratégia Particular de Produção

A produção pode ser definida, de forma abstrata, como *"la adición de valor a un bien-producto o servicio- por efecto de una transformación (...). Producir es extraer o modificar los bienes con el objeto de volverlos aptos para satisfacer ciertas necesidades"* (Tawfik & Chauvel, 1992, p.4). Apesar de ser uma definição ampla, esta adquire um significado evidente quando aplicada ao caso da Arábia Saudita. De facto, no contexto saudita, o bem cuja produção assume um impacto mais significativo é o petróleo. O petróleo é utilizado pelo Reino para satisfazer múltiplas necessidades interdependentes como garantir a estabilidade financeira, aumentar a influência regional e garantir a capacidade de negociação nos mercados internacionais, como se demonstrará de seguida.

A produção petrolífera saudita é um mecanismo de desenvolvimento interno e um instrumento de política externa. Esta realidade não resulta apenas da dimensão quantitativa, visto que o país tem uma capacidade de produção superior a 12 milhões de barris por dia, mas, sobretudo, da posição que Riade ocupa enquanto produtor regulador (*swing producer*), e ator preponderante na OPEP³¹ e na OPEP+³², com capacidade de instrumentalizar a produção em função de objetivos políticos mais amplos (Fattouh, 2024; Ragaban, 2016). Assim, como exemplifica Ottaway (2022), os cortes na produção de petróleo de 2022, decididos pela OPEP+ e que representaram uma redução de 2 milhões de barris por dia, não foram apenas uma medida económica, mas também uma manobra política estratégica, com o objetivo de reafirmar a liderança saudita dentro da OPEP+ e desafiar a pressão dos EUA. Esta decisão ocorreu num contexto de tensões nas relações bilaterais entre Riade e Washington, exacerbadas pela postura crítica da administração Biden em relação à Arábia Saudita, particularmente devido às acusações de violações dos direitos humanos no país (Ottaway, 2022).

A instrumentalização da produção não pode, portanto, ser dissociada do contexto internacional em que ocorre. Apesar das declarações oficiais de neutralidade, a decisão de cortar a produção de petróleo em 2022 coincidiu com as eleições intercalares nos EUA e teve impactos negativos na inflação americana, o que reforça a perceção de que Riade atua com crescente autonomia estratégica (Gambrell & Associated Press, 2022; Ottaway, 2022; Rasanani, 2024). Este realinhamento é ainda mais visível no comportamento da Arábia Saudita face à Rússia, visto que Riade foi capaz de construir uma plataforma cooperativa no

³¹ A Arábia Saudita foi responsável por aproximadamente 38% da produção total de petróleo bruto da OPEP em 2022, com uma produção de 10,538 milhões de barris por dia, num total de 27,717 milhões de barris por dia produzidos pelos países que constituem a organização (OPEC, 2024).

³² A Arábia Saudita foi responsável por aproximadamente 24,6% da produção total de petróleo bruto da OPEP e OPEP+ em 2022, com uma produção de 10,538 milhões de barris por dia, num total de 42,890 milhões de barris por dia produzidos pelos países que constituem a organização (OPEC, 2024).

seio da OPEP+ (Fazelyanov, 2021), mesmo sabendo que a Rússia tende a agir como *free rider*, ou seja, maximizando os próprios ganhos com o aumento dos preços do petróleo, sem arcar com os custos significativos da decisão (Chow & Stanley, 2017). O alinhamento entre os dois países foi motivado por interesses pragmáticos, em particular, a necessidade de estabilizar os preços do petróleo mas também por razões geopolíticas, como a convergência de interesses na Síria e o desejo comum de conter a influência ocidental nas dinâmicas energéticas mundiais (Chow & Stanley, 2017; Parker & Lynch III, 2021). Adicionalmente, a Arábia Saudita tem-se aproximado da China, com quem estabeleceu uma nova parceria energética, incluindo a assinatura de vários acordos sobre o setor, aquando da visita de Xi Jinping à Arábia Saudita, em 2022 (Karam, 2023). Isto porque, tal como afirma Karam (2023, s/p) "*China imports half of its oil supplies from the region, mostly from Saudi Arabia and Iran, making it vital for its energy security*".

Para além disso, o petróleo é também um instrumento útil para financiar projetos internos, no âmbito do *Vision 2030* (Fattouh, 2024; Karam, 2023). De facto, é importante referir que as políticas de produção da Arábia Saudita, refletem uma gestão prudente das receitas energéticas, orientada para garantir um fluxo financeiro que consiga suportar os projetos da *Vision 2030*, estimados em mais de 3 biliões de dólares (Ali, 2025; Borck, 2023; Fattouh, 2024; Karam, 2023).

Concluindo, a produção de petróleo na Arábia Saudita conserva uma posição estratégica de grande relevância, tanto no plano interno como externo, apesar dos esforços de diversificação económica iniciados pelo *Vision 2030*.

2.5.3. Estratégia Particular de Comércio Externo³³

A análise da estratégia saudita de comércio externo requer, em primeiro lugar, uma clarificação do conceito em causa. Segundo o *Longman Business Dictionary* (2007, p.554), “*foreign trade*” é definido de forma sintética como “*trade with other countries*”. Por sua vez, a literatura económica de tradição soviética, compilada por Borisov et al. (1975) propõe uma definição mais detalhada, “*comercio exterior*” é definido como “*comercio de exportación e importación de mercancías de un país con otros países*” (Borisov et al., 1975, p.39). No entanto, o comércio externo assume, nas economias contemporâneas, funções mais complexas. Tal como afirma Jeníček (2003, s/p), “*at present foreign trade belongs to the decisive factors influencing economic growth of both the individual countries as well as the world economy*” (citado por Jeníček & Krepl, 2009, p.2011). Esta frase é particularmente relevante, visto que o comércio externo promove uma reestruturação da produção interna de um país, de forma a confluir com as exigências do mercado internacional, e permite a incorporação de conhecimento e tecnologia provenientes de outros países que contribuem para o desenvolvimento das economias domésticas (Jeníček & Krepl, 2009). De facto, a estratégia de comércio externo do Reino tem sido adaptada pela necessidade de superar os constrangimentos oriundos da excessiva dependência petrolífera. O comércio externo transforma-se, deste modo, num instrumento fundamental para adquirir tecnologia, competências e bens que suportam a diversificação económica desejada (Benlaria, 2024).

³³ Os dados referentes às trocas comerciais bilaterais utilizados na presente análise foram recolhidos através da plataforma OEC. Esta base de dados integra estatísticas oficialmente divulgadas com modelos econométricos que permitem fazer uma estimativa dos valores do comércio não declarados, o que garante uma amostra mais consistente dos dados (OEC, s/da). Esta opção metodológica foi privilegiada em detrimento de fontes como a base de dados do Banco Mundial, visto que apresenta apenas valores divulgados oficialmente por cada país, o que pode conduzir a reduções consideráveis nos valores apresentados (World Bank, s/dc).

Assim, a presente subsecção foca-se na análise dos valores das trocas comerciais da Arábia Saudita com a China, os EUA e a Rússia, entre 2015 e 2022. A escolha destes países justifica-se pelo papel preponderante das suas economias no sistema internacional durante o período em questão e pelas relações estratégicas que a Arábia Saudita tem vindo a fortalecer, em particular, com a China e a Rússia, no contexto da sua política de diversificação económica e de procura por novas alianças comerciais. A inclusão dos EUA na análise deve-se à relação histórica e estratégica entre os dois países.

2.5.3.1. Arábia Saudita- China

A análise da evolução dos valores das trocas comerciais entre a Arábia Saudita e a China entre 2015 e 2022 revela uma tendência clara de aprofundamento da relação económica entre os dois países, como se observa na **Tabela 3**. No que diz respeito às exportações sauditas, é visível uma trajetória de crescimento praticamente contínua, sem que se registem quebras significativas, com a exceção do ano de 2020, onde se observa uma redução nos valores da exportação saudita (OEC, s/db). O crescimento é particularmente acentuado a partir de 2018, e atinge o valor máximo em 2022, onde as exportações sauditas para a China atingem os 77,9 mil milhões de dólares (OEC, s/db). Já nas importações sauditas provenientes da China, verifica-se, de igual modo, um aumento consistente das mesmas, que cresceram de 26,3 mil milhões em 2015 para 40 mil milhões em 2022, ou seja, cerca de 52,1% (OEC, s/db). Apesar do ritmo de crescimento ser menos acentuado do que no sentido oposto, os valores demonstram uma relação económica com tendência para se aprofundar.

No que diz respeito à classificação dos produtos comercializados entre a Arábia Saudita e a China, verifica-se que a principal exportação saudita para o mercado chinês foi o petróleo bruto, segundo dados do OEC (s/db). Em 2015, este produto representava cerca de 20,8 mil milhões de dólares do valor das exportações totais sauditas para a China, e atingiu o valor mais elevado em 2022, onde representou cerca de 65 mil milhões do valor total das exportações sauditas para o mercado chinês (OEC, s/db). Já as exportações chinesas para a Arábia Saudita revelam-se mais diversificadas e fragmentadas. Não há um único produto

dominante, mas sim uma miríade de bens, entre os quais se destacam, de forma constante, os equipamentos de radiodifusão, computadores, aparelhos de ar condicionado e telemóveis (OEC, s/db). Em 2022, regista-se também um crescimento significativo na importação de veículos automóveis chineses, com um valor de quase 3 mil milhões de dólares (OEC, s/db).

Recorrendo à Academia, é possível observar que a intensificação das trocas comerciais entre a China e a Arábia Saudita ocorreu devido à convergência estratégica entre as duas potências com interesses económicos complementares (Chen, 2021). De facto, esta relação comercial não pode ser separada dos objetivos estratégicos mais amplos dos dois países, dado que, a China procura garantir a sua segurança energética através da relação com Riade e a Arábia Saudita procura diversificar as suas parcerias estratégicas e reduzir a dependência dos EUA, como referido anteriormente (Guzansky & Lavi, 2020). Al-Tamimi (2024, p.6) complementa esta premissa ao referir que “*Strengthening ties with China is fundamental in Saudi Arabia’s larger plan to improve its global economic position, achieve sustainable development, and address its broader economic and geopolitical challenges*”. Assim, a China transformou-se no maior parceiro comercial da Arábia Saudita e no principal cliente do petróleo saudita, ao longo do período em análise (Guzansky & Lavi, 2020).

2.5.3.2. Arábia Saudita- EUA

Entre 2015 e 2022, observa-se, na **Tabela 4**, que a dinâmica comercial entre a Arábia Saudita e os EUA foi pautada por alterações significativas. As exportações da Arábia Saudita para os EUA apresentam valores elevados em 2015, cerca de 23,5 mil milhões de dólares, diminuem de forma acentuada até 2020, onde atingem os 9,85 mil milhões de dólares, e voltam a crescer em 2021 e 2022, ao atingirem os 24,4 mil milhões de dólares (OEC, s/dd). Por outro lado, as exportações dos EUA para a Arábia Saudita registaram uma queda de aproximadamente 34%, ao longo do período em análise, visto que transitaram dos 19,5 mil milhões de dólares em 2015 para os 12,8 mil milhões de dólares em 2022 (OEC, s/d).

No que diz respeito à classificação dos produtos comercializados, verifica-se que a principal exportação saudita para o mercado norte-americano foi o petróleo bruto (OEC, s/dd). Em 2015, este produto representava cerca de 21,7 mil milhões de dólares do total das

exportações da Arábia Saudita para os EUA, e, no entanto, sofreu flutuações ao longo dos anos, incluindo uma quebra em 2020 quando atingiu apenas os 7,56 mil milhões de dólares (OEC, s/dd). Já as exportações dos EUA para a Arábia Saudita revelam-se mais heterogêneas. Apesar de, ao longo do período em análise, os carros manterem-se como o produto mais relevante, a gama de produtos exportados é significativa, com destaque também para as peças de aeronaves, turbinas a gás e outros equipamentos industriais e militares (OEC, s/dd). Em 2021, verifica-se uma alteração nas exportações, com os aviões, helicópteros e/ou aeronaves a ultrapassarem os carros, e a representarem 1,62 mil milhões de dólares do valor total (OEC, s/dd). Esta reconfiguração no padrão das importações sauditas corrobora a importância dos produtos de uso militar ou passíveis de uso militar na relação comercial bilateral. A Arábia Saudita é o maior cliente do sistema de *Foreign Military Sales* (FMS) dos EUA, com mais de 100 mil milhões de dólares em contratos ativos, o que representa 24% de todas as exportações de armamento norte-americano entre 2016 e 2020 (Mosly, 2022).

Recorrendo aos contributos de Mosly (2022), Kenner e Al-Ahmad (2021), é possível afirmar que as relações comerciais entre a Arábia Saudita e os EUA tem evoluído para um sistema diversificado de interdependências comerciais, financeiras e tecnológicas, mais desenvolvidas do que a tradicional relação de segurança por petróleo. De facto, e como já foi referido anteriormente, a crescente autonomia energética dos EUA e a liderança assertiva de MBS, têm introduzido reconfigurações na relação entre os dois países. A redução substancial das importações norte-americanas de petróleo saudita, visível, por exemplo, na quebra considerável no ano de 2020, reflete uma transformação das bases do relacionamento comercial bilateral (Cook & Indyk, 2022).

2.5.3.3. Arábia Saudita- Rússia

A análise da **Tabela 5**, referente às trocas comerciais entre a Arábia Saudita e a Rússia no período de 2015 a 2022, demonstra uma dinâmica marcada por flutuações significativas. Em 2015, as exportações sauditas foram de 191 milhões de dólares, um valor modesto comparado com as exportações para parceiros como a China e os EUA (OEC, s/dc). De 2015

para 2016, as exportações sauditas para a Rússia diminuíram cerca de 23,6% atingindo os 146 milhões de dólares. Apesar de alguns recuos nos anos seguintes, as exportações estiveram, em geral, acima dos valores de 2015, com a exceção do ano de 2022. Em 2022, as exportações sauditas para a Rússia sofreram uma queda drástica, atingindo os 44,4 milhões de dólares (OEC, s/dc). Por outro lado, as importações sauditas provenientes da Rússia apresentaram uma tendência de crescimento praticamente contínuo. Em 2015, totalizavam os 1,16 mil milhões de dólares, e após uma ligeira quebra no ano seguinte, atingiram os 2,17 mil milhões de dólares em 2022 (OEC, s/dc).

Relativamente aos produtos comercializados, as exportações sauditas concentraram-se em produtos químicos e industriais, destacando-se os polímeros de etileno, que, em 2015, representaram cerca de 145 milhões de dólares. Por outro lado, as exportações russas, mais diversificadas, incluíram produtos agrícolas e matérias-primas, como a cevada e o trigo (OEC, s/dc). Outros produtos de relevo pontual foram o petróleo refinado, que atingiu os 807 milhões de dólares em 2021, e o equipamento de lançamento de aeronaves, que, em 2019, alcançou os 166 milhões de dólares do valor total exportado (OEC, s/dc). Por fim, em 2022, os produtos exportados para a Rússia sofrem uma ligeira reconfiguração, com destaque para a joalheria, latas de alumínio e, com menor expressão, os habituais polímeros de etileno (OEC, s/dc). Em 2022, o trigo foi o principal produto exportado pela Rússia com destino à Arábia Saudita, que atingiu cerca de 859 milhões de dólares (OEC, s/dc).

Benlaria (2024) corrobora os dados retirados do OEC (s/db) ao afirmar que ao longo da última década, em particular, assistiu-se à intensificação das relações comerciais entre a Arábia Saudita e a Rússia. Este aumento substancial também revela uma composição diversificada dos bens comercializados, que incluem produtos como cereais, metais, químicos, entre outros. A análise da evolução das trocas comerciais demonstra, no entanto, que as relações comerciais entre a Arábia Saudita e a Rússia não são imunes às dinâmicas regionais e internacionais. A eclosão da guerra na Ucrânia, em 2022, pode ter constituído um fator crítico para compreender a quebra nas exportações sauditas para a Rússia nesse mesmo ano (Benlaria, 2024).

Em suma, entre 2015 e 2022, as trocas comerciais da Arábia Saudita evidenciam uma reconfiguração gradual dos seus principais parceiros económicos. Esta reconfiguração confirma a utilização da vertente económica como instrumento ao serviço da Estratégia Integral, visto que reflete o objetivo de reforçar o posicionamento internacional do Reino e reduzir as suas dependências e vulnerabilidades externas. Assim, a China consolidou-se como destino prioritário das exportações e origem das importações sauditas, enquanto as exportações provenientes dos EUA sofreram um declínio significativo. Importa também assinalar que, apesar do volume comercial com a Rússia continuar inferior ao registado com os outros dois países, a tendência de crescimento revela um interesse da Arábia Saudita em aprofundar os laços económicos com outras potências.

2.6. Estratégia Geral Militar³⁴

Antes de proceder com a análise da Estratégia Geral Militar surge a necessidade de examinar os dados referentes às despesas militares sauditas, no período considerado. Esta análise inicial permitirá contextualizar o investimento financeiro e político dedicado à modernização e à expansão das capacidades militares do Reino. Para tal, a pesquisa recorrerá a dados disponibilizados pelo *Stockholm International Peace Research Institute (SIPRI)*³⁵ e pelo *The Military Balance*.

³⁴Tendo em conta a considerável diversidade dos equipamentos militares registados nos relatórios anuais do *The Military Balance* e tendo em consideração, de igual modo, os constrangimentos de tempo e de extensão da presente dissertação, a análise irá incidir sobre os sistemas de armamento mais relevantes para investigar a trajetória de modernização das componentes terrestre, marítima e aeroespacial das Forças Armadas da Arábia Saudita.

³⁵ De acordo com o SIPRI, as despesas consideradas incluem, entre outros aspetos, os salários e as pensões atribuídos ao pessoal militar e civil, assim como os apoios sociais destinados aos mesmos. São também contabilizadas as despesas vigentes associadas à manutenção das infraestruturas e dos equipamentos militares, os investimentos em armamento e noutros equipamentos, os programas de investigação e desenvolvimento com aplicação militar, e a ajuda militar prestada a outros Estados, desde que esta seja financiada diretamente pelo país em causa. Por outro lado, ficam excluídas da contabilização determinadas componentes,

Em 2015, a Arábia Saudita ocupou a terceira posição no ranking mundial de despesas militares, com um total de 87,2 mil milhões de dólares investidos, como se observa na **Tabela 6**. Este valor é justificado pelos elevados gastos associados às operações militares no Iémen (Fakude, 2017; Perlo-Freeman et al., 2016). Após 2015, o Reino registou uma redução gradual nas suas despesas militares, com a exceção do ano de 2017, onde houve um aumento de cerca de 8,95% face ao ano anterior, devido ao agravamento das tensões com o Catar (Sayed et al., 2021) e do ano de 2022, onde as despesas alcançaram os 75 mil milhões de dólares. De acordo com Tian et al. (2023), em 2022, a Arábia Saudita registou um encargo militar significativo, que correspondeu a 7,4% do PIB, a segunda maior taxa a nível mundial, apenas ultrapassada pela Ucrânia. Esta percentagem elevada reflete, entre outros fatores, a continuidade da intervenção militar saudita no Iémen (Tian et al., 2023).

De seguida serão analisadas as Estratégias Particulares sauditas no domínio Militar e, deste modo, é necessário informar o leitor acerca da estrutura das forças de defesa e segurança do país, que se encontram distribuídas entre diferentes ministérios e órgãos com responsabilidades específicas. O Ministério da Defesa e da Aviação (MODA) é responsável pelo comando das principais forças militares do país, ou seja, o Exército, a Marinha, a Força Aérea, a *Air Defense Force* e a *Strategic Missile Force* (Jarzabek, 2017). Já o Ministério da Guarda Nacional (MNG), gere a SANG (Jarzabek, 2017). Por outro lado, as forças responsáveis pela segurança interna e de fronteiras são geridas pelo Ministério do Interior (MOI). Entre estas destacam-se o Serviço Geral de Segurança, com unidades policiais e a Guarda de Fronteiras (Jarzabek, 2017). Por fim, existem forças de segurança independentes, que não estão subordinadas diretamente a nenhum ministério, mas sim ao governo central. Entre estas salientam-se a Presidência Geral de Inteligência, o órgão de informações do país,

nomeadamente aquelas relacionadas com a defesa civil e com encargos derivados de atividades militares passadas, como os processos de desmobilização das forças armadas (Perlo-Freeman et al., 2016).

e o Comité para a Promoção da Virtude e Prevenção do Vício, já referida anteriormente (Jarzabek, 2017).

2.6.1. Estratégia Particular Terrestre

Tenenbaum (2019, p.10), define as forças terrestres como

(...) all those that are operationally related to the land domain. As well as the expected formations (infantry, cavalry, artillery, engineers, and so on), this includes the land-based elements of other services (marines and special operation forces) and, to a degree, ground-based air defenses, coastal artillery, and so on.

Apesar da definição escolhida, na presente dissertação opta-se por considerar os *marines* sauditas no âmbito das forças marítimas. Esta decisão decorre do facto dos *marines* estarem incorporados na Marinha Real Saudita, o que oferece, portanto, uma leitura mais precisa da estrutura das Forças Armadas do país (Gulf International Forum, 2024).

Entre 2015 e 2022, não se registaram alterações no número de efetivos do Exército, mantendo-se fixado nos 75,000 (IISS, 2015, 2022). No entanto, a eficácia de qualquer força terrestre depende não apenas da sua dimensão, mas também da qualidade e da modernidade dos seus equipamentos. O primeiro sistema em análise, é, portanto, os carros de combate intitulados de *Main Battle Tanks* (MBT)³⁶. Em termos quantitativos, a Arábia Saudita registou um aumento significativo no número de MBT, de 600 unidades em 2015 para 1,010 em 2022, um crescimento de 68% em apenas sete anos (IISS, 2015, 2022). Assistiu-se também à substituição gradual dos modelos considerados desatualizados, como o M60A3, americano, e o AMX-30, de fabrico francês, pelo M1A2S *Abrams*³⁷, americano e

³⁶ Apesar da controvérsia em relação à sua utilidade estratégica no contexto militar atual, vários autores argumentam que estes continuam a desempenhar um papel decisivo no campo de batalha, visto que a mobilidade, o poder de fogo e a resistência dos mesmos contribuem de forma decisiva para o sucesso operacional, em conflitos de alta e de baixa intensidade (Imran, 2022; Kilcullen, 2006).

³⁷ O programa de modernização e aquisição dos M1A2S Abrams iniciou-se em 2008, com contratos adicionais em 2013 e 2016 (Ali, 2016; AT, 2013).

tecnologicamente mais avançado e adaptado às necessidades operacionais do Exército saudita (Zaloga, 2019). Em 2015, o Reino dispunha de 200 unidades M1A2/A2S³⁸, número que aumentou de forma gradual até atingir os 500 M1A2S em 2022 (IISS, 2015, 2022).

Como já foi possível observar anteriormente, os EUA foram, durante décadas, o parceiro preferencial da Arábia Saudita na área da defesa, o que reflete na primazia de sistemas norte-americanos nas suas forças terrestres. Exemplos incluem os MBT, já mencionados, as viaturas de combate de infantaria *M2A2 Bradley*, as viaturas blindadas M-113 e M-ATV, todos operacionais em 2022 e, em números consideráveis (IISS, 2022). No entanto, observa-se alguma diversificação e produção local. Destaca-se o veículo blindado *Al-Shibl 2*³⁹, de produção saudita, cujo primeiro registo oficial ocorreu em 2019 (AVF, s/d; IISS, 2019). Em relação à diversificação de fornecedores, destacam-se os dez lançadores termobáricos TOS-1A adquiridos à Rússia em 2017, confirmados no relatório do *The Military Balance* em 2022 (Abbasova, 2019; IISS, 2022) e os 54 obuses autopropulsados PLZ-45 de 155 mm adquiridos à China, em 2008, presentes nos inventários sauditas desde 2015 (Chang, 2008; IISS, 2015; Xie, 2022).

A presente subsecção deve também contemplar a relevância estratégica da SANG. Entre 2015 e 2021, o número de efetivos da SANG manteve-se estável, fixando-se nos 100,000 militares (IISS, 2015, 2016, 2017, 2018, 2019, 2020, 2021). Em 2022, porém, observa-se um incremento de 30%, com a força a atingir os 130,000 efetivos (IISS, 2022). O aumento da SANG, em 2022, e a preponderância da mesma em relação ao exército regular, em termos de efetivos, pode ser analisado à luz do papel específico que esta força

³⁸ Os M1A2S constituem a versão saudita dos MBT M1A2 *Abrams*, adaptados às necessidades operacionais específicas do Exército saudita e correspondem a uma configuração desenvolvida no âmbito do programa de renovação das forças blindadas, lançado em 2006. Estes carros de combate incorporam melhorias na eletrónica, na compatibilidade ambiental e na interoperabilidade com outros sistemas sauditas. A partir de 2016, os novos lotes passaram a incorporar também componentes da versão M1A2 SEPv3 (Zaloga, 2019).

³⁹ Este modelo mantém-se presente nos inventários entre 2019 e 2022, apesar de não ser possível apurar dados acerca da sua evolução numérica (IISS, 2019, 2020, 2021, 2022).

desempenha no aparelho de segurança do regime. Constituída por unidades tribais com laços históricos de lealdade à Casa de Saud, distingue-se pela sua fiabilidade política, visto que é tradicionalmente responsável pela proteção da família real e pela segurança interna do Reino (Jarzabek, 2017; Tsukano, 2015). Nos últimos anos, esta força foi também mobilizada para operações no exterior, nomeadamente no conflito do Iémen, uma função inédita na sua história, o que revela a crescente importância da SANG não apenas como garante da estabilidade interna, mas também como instrumento da projeção de poder do regime saudita no plano regional (Jarzabek, 2017).

Para além do número considerável de efetivos, a SANG dispõe de equipamentos típicos das forças convencionais. De facto, destaca-se a artilharia autopropulsada, em especial, o sistema francês CAESAR 155mm⁴⁰. Em 2015, a SANG dispunha de 132 unidades deste equipamento, número que aumentou ligeiramente para 136 em 2022 (IISS, 2015, 2022). A componente aérea da SANG também foi reforçada, com a introdução e a expansão dos helicópteros de ataque e transporte: os AH-64E Apache *Guardian*⁴¹, cuja entrega teve início em 2015, e que totalizou as 12 unidades em 2022 (IISS, 2015, 2022); os helicópteros ligeiros AH-6i *Little Bird*⁴², com 23 unidades em 2022 (Carey, 2015; IISS, 2022); e cerca de 50 helicópteros de transporte UH-60M *Black Hawk*⁴³, também operacionais em 2022 (Carlson, 2017; IISS, 2022; LaPorta, 2018).

Por fim, no que diz respeito às forças paramilitares e à gendarmaria da Arábia Saudita, observa-se que, entre 2015 e 2022, mantiveram um efetivo total de cerca de 24,500 militares

⁴⁰ Os sistemas CAESAR 155 mm foram adquiridos em quatro contratos: 2006, 2009, 2011 e 2018 (SIPRI, s/da).

⁴¹ A aquisição dos helicópteros *AH-64E Apache* decorreu em três fases distintas, nos anos de 2011, 2012 e 2015 (SIPRI, s/db).

⁴² Os *AH-6i Little Bird* foram integrados num pacote de vendas anunciado em 2010, cujo contrato correspondente foi formalizado apenas em 2014 (Carey, 2016).

⁴³ A aquisição dos *UH-60M Black Hawk* iniciou-se em 2010 e foi reforçada com um novo contrato celebrado em 2018 (TA, s/d).

ativos (IISS, 2015, 2022). No entanto, a Guarda de Fronteira (*Border Guard*) registou um aumento significativo, de cerca de 10,500 para 15,000 elementos, a partir de 2019, devido à integração da Guarda Costeira (*Coast Guard*) na sua estrutura (IISS, 2019). Esta reorganização reflete uma transformação da Guarda de Fronteira, tradicionalmente focada na proteção das fronteiras terrestres, para a proteção das águas territoriais, como resposta a ameaças crescentes, nomeadamente na região do Mar Vermelho (Ardemagni, 2020). Durante este período, houve uma expansão notável da frota de embarcações de patrulha, que cresceu de 14 para 106 unidades (IISS, 2015, 2022). Já o equipamento anfíbio e logístico manteve-se praticamente inalterado, enquanto se assistiu à introdução de veículos blindados modernos, como os *Caprivi Mk1/Mk3* (IISS, 2022; Shepard, 2022).

2.6.2. Estratégia Particular Marítima

As forças marítimas são definidas pelo Ministério da Defesa britânico como “*Forces whose primary purpose is to conduct military operations at and from the sea*” (Ministry of Defence of Great Britain, 2004, p.271, citado por Benbow, 2007, p.81). Esta definição inclui, de forma clara, unidades como os *marines*, uma vez que possuem competências específicas para realizar operações anfíbias. Ficam, no entanto, excluídas desta definição, as forças terrestres ou aéreas que, apesar de poderem ser transportadas por meios navais ou operar a partir de navios, não pertencem à marinha (Benbow, 2007).

No que diz respeito à Arábia Saudita, entre 2015 e 2022, a sua frota de fragatas manteve-se praticamente inalterada, sendo de destacar que as principais plataformas, as classes *Al Riyadh*⁴⁴ e *Al Madina*⁴⁵, já se encontravam ao serviço antes de 2015⁴⁶ (Al

⁴⁴ As fragatas da classe *Al Riyadh*, derivadas do modelo francês *La Fayette*, foram encomendadas no final da década de 1990 e entregues entre 2002 e 2004 (Al Oqayyel, 2017).

⁴⁵ As fragatas da classe *Al Madina* são baseadas no modelo francês *F2000* e foram entregues ao Reino entre meados da década de 1980 e o início da década de 1990 (Al Oqayyel, 2017).

⁴⁶ Em 2015, os navios da classe *Al Riyadh* foram classificados como *destroyers* no relatório da *The Military Balance* (IISS, 2015). No entanto, todas as unidades passaram a integrar a categoria de *frigates*, em 2022 (IISS,

Oqayyel, 2017). Em 2015, a Arábia Saudita dispunha de três unidades da classe *Al Riyadh*, número que se manteve constante até 2022 (IISS, 2015, 2022). As fragatas estão equipadas com mísseis antinavio *MM-40 Exocet Block II* e mísseis antiaéreos *Aster 15*, lançados a partir de sistemas verticais *Sylver A43*, armamento que não sofreu alterações neste intervalo temporal (Al Oqayyel, 2017; IISS, 2015, 2022). Já as fragatas da classe *Al Madina* estão armadas com mísseis antinavio *Otomat Mk2*, de fabrico ítalo-francês, e sistemas de defesa aérea *Crotale* (Al Oqayyel, 2017; IISS, 2015, 2022). Em 2015, encontravam-se operacionais quatro fragatas da classe *Al Madina*; em 2022, apenas três permaneciam em serviço após uma delas ter sido danificada num ataque em 2017 (Cavas, 2017; IISS, 2022; Lagrone, 2017).

No período em análise, observa-se também iniciativas com vista à modernização da marinha saudita, através da aquisição de novas plataformas e sistemas de armamento. De facto, em 2015, a Arábia Saudita formalizou a encomenda de quatro navios da classe MMSC aos EUA, com entregas previstas para ocorrer até 2026 (Naval Technology, 2020). Os navios MMSC são importantes para a Marinha Real Saudita por serem tecnologicamente avançados, com a capacidade de enfrentar ameaças aéreas, de superfície e de submarinos (Naval Technology, 2020). Já em 2018, foi assinado um contrato com a Navantia, em parceria com a SAMI, para a construção de cinco corvetas da classe *Al-Sarawat*, com base no modelo espanhol *Avante 2200*, equipadas com o sistema de combate *Hazem*⁴⁷. A primeira unidade, *Al Jubail*, foi entregue em 2022 (RINA, 2022; Saudipedia, s/db).

2022). Esta alteração reflete uma reclassificação mais próxima dos critérios técnicos da doutrina naval internacional, visto que a classe *Al Riyadh*, com aproximadamente 4,700 toneladas de deslocamento, enquadra-se na tipologia de fragata (Naval Technology, 2003). No entanto, importa relembrar que a distinção clássica entre fragatas e *destroyers*, que historicamente estava assente nas diferenças de deslocamento e configuração do armamento, tem vindo a diluir-se, à medida que se verifica uma convergência crescente das capacidades dos dois sistemas (Mateer, 2020).

⁴⁷ O HAZEM é um *Combat Management System* (CMS) desenvolvido pela SAMI, em conjunto com a Navantia, no âmbito do programa *Avante 2200*. Baseado no sistema espanhol CATIZ, foi introduzido em 2019

No sector da aviação naval, entre 2015 e 2022 foram adquiridos dez helicópteros MH-60R *Seahawk* aos EUA, destinados a desempenhar funções de guerra anti-submarina (ASW) e anti-superfície (ASuW) (IISS, 2015, 2022; Reuters, 2015)

Nesta subsecção importa também mencionar os *marines* sauditas, que, de acordo com os relatórios do *The Military Balance*, mantiveram um efetivo constante de cerca de 3,000 militares entre 2015 e 2022 (IISS, 2015, 2022). Neste período, o principal sistema utilizado por esta força consistia em veículos blindados BMR-600P, cujo número registou uma ligeira diminuição, de 140 unidades em 2015 para 135 no período compreendido entre 2019 e 2022 (IISS, 2015, 2019, 2022). Com base nos dados fornecidos pelo *The Military Balance*, não se observa qualquer processo de modernização dos *marines* sauditas, no período em análise.

2.6.3. Estratégia Particular Aeroespacial

Para a presente subsecção, utiliza-se a definição presente no Manual de Doutrina do Ministério da Defesa brasileiro, que entende por poder aeroespacial,

(...) a projeção do Poder Nacional resultante da integração dos recursos de que a Nação dispõe para a utilização do espaço aéreo e do espaço exterior, quer como instrumento de ação política e militar, quer como fator de desenvolvimento econômico e social, visando conquistar e manter os objetivos nacionais (Manual de Doutrina do Ministério da Defesa, s/d, s/p citado por Vital & Rolim, 2021, p.122).

Entre 2015 e 2022, os efetivos da Força Aérea Real Saudita mantiveram-se estáveis, com cerca de 20,000 militares, e assistiu-se à modernização dos equipamentos e dos sistemas (IISS, 2015, 2022). No entanto, é importante referir que a maioria dos sistemas que passaram

e representa o primeiro CMS desenvolvido na Arábia Saudita (Saudipedia, s/da). Tal como os restantes CMS, o HAZEM é um sistema central que coordena os sensores, o armamento e as comunicações de um navio militar, permitindo-lhe tomar decisões operacionais de forma rápida e eficiente (Saudipedia, s/da; Thales Group, s/d)

a integrar a Força Aérea saudita no período em análise, são originários de acordos celebrados antes de 2015. Um exemplo é o contrato assinado em 2010 com os EUA, que previa a aquisição de 84 novos caças F-15SA e de 70 kits de modernização para converter os F-15S existentes para a nova configuração (Airforce Technology, 2020; Suciu, 2024). Segundo o *The Military Balance* de 2015, a Força Aérea saudita operava 71 F-15S (IISS, 2015). Já em 2022, o inventário contabilizava 84 F-15SA operacionais, correspondentes às aeronaves adquiridas no âmbito do contrato de 2011 e até 67 F-15S ainda em fase de modernização (IISS, 2022). O processo de atualização dos F-15S decorre de uma parceria entre a Boeing e a SAMI, o que reflete o objetivo saudita de alcançar a autonomia tecnológica e de fortalecer a indústria de defesa do país, de acordo com os pressupostos do *Vision 2030* (TA, 2024). Outro exemplo relevante de aquisições anteriores a 2015 é o contrato assinado em 2007 para a aquisição de 72 aeronaves *Typhoon*, de origem europeia (Norton-Taylor, 2007). Em 2015, estavam operacionais 40 unidades, número que aumentou para 71 em 2022 (IISS, 2015, 2022).

Posto isto, é necessário proceder com a análise da vertente espacial da presente Estratégia Particular. Apesar do Reino ter participado pontualmente em atividades espaciais desde os finais do século XX, onde se destaca a missão do príncipe Sultan bin Salman, em 1985, que o consagrou como o primeiro árabe e muçulmano no espaço (Alzain & Alshehab, 2025), a partir de 2016, no quadro da implementação do *Vision 2030*, verificou-se um impulso estruturado do programa espacial saudita (Alzain & Alshehab, 2025; Sheldon, 2024). A criação da *Saudi Space Commission*⁴⁸, por decreto real, a 27 de Dezembro de 2018, marcou o início desta nova fase de reestruturação do setor, com o intuito de reforçar a autonomia tecnológica do Reino (Li, 2024; SSA, s/d), para além da criação do *Supreme*

⁴⁸ Em 2023, passou a designar-se *Saudi Space Agency* (SSA). É um órgão que opera com a supervisão da CST e é responsável, entre outros aspetos, pela implementação prática das políticas espaciais do país, por promover a investigação e por fomentar as parcerias entre o Estado e o setor privado (Li, 2024).

*Space Council*⁴⁹ e da reestruturação da *Communications, Space and Technology*⁵⁰ (Li, 2024). A reorganização do setor foi também acompanhada por iniciativas de política externa. Em 2020, a Arábia Saudita aderiu ao *Arab Group for Space Cooperation*, uma plataforma liderada pelos EAU com o objetivo de coordenar políticas espaciais na região (Li, 2024; Nasir, 2019). Já em 2022, procedeu à assinatura dos *Artemis Accords*, um conjunto de princípios promovidos pelos EUA para gerir a cooperação internacional na exploração espacial (Shea, 2022).

Contudo, o programa espacial saudita deve ser também analisado à luz das dinâmicas de rivalidade regional e das preocupações securitárias de Riade. O crescente protagonismo dos EAU, em particular, com a missão a Marte em 2020, e os avanços tecnológicos do Irão⁵¹, fomentaram o objetivo saudita de alcançar autonomia tecnológica, como, por exemplo, em tecnologias de uso dual, com potencial aplicação militar (Sheldon, 2024). A securitização e a procura por autonomia tecnológica tornam-se ainda mais evidentes quando se analisa o desenvolvimento das capacidades balísticas por parte do Reino, revelado por imagens de satélite e pelos serviços de informação norte-americanos. A Arábia Saudita está a produzir mísseis balísticos com o apoio da China, o que agrava o risco de um escalar armamentista na região (Malsin et al., 2021; Mattingly et al., 2019).

Por fim, importa analisar a *Royal Saudi Air Defense Forces* (RSADF) e a *Royal Saudi Strategic Missile Force* (RSSMF), dois ramos autónomos das Forças Armadas sauditas que

⁴⁹ Em 2022, foi criado o *Supreme Space Council*, presidido por MBS. É o órgão, hierarquicamente, mais elevado no setor espacial saudita, visto que a sua principal função é aprovar as grandes orientações estratégicas e políticas do programa espacial doméstico (Li, 2024).

⁵⁰ A antiga *Communications and Information Technology Commission of Saudi Arabia*, que, em novembro de 2022, passou a designar-se *Communications, Space and Technology Commission* (CST), atua como o principal órgão regulador do espaço na Arábia Saudita. É responsável, portanto, por autorizar licenças de operação, representar o Reino nas entidades reguladoras internacionais, entre outros aspetos (Li, 2024).

⁵¹ De facto, o Irão realizou vários lançamentos de satélites bem sucedidos, como o Nour-1, em 2020, Nour-2, em 2022, e o Khayyam, também em 2022 (Lusa, 2023; RTP, 2020).

operam no domínio aéreo e exoatmosférico e que, portanto, complementam a vertente aeroespacial da Estratégia Geral Militar. Entre 2015 e 2022, as RSADF mantiveram um efetivo de 16,000 militares (IISS, 2015, 2022). No entanto, a estrutura e o equipamento de que dispunham sofreram alterações visíveis. Observou-se uma redução significativa no número total de sistemas de defesa aérea surface-to-air missile (SAM), de 1,805, em 2015, para 817, em 2022 (Cambridge University Press & Assessment, s/d; IISS, 2015, 2022). Observa-se também a substituição dos sistemas Patriot PAC-2, por 108 unidades PAC-3 M902⁵², que representa um avanço significativo em relação ao seu antecessor, sobretudo pela precisão aperfeiçoada (IISS, 2015, 2022). Por outro lado, a RSSMF mantém-se estável, tanto em relação ao efetivo, cerca de 2,500 militares, como na composição do seu arsenal (IISS, 2015, 2022). Os mísseis balísticos de alcance intermédio DF-3 (CSS-2), adquiridos à China nos anos 80 (Hinz, 2025), continuam a constar nos inventários, apesar de que, em 2022, a sua condição operacional é descrita como incerta (IISS, 2022). De igual modo, mantém-se a presença de alguns mísseis de alcance médio DF-21 (CSS-5), sem especificação do número exato (Hinz, 2025; IISS, 2015, 2022).

Concluindo, ao analisar as várias Estratégias Particulares sauditas na esfera militar, é crucial evitar conclusões isoladas para cada uma delas e, no entanto, importa reconhecer os elementos comuns que, de forma transversal, configuram a Estratégia Geral Militar. A primeira constatação prende-se com a dependência do Reino em relação ao armamento e aos sistemas de origem norte-americana. Apesar de se verificarem algumas tentativas pontuais de diversificação ou alguma produção doméstica, estes casos permanecem residuais e não alteram o padrão de dependência que se observou. Em segundo lugar, é visível a iniciativa de modernização das várias forças sauditas. Porém, importa sublinhar que a maioria dos sistemas e equipamentos militares adquiridos ou operacionais entre 2015 e 2022 já se encontravam previstos ou contratualizados antes de 2015. Logo, parte do processo de modernização a que se assistiu no período em análise provém das decisões políticas e

⁵² O PAC-3 possuiu uma tecnologia de impacto direto, *hit-to-kill*, que aumenta de forma considerável a eficácia na neutralização de mísseis balísticos (Lockheed Martin, s/d).

estratégias anteriores à atual liderança saudita. Por fim, importa destacar que, entre 2015 e 2022, as forças marítimas sauditas foram o ramo que mais beneficiou dos processos de modernização promovidos por MBS, de acordo com os dados do *The Military Balance*.

3. O Realismo Ofensivo na Estratégia Integral Saudita

O presente capítulo tem como objetivo aplicar os princípios do Realismo Ofensivo⁵³ à análise da Estratégia Integral da Arábia Saudita, no período considerado. No entanto, é importante referir que esta teoria foi desenvolvida para explicar o comportamento das grandes potências no sistema internacional e a literatura académica consultada não classifica a Arábia Saudita como uma grande potência. Porém, como será demonstrado, a Estratégia Integral da Arábia Saudita, se analisada como um comportamento, é análoga ao comportamento típico das grandes potências.

Posto isto, apesar de existirem múltiplas dimensões de análise para abordar a Estratégia Integral saudita, dada a complexidade e a diversidade dos componentes do Realismo Ofensivo, optou-se por definir seis dimensões principais: (i) o revisionismo, traduzido na intenção de desafiar e/ou modificar a ordem estabelecida (Behraves, 2018; Mearsheimer, 2001; Organski, 1958); (ii) a intervenção militar, considerada como um meio legítimo e racional de política externa (Mearsheimer, 2001), que, no caso da Arábia Saudita, observou-se na intervenção militar no Iémen; (iii) a instrumentalização das alianças, entendidas por Mearsheimer (2001) como ferramentas estratégicas, utilizadas de acordo com os interesses dos Estados; (iv) as estratégias de contenção de ameaças, em particular, o *balancing* que se observa no comportamento da Arábia Saudita; (v) a maximização do poder,

⁵³ Conforme exposto no enquadramento teórico desta dissertação, o Realismo Ofensivo parte de um conjunto de pressupostos fundamentais: os Estados são atores racionais, que formulam as suas estratégias e tomam decisões com o objetivo de maximizar os seus interesses; o sistema internacional é anárquico, isto é, carece de uma autoridade superior que assegure a segurança dos Estados; todos os Estados dispõem de capacidades ofensivas, logo, é impossível conhecer as intenções dos restantes atores, o que dá origem a um ambiente de competição e de desconfiança permanente; a sobrevivência emerge como o grande objetivo das grandes potências, sendo que, alcançar uma posição hegemónica é o meio mais eficaz de a garantir (Labs, 1997; Mearsheimer, 2001).

ou seja, a procura contínua pela acumulação de poder militar e de poder latente com o objetivo de alcançar a hegemonia regional (Mearsheimer, 2001); e (vi) o estabelecimento de objetivos não securitários com o intuito de aumentar o poder relativo.

Importa também referir que os resultados obtidos no presente capítulo encontram-se resumidos na **Tabela 10**, apresentada em Apêndice.

3.1. Dinâmicas de poder no Médio Oriente

Para analisar as dinâmicas de poder atualmente em curso no Médio Oriente, a presente dissertação adota a definição proposta por Amour (2020, p.4)⁵⁴, que define a região como “(...) *all member countries of the League of Arab States, founded in 1945, in addition to the non-Arab countries of Iran, Israel, and Turkey (all of which have Arab minorities)*”.

O Médio Oriente é uma região multipolar, onde nenhum Estado conseguiu estabelecer uma influência estável e incontestada (Altunışık, 2014; Beck, 2014), e onde, ao longo das últimas décadas, diferentes atores regionais disputaram a liderança regional, como o Egito de Nasser, o Irão e o Iraque de Saddam Hussein (Kamel et al., 2016). No entanto, a multipolaridade regional não se limita apenas à presença de vários Estados com poder militar, económico e político significativo. De facto, existem também rivalidades ideológicas e sectárias (Khatib, 2020), para além de uma crescente influência de atores não

⁵⁴ Amour (2020) distingue três sub-regiões que coexistem no Médio Oriente. A primeira corresponde ao Levante, constituído pelos Estados de Israel, da Jordânia, do Líbano, da Palestina, da Síria e da Turquia, que representou o centro do poder regional até à Primavera Árabe. A segunda corresponde ao Golfo e à Península Arábica, constituída pelo Bahrein, Iraque, Arábia Saudita, Kuwait, Omã, Catar, EAU, Iémen e Irão, que, a partir de meados de 2010, passou a ser o principal palco das dinâmicas regionais (Amour, 2020). A terceira sub-região refere-se ao Norte de África assim como a outros países africanos, como Comores, Djibuti, Mauritânia, Somália e o Sudão, que, apesar da distância, são considerados parte do sistema regional devido à sua relevância estratégica.

estatais (Durac, 2015; Kausch, 2014), bem como a intervenção recorrente de potências externas (Beck, 2014; Kamel et al., 2016; Krasna, 2019). Atualmente, pelo menos cinco Estados destacam-se na procura pela liderança regional: Arábia Saudita, Egito, Irão, Israel e Turquia. Cada um deles possui capacidades materiais e redes de influência próprias, mas nenhum conseguiu dominar os restantes⁵⁵ (Beck, 2014; Gause III, 2020; Kamrava, 2018; Raouf, 2019).

Neste contexto competitivo e fragmentado, a Arábia Saudita posiciona-se como um dos potenciais líderes regionais, com ambições hegemónicas, mas que também não reúne os elementos necessários para concretizar este objetivo (Gause III, 2020). Do ponto de vista material, como se comprovou no capítulo anterior, o país dispõe de recursos financeiros substanciais e exerce um papel central no mercado energético internacional (Fattouh, 2024). Para além disso, investe somas consideráveis na modernização das Forças Armadas e na criação de uma indústria de defesa própria (Jarzabek, 2017). No entanto, estes instrumentos não se têm traduzido em resultados visíveis no campo de batalha, como se poderá demonstrar, de seguida, através da prolongada intervenção no Iémen (Ekşi, 2017; Gause III, 2020). A influência da Arábia Saudita na região enfrenta também grandes obstáculos, dado

⁵⁵ O Irão projeta influência ao apoiar atores não-estatais e partidos aliados em diversos contextos, como no Líbano, no Iraque ou no Iémen (Gause III, 2020; Nicolas, 2025; Raouf, 2019). Contudo, a projeção de influência do Irão é limitada pelas barreiras sectárias, visto se tratar de um Estado xiita, e a oposição de potências como Israel e os Estados árabes do Golfo (Raouf, 2019). A afirmação regional da Turquia enfrenta obstáculos devido a uma combinação de fatores, como o ambiente regional competitivo e a fragilidade que resulta dos seus próprios problemas internos, políticos e económicos (Altunışık, 2014; Bank & Karadag, 2014). Para além disso, sofre de falta de legitimidade no seio dos Estados do Médio Oriente devido ao seu histórico expansionista e graças ao apoio a grupos e movimentos considerados hostis por vários países árabes (Altunışık, 2014; Gürzel, 2014). Já Israel detém a capacidade militar, mas carece de legitimidade política numa região predominantemente árabe e islâmica (Kappel, 2014). O Egito, apesar da vantagem demográfica, permanece limitado devido a questões económicas e conflitualidade política interna (Dessouki, 2008; El-Labbad, 2014; IPSS, 2020).

que a sua procura pela liderança do mundo muçulmano é rejeitada por outras correntes e enfrenta a resistência de rivais políticos e religiosos (Gause III, 2020). De facto, de acordo com Gause III (2020, p.2 e 3) “*Despite spending billions over the past five decades to promote their interpretation of Sunni Islam — the Wahhabi variant of salafism (or return to the pious ancestors) — around the world, very few regional actors look to Riyadh as the leader they want to follow*”.

3.2. Dimensões do Realismo Ofensivo

3.2.1. Revisionismo

De acordo com Mearsheimer (2001) as grandes potências são revisionistas, visto que procuram alterar o equilíbrio de poder em vigor para aumentar o seu poder relativo no sistema internacional,

There are no status quo powers in the international system, save for the occasional hegemon that wants to maintain its dominating position over potential rivals. Great powers are rarely content with the current distribution of power; on the contrary, they face a constant incentive to change it in their favor (Mearsheimer, 2001, p.2).

Surge, portanto, a necessidade de clarificar o conceito de revisionismo, que pode ser definido como “*dissatisfaction activated towards changing the existing pattern of structures and distribution of resources, material or ideational, in ways that involve conflict/war or are prone to cause it*” (Behraves, 2018, s/p). Esta definição pode ser completada por Organski (1958), que argumenta que os Estados insatisfeitos com a distribuição de poder no sistema internacional correspondem às potências que atingiram um nível significativo de poder após a consolidação da ordem internacional em vigor. Visto que não participaram na criação dessa mesma ordem, percecionam-se como marginalizados face aos benefícios e aos privilégios de que dispõem as potências dominantes. Portanto, a insatisfação conduz à tentativa de reconfiguração do sistema internacional, com o objetivo de obter uma posição que reflita o seu novo poder (Organski, 1958).

Segundo Mearsheimer (2001), os Estados recorrem a um conjunto diversificado de instrumentos para alterarem o *status quo* e ampliarem a sua posição de poder no sistema internacional. No entanto, destaca a força militar como o mecanismo mais eficaz para alterar o equilíbrio de poder, sempre que os Estados concluírem que os benefícios superam os custos.

Deste modo, estabelece-se o enquadramento conceptual necessário para a análise do comportamento revisionista da Arábia Saudita. Um exemplo paradigmático desta dinâmica é o bloqueio imposto ao Catar em 2017. O Catar, apesar de ser um país modesto em termos territoriais e demográficos, tem uma influência regional significativa, graças à sua riqueza petrolífera (Bilgin, 2018) e à sua capacidade de atuar como mediador em diversos conflitos regionais (Barakat, 2014). Esta influência é reforçada pela sua política externa independente, que inclui o apoio a grupos e países que a Arábia Saudita e outros Estados do Golfo percecionam como adversários ou ameaças, tal como a Irmandade Muçulmana e o Irão (Iqbal, 2024; Kakar, 2019; Rich & Moore-Gilbert, 2019). De facto, o bloqueio imposto ao Catar em 2017, decorreu, principalmente, devido à independência de Doha em relação ao alinhamento convencional dos países do Golfo, em particular, da Arábia Saudita (Kakar, 2019; Rich & Moore-Gilbert, 2019). Segundo Iqbal (2024, p.10), a política externa catari caracteriza-se por: *“Denouncing traditional Arab and Gulf norms, Qatar’s foreign policy choices exude a combination of convenience, pragmatism, and sheer opportunism (...)”*.

Deste modo, o bloqueio imposto ao Catar pode ser considerado uma tentativa intencional da Arábia Saudita para alterar o *status quo*, procurando constranger Doha a alinhar-se com os seus interesses, afastar-se do Irão e limitar a sua autonomia estratégica. (Cséfalvay, 2019; Negri, 2018). Observa-se, portanto, a intenção de Riade, em modificar o equilíbrio de poder na região para benefício próprio, com o objetivo de maximizar o seu poder relativo. Rich e Moore-Gilbert (2019, p.63) afirmam que:

The Qatar crisis shows the hall marks of an offensive-realist approach to foreign policy aimed at power maximization. These include a zero-sum diplomatic posture, a rejection of traditional norms of conflict resolution, aggressive and threatening rhetoric, mercantilism, and even a potential willingness to employ military force against a nonhostile target.

O papel desempenhado pela Arábia Saudita no conflito sírio reflete também a política revisionista do Reino. De facto, a Arábia Saudita não aceitou o *status quo* representado pelo regime de Bashar al-Assad⁵⁶, que contava com o apoio do Irão (Blanga, 2017). Devido à Primavera Árabe e ao fortalecimento regional de Teerão, Riade adotou uma postura intervencionista e agressiva, que se manifestou no apoio a grupos rebeldes contra o regime de al-Assad⁵⁷, em oposição ao pan-arabismo que se observou anteriormente na política externa saudita (Akgul, 2016; Hododi, 2024). Este novo posicionamento tem como objetivo enfraquecer o eixo Irão, Síria e Hezbollah e reconfigurar a ordem regional de acordo com os interesses sauditas e da maioria sunita (Abdullah et al., 2024; Akgul, 2016). Quilliam (2019) corrobora esta premissa, ao afirmar que, até 2015, a Arábia Saudita posicionava-se como uma potência defensora do *status quo* na região, em particular, no Golfo. No entanto, com a ascensão de MBS, o país deixou de ser apenas um “*rule taker*” para assumir uma posição ativa de “*rule maker*”, com o intuito de influenciar ativamente as dinâmicas regionais.

3.2.2. Intervenção Militar

No enquadramento teórico do Realismo Ofensivo, Mearsheimer (2001) propõe a distinção entre dois tipos de estruturas do sistema internacional: bipolaridade e multipolaridade. A bipolaridade caracteriza-se pela existência de dois grandes polos de poder (Wardhani, 2021), o que garante previsibilidade ao sistema internacional, e que, consequentemente, reduz o número de conflitos diretos entre as potências (Mearsheimer, 2001; Waltz, 1964). Por outro lado, a multipolaridade implica a existência de várias grandes potências (Wardhani, 2021), o que aumenta a complexidade, e que, portanto, aumenta a possibilidades de conflitos (Mearsheimer, 2001).

⁵⁶ Bashar al-Assad foi deposto em dezembro de 2024 (AP news & Euronews, 2024). No entanto, a presente dissertação compreende o período entre 2015 e 2022, durante o qual a Síria era governada por Assad.

⁵⁷ A posição saudita ficou evidente nas declarações do então ministro dos Negócios Estrangeiros, Adel al-Jubeir, numa entrevista ao *Der Spiegel*, em 2016, onde reafirmou que o fim do conflito dependeria da inevitável saída de Assad, alcançada pela via política ou militar (Shafy & Zand, 2016).

Para além disso, o Realismo Ofensivo distingue dois tipos principais de sistemas multipolares. A multipolaridade equilibrada ocorre quando o poder está distribuído de forma homogénea e nenhuma potência pretende atingir o estatuto de *hegemon*, mantendo-se a vontade de preservar o *status quo* (Mearsheimer, 2001). Já a multipolaridade desequilibrada, ocorre quando uma potência domina, de forma significativa, as restantes, o que fomenta um ambiente instável e propenso a conflitos de longa duração, dado que as outras potências procuram-na conter (Mearsheimer, 2001). Esta conceptualização aplica-se, por analogia, ao contexto do Médio Oriente, visto que esta região pode ser caracterizada como multipolar, já que nenhum Estado detém uma hegemonia regional indiscutível (Altunışık, 2014; Beck, 2014). Contudo, não se trata de uma multipolaridade equilibrada. Pelo contrário, a coexistência de diversos atores com anseios revisionistas, que disputam a hegemonia na região e procuram expandir a sua esfera de influência (Beck, 2014; Gause III, 2020; Kamrava, 2018; Raouf, 2019), cria uma multipolaridade desequilibrada (Tapia, 2021). Importa referir que a presente dissertação adota a visão de Tapia (2021) que considera que a multipolaridade desequilibrada corresponde a um sistema regional instável e fragmentado, caracterizado por polos de poder em competição permanente, e não a predominância de uma única potência, como refere Mearsheimer (2001)⁵⁸.

Esta competição manifesta-se através de diversas estratégias, como o apoio a atores não estatais, a intervenção militar direta ou indireta e a instrumentalização de conflitos sectários (Kausch, 2014). As guerras por procuração na Síria, no Iémen e no Líbano são também exemplos paradigmáticos desta lógica de competição. Como afirma Kamrava (2018, p.17) “*At the bottom of the Middle East power hierarchy today are Yemen, Syria,*

⁵⁸ Apesar de Mearsheimer (2001) utilizar o conceito de multipolaridade desequilibrada para descrever sistemas internacionais onde uma única potência detém uma superioridade estrutural clara, Tapia (2021), analista associado do *Instituto Español de Estudios Estratégicos*, adapta o termo ao contexto regional do Médio Oriente. Para este autor, o sistema é desequilibrado porque a região não produz nenhum Estado capaz de se impor como *hegemon*. Ou seja, o Médio Oriente encontra-se fragmentada em vários polos de poder que competem entre si e procuram alterar o equilíbrio regional, o que produz um ambiente instável e volátil.

Iraq, Libya, and Lebanon, weak states that are on the receiving end of power and influence from the regional powers and/or their allies”.

Deste modo, segundo o Realismo Ofensivo, a guerra é um instrumento legítimo da ação dos Estados⁵⁹ que ocorre com mais frequência em sistemas multipolares desequilibrados devido à existência de *hegemon*s potenciais⁶⁰ (Mearsheimer, 2001). Neste contexto, destaca-se a intervenção militar saudita no Iémen, a única guerra empreendida diretamente pelo Reino, entre 2015 e 2022.

O conflito no Iémen remonta à vaga de protestos iniciada em 2011, no contexto da Primavera Árabe, contra o regime de Ali Abdullah Saleh, presidente do país há mais de três décadas (Arraf, 2017; Watol, 2024). A repressão violenta dos manifestantes e a fragmentação das forças armadas, quando altos quadros do exército começaram a desertar e posicionar-se com os manifestantes, precipitaram a saída de Saleh, formalizada em novembro de 2011, através de um acordo mediado pelo Conselho de Cooperação do Golfo (CCG) (Albasoos & Al-Hinai, 2020; Arraf, 2017; Jefferson da Silva, 2022). O acordo estipulava a transferência do poder para Abdrabbo Mansour Hadi, vice-presidente durante o regime de Saleh. No entanto, este processo falhou, visto que foi incapaz de responder às exigências políticas, sociais e económicas do país, e agravou as tensões entre as elites e os

⁵⁹ Para Mearsheimer (2001), a luta pelo poder num sistema internacional anárquico justifica o recurso à força quando necessário.

⁶⁰ Estado que possui capacidade suficiente para se tornar o *hegemon* numa determinada região, mas que ainda não alcançou a posição de hegemonia efetiva (Mearsheimer, 2001).

grupos marginalizados, como os Houthis⁶¹ e o Movimento do Sul⁶² (Arraf, 2017). Neste contexto, importa referir que os Houthis emergiram como opositores de Saleh⁶³ e posteriormente, de Hadi.

Apesar das várias tentativas de diálogo nacional, mediadas por entidades regionais e internacionais, como o CCG e a Organização das Nações Unidas (ONU), os Houthis tomaram a capital do país, Sana, em 2014 (Albasoos & Al-Hinai, 2020; Settembrini, 2019; Watol, 2024). Em março de 2015, a Arábia Saudita, em coligação com os países do CCG (com a exceção de Omã), com o Egipto, Marrocos, Sudão, Paquistão e a Jordânia, inicia a operação *Decisive Storm*, posteriormente denominada *Restoring Hope* (Cséfalvay, 2019; Riedel, 2020; Stenslie, 2015). A operação teve início após o pedido de auxílio de Hadi à comunidade internacional, como consequência da ocupação de Sana (Danset, 2020; Stenslie, 2015). A Arábia Saudita justificou a intervenção com a necessidade de instituir o poder a Hadi (Danset, 2020; Stenslie, 2015). No entanto, Danset (2020, p.39) afirma que “*Riyadh’s*

⁶¹ Este movimento tem origem numa família da província de Sa'ada, no norte do país, na década de 80 (Al-Deen, 2022), cujo principal objetivo era conter a influência do *wahhabismo* e revitalizar a tradição *zaidita* (Al-Deen, 2022). Ao longo do tempo, os Houthis (também denominados de *Ansar Allah*) conquistaram o apoio de várias tribos e expandiram a sua influência, tendo participado num conflito, entre 2004 a 2011, contra as forças governamentais, onde alcançaram a vitória (Settembrini, 2019). O *zaidismo* é um ramo da corrente xiita do Islão que defende a liderança política e religiosa por imames descendentes do Profeta e que predomina no norte do Iémen, e em comunidades menores no Irão, na Arábia Saudita e em países do Norte de África. Distingue-se de outros ramos do Islão através da visão menos dogmática da religião e mais ativista (Haider, 2010).

⁶² O Movimento do Sul (*al-Hirak al-Janoubi*) é um movimento político que surgiu no Iémen em 2007, composto por antigos militares, políticos e civis do sul do país. Surgiu devido à insatisfação popular face à marginalização política, económica e social sentida após a unificação do Iémen em 1990 e agravada pela guerra civil de 1994 (Day, 2010).

⁶³ Saleh, após vários anos a combater os Houthis, formou uma aliança de conveniência com o movimento em 2015, com o intuito de recuperar alguma influência face ao governo de Hadi e à intervenção saudita. A aliança revelou-se instável e, em 2017, Saleh desfez a aliança com os Houthis e procurou aproximar-se da coligação liderada pela Arábia Saudita. Pouco depois, foi morto pelos Houthis (Edroos, 2017; Feierstein, 2017).

actions are explained by reshaping the regional security environment and re-establishing a pro-Saudi Administration in Sanaa”.

A decisão da Arábia Saudita de intervir militarmente no Iémen teve origem numa conjugação de fatores internos e externos. Primeiramente, o início da governação do rei Salman permitiu uma nova dinâmica política, marcada por um receio crescente em relação à criação de um Estado pró-iraniano na fronteira sul do país⁶⁴ (Cséfalvay, 2019; Jefferson da Silva, 2022), assim como à perda de controlo do estratégico estreito de Bab al-Mandab, importante para as rotas comerciais internacionais (Riedel, 2020). MBS, com limitada experiência de governação, assumiu um papel central nesta decisão (Lima, 2023; Riedel, 2020; Stenslie, 2015). No entanto, de acordo com a literatura consultada, a decisão revelou-se apressada, com escassa discussão interna e pouca preparação militar prévia (Riedel, 2020). Importa, no entanto, mencionar que a intervenção militar no Iémen permitiu à Arábia Saudita obter o controlo de territórios de particular relevância estratégica como partes das províncias de Hadramaut e Al-Mahra, situadas no leste do território iemenita (Dahlgren, 2018; Riedel, 2020), o que garantiu uma via alternativa para aceder ao oceano Índico. Esta estratégia possibilitou ao país reduzir a dependência das vias de navegação do estreito de Ormuz, frequentemente condicionado pelo Irão (Koshaimah & Zou, 2023). Adicionalmente, a coligação liderada por Riade assumiu também o controlo das ilhas de Perim e do estreito de Bab al-Mandab, fundamental para as rotas marítimas entre o mar Vermelho e o oceano Índico (Riedel, 2020).

3.2.3. Instrumentalização das Alianças

Mearsheimer (2001) afirma que as alianças entre os Estados são de natureza pragmática e efémera. Num sistema internacional anárquico, os Estados assumem a responsabilidade de garantirem a sua própria sobrevivência, guiando-se pelo princípio da *self-help*. No entanto, este princípio não impede a criação de alianças, mas demonstra a

⁶⁴ Para os serviços de informação norte-americanos, a Arábia Saudita sobrestimou a influência iraniana sobre os Houthis (Riedel, 2020).

vulnerabilidade das mesmas, visto que “*alliances are only temporary marriages of convenience: today's alliance partner might be tomorrow's enemy, and today's enemy might be tomorrow's alliance partner*”(Mearsheimer, 2001, p.33). As alianças estratégicas da Arábia Saudita, abordadas no capítulo anterior, refletem os pressupostos descritos por Mearsheimer (2001), pois são parcerias de circunstância, formadas devido a ameaças ou objetivos comuns, mas sempre marcadas pela desconfiança e pela possibilidade de reconfiguração, caso os interesses estratégicos das partes envolvidas assim o exijam.

Primeiro, a aliança entre Riade e Abu Dhabi reflete a convergência de interesses face a um conjunto de desafios regionais, como a ameaça que consideram ser representada pelo Irão, a instabilidade provocada pela Primavera Árabe e o crescimento de movimentos islâmicos, como a Irmandade Muçulmana (Donelli, 2020; Mason, 2023; Van Slooten, 2019). A coordenação militar e diplomática na guerra no Iémen e no bloqueio ao Catar demonstra a natureza pragmática da aliança, visto que procura conter ameaças comuns e afirmar o poder regional dos dois países (Van Slooten, 2019). No entanto, de acordo com as premissas do Realismo Ofensivo, existe uma competição constante entre estes, dado que os Estados procuram reforçar a sua posição relativa (Mearsheimer, 2001). No caso da aliança entre os EAU e a Arábia Saudita, esta competição observa-se nas disputas fronteiriças históricas, como Khor al-Udaid⁶⁵ ou o campo petrolífero de Shaybah⁶⁶, nas divergências estratégicas no Iémen, na rivalidade económica e na disputa pela liderança regional (Khatib, 2020; Mason, 2023; Roll, 2023; Seddiq, 2001; Van Slooten, 2019).

⁶⁵ Atualmente, este território é parte do Catar, graças a um acordo bilateral com a Arábia Saudita em 2021 que redefiniu a fronteira entre os dois países (Ibrahim, 2021).

⁶⁶ Após a independência dos EAU, em 1971, surgiu uma disputa com a Arábia Saudita relativamente à região de Khor al-Udaid. Os EAU, com o apoio britânico, reclamavam a soberania deste território, contestado pelos sauditas. A disputa foi resolvida graças a um acordo secreto celebrado em 1974, no qual os EAU concederam à Arábia Saudita o corredor de Khor al-Udaid em troca da renúncia às reivindicações do oásis de Al Buraymi. O mesmo acordo atribuía também à Arábia Saudita a totalidade das receitas do campo petrolífero de Shaybah, apesar deste incluir também território dos EAU (Seddiq, 2001; Van Slooten, 2019).

Já a aliança entre os EUA e a Arábia Saudita surgiu em 1945, tratando-se de uma relação pragmática baseada numa troca estratégica, ou seja, a proteção militar americana em troca do acesso privilegiado ao petróleo saudita (Abdel Aziz, 2023; Cammack, 2017). Durante a Guerra Fria, esta relação consolidou-se devido ao interesse comum na contenção da expansão do socialismo soviético no Médio Oriente (Abdel Aziz, 2023; Mehdi et al., 2024). A aliança manteve-se sólida ao longo da década de 1990, nomeadamente durante a invasão do Kuwait pelo Iraque, quando os EUA lideraram uma coligação internacional para restaurar a soberania kuwaitiana (Abdel Aziz, 2023). De facto, o papel dos EUA na defesa do território saudita foi fulcral e também se assistiu à participação ativa da Arábia Saudita na coligação contra o Iraque (Abdel Aziz, 2023). Apesar das tensões geradas pelos atentados de 11 de setembro de 2001, dado que alguns participantes eram de origem saudita, a cooperação no combate a ações terroristas contribuiu para a manutenção desta aliança (Abdel Aziz, 2023; Martínez, 2020; Mehdi et al., 2024). Porém, durante as administrações dos presidentes Obama e Biden, registaram-se sinais evidentes de tensão, como referido no capítulo anterior (Cammack, 2017; Martínez, 2020; Mehdi et al., 2024). No entanto, durante a administração Trump, a preocupação com a influência iraniana na região aproximou novamente os dois países (Martínez, 2020; United States Congress, 2017). Esta dinâmica ilustra, claramente, as premissas centrais do Realismo Ofensivo. A aliança surgiu devido à necessidade mútua de segurança e de acesso a recursos estratégicos. Quando as perceções de ameaça mudaram, a intensidade e a natureza desta aliança também se reconfigurou, o que demonstra o seu carácter não permanente (Mearsheimer, 2001). Para McCallion (2024, p.2) *“Alliances usually begin and end in response to changing circumstances in international politics, the emergence and disappearance of common threats, and shifts in the balance of power”*.

Por fim, a aliança entre a Arábia Saudita e Israel, ainda que não formalizada, surgiu a partir dos cálculos estratégicos das partes envolvidas. Mearsheimer (2001, p.48) afirma que *“When great powers confront a serious threat, in short, they pay little attention to ideology as they search for alliance partners”*. De facto, a Arábia Saudita adota uma postura semelhante à das grandes potências na criação de uma parceria com Israel. Apesar de serem inimigos históricos e de não partilharem valores políticos ou religiosos, a perceção comum

da ameaça representada pelo Irão tem dado origem a formas discretas de cooperação, em particular, na área da segurança (O. Carter, 2021; Schueftan, 2017; Xu et al., 2021). Todavia, conforme afirma Mearsheimer (2001), as alianças são frágeis e voláteis. Logo, se o fator que justifica a cooperação entre sauditas e israelitas, neste caso, a ameaça iraniana, se atenuar significativamente, a aliança poderá desaparecer (O. Carter, 2021; Zisser, 2019). O mesmo poderá verificar-se caso ocorra uma alteração na liderança saudita, dado que, historicamente, os líderes do Reino sempre manifestaram descontentamento face às políticas e ações israelitas (O. Carter, 2021; Zisser, 2019).

3.2.4. Contenção de Ameaças

Segundo Mearsheimer (2001), uma das principais estratégias utilizadas para conter ameaças em contextos de multipolaridade desequilibrada é o *balancing*, um comportamento típico das grandes potências e que pode ser observado na atuação da Arábia Saudita. Esta estratégia ocorre quando um Estado procura conter a ascensão de um adversário, através do fortalecimento das suas próprias capacidades militares, ou seja, o *internal balancing*; ou através da formação de alianças com outros Estados, portanto, o *external balancing* (Mearsheimer, 2001). O Reino tem recorrido a diversas estratégias de *balancing* com o objetivo de conter a expansão da influência iraniana e de outros atores rivais na região. A Arábia Saudita afirma, claramente, que está determinada a conter os avanços iranianos que possam afetar os seus interesses (Hododi, 2024; Jefferson da Silva, 2022). Este posicionamento manifesta-se no discurso oficial, analisado anteriormente, onde Riade considera o Irão como parte do que designa de “triângulo do mal”, com ambições expansionistas (Goldberg, 2018; O’Donnell, 2019) e também na intervenção militar no Iémen em 2015. Esta operação constituiu uma demonstração explícita de que Riade não irá permitir a expansão das forças Houthis, apoiadas por Teerão, na sua fronteira (Hododi, 2024; Jefferson da Silva, 2022), o que ilustra a lógica descrita por Mearsheimer (2001, p.156) “*the balancer draws a line in the sand and warns the aggressor not to cross it*”.

A Arábia Saudita tem procurado constituir alianças regionais que visam conter a influência iraniana. Este processo de *external balancing* concretizou-se na consolidação de

um bloco anti-Irão, que inclui os EAU, para além de outros Estados do CCG, o Egipto e Israel (Khatib, 2020; Zamir, 2022). Riade mantém também uma relação estratégica com os EUA, como se observou durante a administração Trump (Martínez, 2020; United States Congress, 2017).

Para além disso, a Arábia Saudita tem desenvolvido uma estratégia de reforço das suas capacidades de defesa, o que corresponde à lógica do *internal balancing*. Como se observou anteriormente, foram introduzidos vários equipamentos militares, entre 2015 e 2022, e assistiu-se à modernização, em particular, nas forças navais sauditas (IISS, 2015, 2022). Todavia, Mearsheimer (2001) argumenta que as grandes potências já alocam uma parcela significativa dos seus orçamentos à defesa, o que limita a margem para aumentos adicionais. Porém, perante ameaças particularmente graves, os Estados tendem a intensificar os seus investimentos militares (Mearsheimer, 2001). Este padrão observa-se no caso saudita, que permaneceu, entre 2015 e 2022, no grupo restrito dos países com a maior despesa militar. No entanto, em 2017, as despesas militares sauditas aumentaram cerca de 8,95% face ao ano anterior, devido ao agravamento das tensões com o Catar (Sayed et al., 2021). Em 2022, os gastos militares atingiram 75 mil milhões de dólares, sobretudo pela continuação da intervenção militar no Iémen (Tian et al., 2023).

Acresce que o Realismo Ofensivo refere o *buck-passing*⁶⁷ como outra estratégia das grandes potências, na contenção de ameaças (Mearsheimer, 2001). No entanto, não se observam estratégias de *buck-passing* no comportamento saudita, no período em análise. De facto, a Arábia Saudita não delegou a contenção do Irão a outros atores regionais ou externos. Pelo contrário, participou de forma direta na contenção da influência iraniana, nomeadamente através da intervenção militar no Iémen (Bahein, 2025; Riedel, 2020). Como refere Mearsheimer (2001, p.270), “*Buck-passing is less likely in an unbalanced multipolar system, because the threatened states have a strong incentive to work together to prevent the*

⁶⁷*Buck-passing* ocorre quando uma potência ameaçada procura evitar o confronto direto com o Estado inimigo, e delega a responsabilidade de contê-lo a outro Estado (Mearsheimer, 2001).

potential hegemon from dominating their region”. Esta premissa é aplicável ao Médio Oriente, que configura um sistema multipolar desequilibrado, conforme previamente observado.

3.2.5. Maximização do Poder Relativo

A maximização do poder relativo constitui, de acordo com o Realismo Ofensivo, um passo fundamental para alcançar a hegemonia regional, o objetivo último das grandes potências. Segundo Mearsheimer (2001, p.34), *“states pay close attention to how power is distributed among them, and they make a special effort to maximize their share of world power”*. Assim, é possível afirmar que as dimensões descritas anteriormente, como o revisionismo, a intervenção militar, as alianças e a contenção de ameaças podem ser analisadas como instrumentos estratégicos independentes, mas, no entanto, todas estão subjacentes à necessidade de maximização do poder relativo dos Estados.

A maximização do poder relativo exige a mobilização dos recursos socioeconómicos e militares disponíveis, pelo que se torna crucial analisar os dois tipos de poder que Mearsheimer (2001) identifica: o poder militar e o poder latente.

3.2.5.1. Dimensão do Poder Militar

Mearsheimer (2001) argumenta que o poder militar depende da dimensão e da capacidade das forças terrestres de um Estado, complementadas pelas forças aéreas e navais. Para além disso, num contexto onde existe armamento nuclear, são também as forças terrestres que constituem a base do poder militar efetivo, visto que, para as grandes potências, o objetivo é frequentemente expandir o território (Mearsheimer, 2001). Apesar da Arábia Saudita, durante o período em análise, não demonstrar que tem objetivos expansionistas territoriais, observa-se que as suas forças armadas desempenham um papel fundamental na sua estratégia securitária e de projeção do poder na região, como se observou anteriormente. Portanto, o comportamento saudita revela-se análogo ao que Mearsheimer (2001) descreve como típico das grandes potências. Recorrendo à **Tabela 6**, a Arábia Saudita manteve-se, de um modo geral, entre os 10 países que mais alocaram recursos para a área

militar, com despesas que oscilaram entre os 55,6 mil milhões e 87,2 mil milhões de dólares, entre 2015 e 2022. Nesta tabela observa-se também que a Arábia Saudita aplicou uma parcela significativa do seu PIB para as despesas militares. Apesar de existirem oscilações ao longo do período analisado, os valores mantêm-se frequentemente próximos dos 10% do PIB (Lopes da Silva et al., 2021, 2022; Perlo-Freeman et al., 2016; Tian et al., 2017, 2018, 2019, 2023).

Posto isto, visto que a maximização do poder é sempre relativa, como sublinha Labs (1997, p.15) “(...) states, at any given moment in time, want to maximize their relative power against both friend and foe”, torna-se fundamental comparar as capacidades militares da Arábia Saudita com outros Estados que exercem uma influência predominante no Médio Oriente, nomeadamente: Egito, Irão, Israel e Turquia (Beck, 2014; Gause III, 2020; Kamrava, 2018; Raouf, 2019).

O Exército saudita é constituído por cerca de 75,000 efetivos e aproximadamente 1,010 MBTs, valores inferiores aos registados nos restantes países em análise, como se observa na **Tabela 7**. No entanto, possui uma força blindada qualitativamente superior à de vários vizinhos, com MBTs mais modernos (Eastwood, 2023). Complementarmente, o Reino dispõe de uma das forças aéreas mais modernas e tecnologicamente avançadas da região, com um total de 456 aeronaves de combate, incluindo caças F-15SA e *Eurofighter Typhoon* (IISS, 2022). Importa, contudo, salientar que Israel apesar de dispor de um número inferior de aeronaves de combate, possui caças de quinta geração, como o F-35I *Adir*, o que lhe confere uma vantagem tecnológica significativa (IISS, 2022; Shapir, 2016).

Já a Marinha saudita apresenta um efetivo relativamente reduzido quando comparada com os restantes países em análise, superando apenas Israel, como se observa na **Tabela 7**. Em relação à capacidade naval de superfície, dispõe de um número razoável de fragatas e corvetas, porém inferior ao Egito e à Turquia (IISS, 2022). Um dos principais pontos críticos da Marinha saudita é a ausência de submarinos, equipamento fundamental para operações de dissuasão e de vigilância (Holmes, 2014). Os restantes países analisados possuem uma

frota submarina significativa, o que lhes confere uma vantagem estratégica clara em relação ao Reino (IISS, 2022).

Em suma, a comparação entre as capacidades militares da Arábia Saudita com as do Egito, Israel, Irão e Turquia demonstra que, apesar dos elevados níveis de despesa nas áreas de segurança e defesa, o Reino apresenta limitações estruturais relevantes, sobretudo no número limitado de efetivos das forças terrestres, cruciais para Mearsheimer (2001) e na ausência de submarinos.

3.2.5.2. Dimensão do Poder Latente

O poder latente é descrito por Mearsheimer (2001) como o conjunto de recursos socioeconómicos que permitem a um Estado desenvolver e manter as suas capacidades militares. Este poder depende da riqueza nacional e da dimensão populacional, visto que são elementos que definem o potencial que pode ser mobilizado para cumprir os objetivos estratégicos de uma nação (Mearsheimer, 2001). Perante este quadro teórico, torna-se crucial examinar as características demográficas e o desempenho económico do Reino e compará-los com o Egito, Israel, Irão e Turquia.

De acordo com a **Tabela 8**, a Arábia Saudita, com uma população de cerca de 32 milhões de habitantes (em 2022), é o segundo país menos populoso entre os Estados considerados, superando apenas Israel (World Bank, s/db). Apesar da dimensão populacional relativamente reduzida, o Reino destaca-se como a maior economia em termos absolutos, visto que apresenta um PIB de cerca 1,24 biliões de dólares em 2022, como se observa na **Tabela 9** (World Bank, s/da). Este valor excede de forma significativa o PIB da Turquia, a segunda maior economia do grupo, que se situa nos 907 mil milhões de dólares (World Bank, s/da). No que diz respeito ao rendimento *per capita*, a Arábia Saudita ocupa, de igual modo, uma posição de liderança, com um valor aproximado de 57,400 dólares, superior ao de Israel, que regista o segundo PIB *per capita* mais elevado (CIA, s/dd, s/dc). Um indicador adicional que destaca a estabilidade económica saudita corresponde ao nível reduzido da dívida pública, cerca de 17,2% do PIB, de acordo com dados referentes a 2017, o que representa o valor mais baixo entre os países analisados (CIA, s/dd).

No domínio do comércio externo, a Arábia Saudita regista um *superávit* comercial significativo, com um excedente de, aproximadamente, 187,5 mil milhões de dólares, de acordo com a **Tabela 9**. Em contrapartida, a Turquia e o Egito apresentam défices comerciais significativos, o que demonstra a posição particularmente favorável do Reino no contexto económico regional (CIA, s/de, s/da).

Para além das dimensões quantitativas, importa considerar as estratégias estatais que ampliam o poder latente saudita. Em primeiro lugar, o *Vision 2030*, visto que procura criar as condições estruturais para que, futuramente, o Reino possua uma economia diversificada, capacidade para produzir tecnologia própria e uma população cada vez mais qualificada (Kinninmont, 2017; Vision 2030, s/d). Adicionalmente, o programa espacial saudita insere-se no conceito de poder latente, ao impulsionar a aquisição de competências tecnológicas avançadas e fomentar a capacidade do país para competir na área da tecnologia de uso dual de última geração (Li, 2024; Sheldon, 2024). Por sua vez, a liderança da Arábia Saudita na OPEP e na OPEP+ assegura-lhe um papel preponderante nos mercados energéticos e, conseqüentemente, no sistema internacional (Fattouh, 2024; Ottaway, 2022). Estes fatores contribuem para consolidar o “*raw potential*” identificado por Mearsheimer (2001, p. 55).

Concluindo, apesar da sua população relativamente reduzida face a outros Estados do Médio Oriente, a Arábia Saudita detém um poder latente assinalável, visto que apresenta características económicas notáveis. Estes fatores garantem ao Reino uma capacidade significativa para mobilizar recursos financeiros e materiais destinados à projeção e à consolidação do seu poder militar.

3.2.6. Objetivos Não Securitários

A Arábia Saudita desenvolveu, no período em análise, uma estratégia de projeção de poder que recorre a meios não convencionais que correspondem à Estratégia Geral Psicossocial, analisada no capítulo anterior. Estas ações inserem-se numa estratégia mais ampla de fomento da influência externa do Reino, com o intuito de construir uma imagem internacional positiva (Al-Rawi, 2021; Karatas, 2022; Martucci, 2024). Mearsheimer (2001, p. 46) argumenta que

Offensive realism certainly recognizes that great powers might pursue these non-security goals, but it has little to say about them, save for one important point: states can pursue them as long as the requisite behavior does not conflict with balance-of-power logic, which is often the case. Indeed, the pursuit of these non-security goals sometimes complements the hunt for relative power.

O *sportwashing* faz parte de uma tentativa intencional de reconfigurar a percepção externa da Arábia Saudita (Martucci, 2024; O’Kelly, 2022). Ao apresentar-se como moderno e dinâmico (Jaithalia & Yadav, 2024), o país procura atrair investimento estrangeiro, fomentar o turismo e reduzir a pressão internacional em relação às alegadas violações de direitos humanos (Jaithalia & Yadav, 2024; Martucci, 2024; Ricardi, 2024). Este tipo de estratégia reforça, indiretamente, a economia (Martucci, M., 2024) e o poder do Estado saudita (Nascimento & Abreu, 2024) que, segundo Mearsheimer (2001), são fundamentais para suportar o poder latente de um país. De facto, como resumem Nascimento e Abreu (2024, p.69) “(...) Bin Salman também utiliza eventos esportivos para criar relações diplomáticas, novos acordos comerciais e atrair turistas, além de utilizar o esporte como ponto principal para a posição da Arábia Saudita na sociedade internacional”.

Igualmente, o controlo interno da informação e o uso coordenado das redes sociais como ferramentas de manipulação de percepções visa manter a estabilidade interna e gerir a reputação externa (Al-Rawi, 2021; Karatas, 2022). De facto, a nível interno, o regime censurou dissidentes e controlou os meios de comunicação social para evitar a contestação e consolidar o poder político (Karatas, 2022). Na esfera internacional, recorreu a redes de *bots* e campanhas de desinformação para moldar a narrativa, como se observou no caso Khashoggi, e, conseqüentemente, promover uma imagem positiva do país e neutralizar as críticas (Al-Rawi, 2021).

Outro objetivo não securitário que se observa no comportamento da Arábia Saudita é a procura pela liderança do mundo muçulmano. Como Mearsheimer (2001) afirma, a sobrevivência é o objetivo supremo, e todos os outros fins são condicionados por essa prioridade. Logo, os objetivos secundários só são prosseguidos quando não entram em conflito com os imperativos securitários. Quando os reforçam, são úteis; quando os

contradizem, devem ser abandonados ou adaptados (Mearsheimer, 2001). No caso da Arábia Saudita, a ambição de liderar o mundo muçulmano pode ser vista como vantajosa, desde que contribua para o aumento do poder relativo do Estado saudita, por exemplo, ao disputar a liderança religiosa com o Irão, e, conseqüentemente, enfraquecer um rival regional (Ekşi, 2017). Contudo, quando interesses estratégicos o exigem, como se observa na aproximação informal a Israel como forma de conter aquilo que é percebido como uma ameaça iraniana, a Arábia Saudita demonstra que os objetivos religiosos e ideológicos são subordinados à lógica do poder (Frias, 2024; Rynhold & Yaari, 2019).

Em suma, a estratégia da Arábia Saudita procura concretizar objetivos não securitários como a construção de uma imagem internacional positiva, a estabilidade interna e a liderança do mundo muçulmano, no entanto, subordinados aos pressupostos do Realismo Ofensivo, particularmente, o uso de objetivos não securitários para o aumento do poder relativo.

4. Análise Exploratória da Eficácia Estratégica

O presente capítulo pretende explorar a eficácia da Estratégia Integral da Arábia Saudita na procura pela hegemonia regional. No entanto, o capítulo tem um carácter exploratório, visto que não existem, na literatura académica consultada, modelos conhecidos que permitam avaliar, de forma absoluta, a eficácia de uma Estratégia Integral como a desenvolvida pela Arábia Saudita entre 2015 e 2022. Para além disso, importa referir a limitação temporal, dado que, grande parte das Estratégias Gerais e Particulares analisadas anteriormente foram implementadas entre 2015 e 2022, encontrando-se, muitas delas, ainda em curso. Portanto, é impraticável avaliar a eficácia de algumas Estratégias Gerais e Particulares sauditas.

Deste modo, tendo em conta a ausência de modelos reconhecidos, a presente dissertação adota um modelo próprio, de natureza qualitativa e exploratória, através da interligação entre os pressupostos da Teoria Geral da Estratégia e do Realismo Ofensivo. Foram definidas quatro perguntas para explorar a eficácia de cada Estratégia Particular. Importa salientar que estas quatro questões representam apenas uma amostra das muitas perguntas possíveis, dada a amplitude da Teoria Geral da Estratégia e do Realismo Ofensivo. Para além disso, nem todas as perguntas terão resposta, uma vez que, em certos casos, não existem dados concretos e legítimos que permitam formular respostas fundamentadas.

Importa também referir que os resultados obtidos no presente capítulo encontram-se resumidos na **Tabela 11**, em Apêndice.

Pergunta 1 (P1)⁶⁸: As decisões estratégicas foram coerentes com os objetivos fixados pela política?

Para Silva Ribeiro (2009), a estratégia visa materializar os objetivos fixados pela política. Logo, para explorar a eficácia de uma determinada estratégia, é necessário questionar se as ações tomadas estão alinhadas com os objetivos.

Pergunta 2 (P2): Os meios utilizados foram eficazes para materializar os objetivos fixados pela política?

Para explorar a eficácia das estratégias sauditas, é necessário recorrer ao princípio da economia de esforço, visto que Silva Ribeiro (2009, p.142 e 143) considera que “a nível estratégico é preciso compor, organizar, articular e aplicar os meios que se dispõe da melhor maneira possível, para tirar deles o máximo rendimento, com vista à obtenção do fim fixado”. Portanto, os meios devem ser empregues de forma racional e proporcional de modo a garantir a eficácia da estratégia.

Pergunta 3 (P3): Como reagiram os contendores regionais à estratégia saudita?

De acordo com Silva Ribeiro (2009, p.22), a estratégia desenvolve-se num “ambiente de desacordo” onde as ações de um ator produzem sempre reações nos seus contendores, que são “dotados de vontade e de capacidade, que dispõem de estruturas de comando habilitadas a tomar iniciativas e a reagir às ações realizadas, de forma a negar reciprocamente a materialização de objectivos nacionais divergentes” (Silva Ribeiro, 2009, p.45). Do ponto de vista do Realismo Ofensivo, Mearsheimer (2001) defende que os Estados são entidades racionais que atuam num ambiente anárquico. Deste modo, os Estados não são atores passivos, visto que agem e reagem de acordo com as ações dos outros Estados (Mearsheimer, 2001). Logo, é necessário analisar o comportamento dos contendores regionais perante as

⁶⁸ Na análise que se segue, cada resposta será identificada como R1, R2, R3 ou R4, que corresponde às perguntas P1, P2, P3 e P4 apresentadas no início do capítulo.

decisões estratégicas sauditas. Consideram-se como principais contendores regionais da Arábia Saudita os Estados que, segundo a literatura consultada, apresentam características que os colocam numa posição de destaque na disputa pela liderança no Médio Oriente, como o Irão, a Turquia, Israel e o Egito (Beck, 2014; Gause III, 2020; Kamrava, 2018; Raouf, 2019).

Pergunta 4 (P4): A Arábia Saudita conseguiu reforçar a sua posição relativa face aos principais contendores regionais?

Um dos pressupostos mais relevantes para explorar a eficácia da estratégia é a capacidade de um Estado reforçar a sua posição relativa face aos seus principais contendores regionais (Silva Ribeiro, 2009). Tal como afirma Silva Ribeiro (2009, p.187), “O que importa não é o desempenho em termos absolutos, do domínio do planeamento, mas o desempenho relativamente aos contendores, do domínio da estratégia”. Já Mearsheimer (2001, p.3) considera que “(...) *states recognize that the more powerful they are relative to their rivals, the better their chances of survival*”.

4.1. Estratégia Geral Psicossocial

4.1.1. Estratégia Particular de Propaganda

R1: As ações desenvolvidas pela Arábia Saudita na estratégia de propaganda, particularmente, através do *sportwashing*, demonstram um elevado grau de coerência com os objetivos estratégicos postulados. O investimento no desporto está alinhado com as metas do *Vision 2030*, que procuram diversificar a economia e reduzir a dependência do petróleo, promovendo setores como o turismo, o entretenimento e os negócios (Pereira, 2023; Vision 2030, s/d). Estas iniciativas procuram também reformar a imagem externa do regime e apresentar o país como moderno e dinâmico (Martucci, 2024; Pereira, 2023; Yüçetürk & Keskin, 2022). Por fim, o uso do desporto como instrumento de propaganda é coerente com o objetivo de mobilizar o apoio da juventude saudita, que procura afastar-se do conservadorismo *wahhabita* (Pereira, 2023).

R2: Por um lado, a aquisição saudita do *Newcastle United* em 2021 foi recebida com entusiasmo por 97% dos adeptos (O’Kelly, 2022) e o investimento no desporto contribuiu para o PIB saudita, com as contribuições financeiras do setor a crescer de SR 2,4 mil milhões em 2016 para SR 6,5 mil milhões em 2019 (Ricardi, 2024). Contudo, a estratégia enfrentou críticas devido ao caso Khashoggi e às alegadas violações de direitos humanos, com acusações de que o desporto serve para encobrir abusos e projetar uma imagem positiva que não corresponde à realidade (Morgan, 2021; Pereira, 2023). Eventos como a Supertaça Italiana em Jeddah e a participação de figuras internacionais⁶⁹ em eventos no país geraram protestos e críticas, o que demonstra que os investimentos no desporto não eliminaram a contestação internacional (Burnton, 2019; Buxeda, 2018).

R3: Não se observam reações significativas por parte dos contendores regionais. No entanto, na opinião da Academia saudita⁷⁰, as elites iranianas reconhecem a capacidade saudita de aumentar a sua influência internacional, algo que o Irão não consegue alcançar plenamente (Alsulami, 2024). Alsulami (2024, p.8) denota, “*Particularly noteworthy are Saudi sports and entertainment diplomacy efforts, characterized by initiatives to attract international stars and host major sporting events*”

R4: A Arábia Saudita compete diretamente com países como o Catar e os EAU, que há mais de uma década desenvolvem estratégias estruturadas com o intuito de projetar o poder através do desporto (O’Kelly, 2022). Apesar de ter começado a investir mais tarde do que os seus rivais, o Reino dispõe de recursos financeiros consideravelmente superiores e de uma visão mais ambiciosa, enquadrada no plano *Vision 2030* (Ganji, 2023; O’Kelly, 2022).

⁶⁹ A realização da Supertaça Italiana em Jeddah conduziu a protestos na Itália e a críticas acerca da manutenção das zonas segregadas por género nos estádios (Burnton, 2019). Para além disso, figuras de destaque, como John Cena, Daniel Bryan, Rafael Nadal e Novak Djokovic, foram alvo de críticas por parte da comunidade internacional devido à sua participação em eventos desportivos no Reino (Buxeda, 2018).

⁷⁰ Importa sublinhar que, face ao controlo social e político existente na Arábia Saudita, a opinião do professor Alsulami, da universidade saudita *Ummul Al Qura*, deve ser analisada com prudência e considerada dentro do contexto académico saudita.

Apesar de enfrentar críticas mais expressivas do que os outros Estados do Golfo, devido às questões relacionadas com os direitos humanos (O’Kelly, 2022), a estratégia contribuiu para reforçar a sua posição relativa no contexto regional.

4.1.2. Estratégia Particular de Informação Pública

R1: A estratégia da informação pública, em particular, a repressão dos meios de comunicação social, foi coerente com os objetivos fixados pela política, visto que contribuiu para preservar a estabilidade interna e salvaguardar a legitimidade do regime (Karinda, 2024).

R2: A nível interno, é possível afirmar que os meios foram eficazes. De facto, no pós-Primavera Árabe, o regime conseguiu controlar a insatisfação da sociedade saudita através da repressão (Pehlivan, 2023) e das concessões materiais o que preveniu que as tensões internas se transformassem numa ameaça à estabilidade (Domínguez de Olazábal & Martínez, 2021). Khashoggi corroborou o ambiente repressivo total, na última entrevista que concedeu à *Al Jazeera* (2018, s/p), onde afirma que *“As we speak today, there [are] Saudi intellectuals and journalists jailed. Now, nobody will dare to speak and criticise the reforms [initiated by the crown prince]”*. A nível internacional, a questão é debatida por ONGs, como se observou anteriormente e, em momentos específicos de forte repressão, como se observou aquando do assassinato de Khashoggi, a Arábia Saudita é alvo de críticas por parte da comunidade internacional (Cherkaoui & Mohyidin, 2019), o que coloca em causa a efetividade dos meios utilizados na presente estratégia, para a estabilidade do regime e para a renovação da imagem do Reino no exterior.

R3: A literatura consultada demonstra uma ausência de respostas formais por parte dos principais contendores regionais à estratégia de controlo da informação pública saudita.

R4: A estratégia de informação pública, em particular, o controlo dos meios de comunicação social, contribuiu para a estabilidade interna saudita (Al Jazeera, 2018; Stenslie, 2018), o que fortalece a posição relativa do Reino face a outros atores regionais, visto que assegura um ambiente político mais coeso (Stenslie, 2018). No plano internacional, apesar das críticas em

relação às alegadas violações de direitos humanos, estas não resultaram em ações capazes de enfraquecer significativamente o regime saudita (ALQST, 2018; Schenkkan & Linzer, 2021).

4.1.3. Estratégia Particular de Contrapropaganda

R1: A estratégia de contrapropaganda, observada no caso Khashoggi, foi coerente com os objetivos postulados pela política, visto que teve como principal objetivo proteger a imagem do regime e de MBS e de garantir a neutralização das ameaças à autoridade do mesmo (Bindary, 2019; Vitale, 2022).

R2: No contexto regional, a contrapropaganda conseguiu conter danos e fomentar o apoio a MBS, dado que o apoio à Arábia Saudita foi generalizado entre os governos do Médio Oriente (MEE, 2018). No entanto, a nível internacional, em particular, no Ocidente, a imagem da Arábia Saudita sofreu danos momentâneos consideráveis⁷¹ e o caso Khashoggi tornou-se um símbolo de repressão política, o que originou críticas por parte de governos e da sociedade civil (Friedman, 2018). No entanto, tal como afirma Rampini (2025, p.164), “Muito rapidamente, a atratividade da Arábia Saudita- seja como fornecedor de energia, seja como investidor global ou destino de investimentos- acabou por prevalecer”.

R3: Os países árabes, no geral, mantiveram uma postura de apoio ou silêncio (MEE, 2018). Por outro lado, o Irão condenou o assassinato, tal como se observa nas palavras do chefe do judiciário do país *"This heinous murder further revealed the nature of Saudis, their kingdom and that young man who is seeking fame and murdering innocent people"* (AFP, 2018, s/p).

R4: A Arábia Saudita não conseguiu reforçar, de forma significativa, a sua posição relativa face aos principais contendores regionais, após o caso Khashoggi. De facto, o episódio foi

⁷¹ De facto, as consequências negativas do caso Khashoggi foram reconhecidas também a nível interno. Segundo Cherkaoui e Mohyidin (2019), as autoridades sauditas admitiram que o impacto reputacional do caso foi significativamente mais grave do que o provocado pelos ataques de 11 de setembro.

explorado por rivais regionais como o Catar e o Irão para enfraquecer, temporariamente, Riade (Hadian-Jazy, 2018; Rampini, 2025).

4.2. Estratégia Geral Política

4.2.1. Estratégia Particular de Política Interna

R1: As estratégias implementadas revelaram-se coerentes com os objetivos fixados pela política, delineados no *Vision 2030*, em particular, as reformas sociais e económicas com o intuito de modernizar o país e diversificar a economia (Chara, 2018; Leber, 2025; Vision 2030, s/d). Para além disso, conduziram à consolidação do poder de MBS e à redução da influência das elites religiosas, que, apesar de não constarem explicitamente no *Vision 2030*, são destacados por vários autores como objetivos fundamentais (Chara, 2018; Leber, 2025; Stenslie, 2018).

R2: Os meios utilizados mostraram-se eficazes para alcançar os objetivos propostos, no período em análise na presente dissertação⁷². A concentração do poder na figura de MBS permitiu-lhe eliminar obstáculos internos e criar uma nova base de apoio composta por jovens e mulheres, o que permitiu uma rápida execução das reformas do *Vision 2030* (Ottaway, 2021). De facto, observaram-se avanços relevantes no papel social e económico das mulheres sauditas, que, de acordo com os autores consultados, não se traduzem numa

⁷² No entanto, importa mencionar dois aspetos fulcrais na estratégia saudita que podem gerar tensões internas e afetar o desenvolvimento da sua Estratégia Integral. Kinninmont (2017) e Alhussein (2022) analisam o equilíbrio entre a modernidade e tradição na implementação do *Vision 2030*. Kinninmont (2017) destaca que a diversificação económica e a redução do papel do Estado na economia podem alterar o que designa de contrato social, até então assegurado pela redistribuição dos lucros do petróleo em troca de lealdade para com a casa real. Para além disso, a crescente modernização da sociedade enfrenta a resistência dos setores mais conservadores da sociedade saudita, que desempenham um papel fundamental na legitimação da família real (Kinninmont, 2017). Por fim, Alhussein (2022) salienta também que o *Vision 2030* impulsiona iniciativas culturais e sociais para modernizar a imagem do país no exterior, mas a ausência de reformas políticas significativas limita o impacto da estratégia.

verdadeira emancipação política e social das mesmas (Cerioli, 2019; Zaheer et al., 2022), mas que contribuíram para reformar a imagem do país na esfera internacional (Cerioli, 2019; Irish, 2018).

R3: Não se registaram reações significativas por parte dos principais contendores regionais às reformas implementadas pela Arábia Saudita. Contudo, no caso do Irão, apesar da ausência de declarações oficiais, alguns analistas e ativistas sugerem que determinadas reformas no país, como a flexibilização do código de vestuário feminino e a autorização para a participação de atletas femininas em competições internacionais, são respostas simbólicas às políticas de modernização da Arábia Saudita (Barnard & Erdbrink, 2019).

R4: A Estratégia de Política Interna permitiu à Arábia Saudita reforçar a sua posição relativa face aos principais contendores regionais. De facto, a centralização do poder em MBS permitiu reduzir as disputas internas e aumentou a capacidade do governo de tomar decisões de forma mais rápida e eficaz (Kinninmont, 2018; Martínez, 2020). Para além disso, o *Vision 2030* permitiu ao Reino projetar uma imagem de modernidade que contrasta com Estados como o Irão (Bizaer, 2024).

4.2.2. Estratégia Particular Diplomática

R1: A estratégia saudita de diplomacia coerciva no decorrer da crise do Catar foi coerente com os objetivos definidos, visto que procurou conter a influência de Doha, limitar as suas ligações ao Irão e à Irmandade Muçulmana e integrar o Catar num projeto regional liderado pela Arábia Saudita e pelos EAU (Iqbal, 2024; Ulrichsen, 2017). No domínio das alianças, a política saudita visou conter o Irão, através da aproximação a Israel e da manutenção das relações com os EAU e os EUA (Ali, 2025; Lima, 2023; Xu et al., 2021; Zisser, 2019).

R2: Os meios utilizados pela Arábia Saudita mostraram-se ineficazes, no decorrer da crise do Catar, dado que, apesar da pressão económica e política, Doha resistiu com apoio de países como a Turquia e o Irão e do seu poder económico (Iqbal, 2024; Lynch, 2018; Nephew, 2020; Ulrichsen, 2017). Como afirma Ulrichsen (2017, p.14) *“Economic boycott could only marginally harm one of the wealthiest countries in the world, while the U. S.*

military base provided an effective military deterrent”. Para além disso, a crise reforçou a autossuficiência do Catar, a criação de reservas estratégicas e o apoio interno ao Emir (Nephew, 2020). Já no que diz respeito às alianças, é possível afirmar que os meios foram eficazes, no entanto, com algumas ressalvas. A cooperação militar e estratégica com os EAU foi, num primeiro momento, sólida, mas as divergências quanto ao futuro político do Iémen, por exemplo, fraturaram a relação e afetaram a reputação internacional do Reino e a eficácia da intervenção no país vizinho (Parker, 2021). Por outro lado, a Arábia Saudita manteve os laços estratégicos com os EUA, o que permitiu, por exemplo, uma coordenação política eficaz contra o Irão, sobretudo durante a administração Trump (Thompson, 2018). De facto, os EUA retiraram-se do JCPOA e aplicaram novas sanções a Teerão, para além de Trump apoiar a intervenção saudita no Iémen e as tentativas de Riade de isolar o Catar (Thompson, 2018). Por fim, não é possível explorar a eficácia da aliança entre Riade e Telavive, no período em análise, visto se tratar de uma aliança implícita e não formal. No entanto, é possível afirmar que esta aproximação comprometeu a imagem da Arábia Saudita como possível líder do mundo muçulmano, dado que colocou em causa a sua histórica reputação como defensora da causa palestiniana (Niu & Wu, 2021).

R3: Os contendores regionais reagiram de formas distintas à imposição do bloqueio ao Catar. A Arábia Saudita liderou o bloqueio e recebeu apoio do Egito (Iqbal, 2024). Por outro lado, a Turquia posicionou-se contra o bloqueio (Beaumont, 2017; Iqbal, 2024). O Irão adotou uma postura cautelosa, devido ao receio de uma possível guerra no Golfo. No entanto, quebrou o bloqueio e entregou bens essenciais ao Emirado (Von Hein, 2017). Já Israel aproveitou a crise para isolar o Hamas e conter a influência do Irão, alinhando-se tacitamente com a Arábia Saudita (Cook, 2017). No que se refere às alianças, Israel reagiu positivamente à aproximação à Arábia Saudita, dado que permitiu normalizar relações com países árabes sem promover avanços significativos na resolução do conflito palestiniano (Black, 2019). Apesar de não existirem declarações públicas do Irão acerca da aproximação implícita entre Riade e Telavive, é possível inferir a oposição iraniana à mesma, dado que Teerão acusou os EAU de traírem a causa palestiniana e os interesses do mundo muçulmano aquando dos Acordos de Abraão em 2020 (Hafezi, 2020).

R4: A Arábia Saudita não conseguiu reforçar a sua posição relativa face aos principais contendores regionais, dado que a crise no Catar produziu um efeito contrário ao pretendido, visto que aproximou Doha de potências como a Turquia e o Irão (Salameh & Darabseh, 2025; Zaccara, 2019). Para além disso, demonstrou as fragilidades do CCG e da coesão dos países do Golfo (Salameh & Darabseh, 2025). Por outro lado, no que diz respeito às alianças, a Arábia Saudita obteve ganhos assinaláveis na sua posição relativa. A aliança com os EAU e com outros Estados do Médio Oriente permitiu ao Reino obter uma capacidade de intervenção regional, como ocorreu no conflito do Iémen (Van Slooten, 2019). Já a manutenção da parceria estratégica com os EUA permitiu, por exemplo, o aval americano à atuação saudita no Iémen e, em menor grau, no Catar (Boutouchent & Yekken, 2022; Gaouette et al., 2017). Por fim, a aliança implícita com Israel ampliou as opções estratégicas sauditas, não só no contexto da disputa com o Irão, mas também na esfera económica (Niu & Wu, 2021). No entanto, as informações relativas aos resultados concretos da *quasi*-aliança não estão disponíveis, dado o carácter informal da mesma, o que não permite explorar se se trata de uma cooperação efetiva ou apenas de uma possibilidade em aberto.

4.3. Estratégia Geral Económica

4.3.1. Estratégia Particular Financeira

R1: A estratégia representada pelo PIF está alinhada com os objetivos estabelecidos pela política, em particular, o *Vision 2030*, dado que procura contribuir para a diversificação económica do país (Trudelle, 2023). De acordo com o Ministério da Economia e Planeamento saudita (2023, p.15), “*PIF’s pioneering efforts have enabled the Kingdom’s pursuit of sustainability and economic diversification*”. Para além disso, é importante referir que o Reino utilizou o PIF de forma estratégica, a nível nacional e internacional, com o intuito de reforçar a legitimidade e garantir a estabilidade do regime (Human Rights Watch, 2024; Trudelle, 2023).

R2: No período em análise na presente dissertação, é possível observar que o PIF alocou recursos significativos para as áreas da tecnologia e da indústria, reforçou o capital doméstico e atraiu investimento estrangeiro (Ministry of Economy and Planning, 2023).

Demonstrou também uma capacidade de intervenção rápida no mercado, em particular, durante crises políticas, o que contribuiu para proteger os investidores (McPherson-Smith, 2021). No entanto, é relevante salientar que, após o caso Khashoggi, por exemplo, observaram-se impactos negativos, como a rescisão de um acordo multimilionário pela Virgin Galactic (McPherson-Smith, 2021; Trudelle, 2023). Para mitigar possíveis riscos semelhantes, o PIF passou a recorrer a intermediários, como o *Vision Fund* da SoftBank, estratégia que, apesar de reduzir o prestígio do PIF, limita a vulnerabilidade do mesmo face a situações políticas adversas (McPherson-Smith, 2021)

R3: Não foi possível aferir a opinião dos principais contendores regionais acerca da presente estratégia saudita.

R4: A Arábia Saudita conseguiu reforçar a sua posição relativa face aos principais contendores regionais através do PIF. Como referido anteriormente, este instrumento tem desempenhado um papel fundamental na projeção do poder económico e da influência internacional do país (Flynn & Aldamer, 2024; Sam, 2023). De facto, o PIF permite à Arábia Saudita investir em empresas internacionais, incluindo nos EUA e na Índia, conferindo-lhe capacidade de exercer influência nas economias destes países (Flynn & Aldamer, 2024; Roll, 2019).

4.3.2. Estratégia Particular de Produção

R1: As decisões acerca da produção de petróleo foram coerentes com os objetivos políticos da Arábia Saudita, visto que procuraram garantir a estabilidade financeira interna necessária para financiar o *Vision 2030*, afirmar a liderança dentro da OPEP e OPEP+ e projetar influência regional e internacional (Fattouh, 2024; Karam, 2023). É visível que o petróleo é utilizado como um instrumento político, por exemplo, com os cortes na produção em 2022 (Gambrell & Associated Press, 2022; Ottaway, 2021). De facto, como afirma Borck (2023, p.1) “*Saudi Arabia’s central role in global oil markets is a key source of the Kingdom’s geopolitical power and importance (...)*”.

R2: É possível afirmar que os meios utilizados na Estratégia Particular de Produção foram eficazes. De facto, permitiram à Arábia Saudita manter o papel de *swing producer*, como referido anteriormente (Cook & Indyk, 2022; Firme, 2024; Ragaban, 2016). Para além disso, o Reino manteve a sua posição de liderança na OPEP e OPEP +, mesmo com a integração da Rússia na organização (Borck, 2023; Firme, 2024). Por fim, a produção de petróleo foi gerida de forma prudente, sem comprometer os plano de diversificação económica do *Vision 2030*. Inclusive, permitiu ao Reino financiar esses mesmos projetos e obter ganhos políticos a nível internacional (Fattouh, 2024; Karam, 2023).

R3: Em momentos pontuais, é possível observar algumas reações dos principais contendores regionais. Países como o Egito apoiaram a decisão saudita de cortar a produção de petróleo em 2022, considerando-a uma medida de carácter técnico e não político (MEMO, 2022). Por outro lado, o Irão alegou que a Arábia Saudita utiliza o petróleo para pressioná-lo economicamente e para ganhar vantagem geopolítica, em particular, através de políticas de diminuição dos preços do petróleo ou bloqueios às quotas de produção (Mirtorabi, 2019; Tabrizi, 2016).

R4: É possível afirmar que a Arábia Saudita conseguiu reforçar a sua posição relativa face aos principais contendores regionais. Primeiro, consolidou a sua liderança na OPEP+ como *swing producer*, o que garante ao Reino uma posição de destaque face aos outros produtores regionais (Fattouh, 2024). Para além disso, a cooperação com a Rússia e a aproximação à China fortalecem a sua posição geopolítica. Como se observou anteriormente, a cooperação com a Rússia permite a coordenação na OPEP+, estabilizar os preços do petróleo e aproveitar interesses comuns, como a limitação da influência ocidental (Chow & Stanley, 2017; Parker & Lynch III, 2021). A aludida relação com a China, um dos maiores consumidores de petróleo do mundo, permite à Arábia Saudita usufruir de um parceiro estratégico cuja segurança energética depende da estabilidade da produção saudita (Karam, 2023).

4.3.3. Estratégia Particular de Comércio Externo

R1: A estratégia da Arábia Saudita foi coerente com os objetivos fixados pela política, em particular, a procura pela diversificação económica e pela redução da dependência para com

os EUA (Jacobs, 2023). O reforço das trocas comerciais com a China e a Rússia procurou dar resposta à necessidade de ampliar parcerias estratégicas e garantir o acesso a tecnologia, bens industriais e produtos agrícolas (OEC, s/dc, s/db). Já a manutenção das relações comerciais com os EUA garante continuidade e estabilidade, e não impede Riade de procurar maior autonomia e novas parcerias (Mosly, 2022). Como afirma Mosly (2022, p.1), *“At the outset, it must be noted that much of the traditional relationship centered around oil, trade, and foreign military sales between Saudi Arabia and the United States remains intact”*.

R2: É possível concluir que os meios utilizados mostraram-se eficazes, visto que permitiram ao Reino aprofundar os laços comerciais existentes com países como a China, o seu principal parceiro comercial no período em análise, e a Rússia, como se observa nas **Tabelas 3 e 5** (Guzansky & Lavi, 2020; OEC, s/db, s/da). Para além disso, a manutenção da relação comercial com os EUA revelou-se estratégica, dado que garante um equilíbrio em relação aos parceiros tradicionais e os emergentes, sem comprometer a autonomia do Reino ou afetar as relações históricas com os EUA (Rasanani, 2024).

R3: Não há informação disponível que permita explorar a reação dos principais contendores regionais à estratégia saudita de comércio externo.

R4: É possível afirmar que a Arábia Saudita conseguiu reforçar a sua posição relativa face aos principais contendores regionais, visto que reduziu dependências e consolidou a China como principal destino das suas exportações e aprofundou laços comerciais com a Rússia (OEC, s/dd, s/dc, s/db). Esta estratégia pode ser entendida como *“(...) the Saudis are appearing competitive in terms of fostering relations with China and Russia in order to pursue hedging and regionally gain leverage over Tehran through these Great Powers as well”* (Rasanani, 2024, p.888).

4.4. Estratégia Geral Militar

Ao contrário das restantes estratégias particulares que constituem a Estratégia Integral saudita, a Estratégia Geral Militar subdivide-se, como já se observou, nas estratégias terrestres, navais e aeroespaciais. No entanto, estas não operam de forma isolada, mas sim,

de forma interdependente, em operações militares. Logo, a análise da sua eficácia não será realizada em separado, mas a partir de um estudo de caso concreto, ou seja, a intervenção militar no Iémen. Este conflito constituiu o único teatro de operações no qual a Arábia Saudita mobilizou os diferentes ramos militares, o que permite explorar as 4 perguntas presentes no início do capítulo⁷³.

R1: A intervenção no Iémen foi coerente com os objetivos fixados pela política, dado que pretendia restaurar o governo de Hadi e conter a expansão dos rebeldes Houthis, próximos ao Irão (Darwich, 2018; Settembrini, 2019). No entanto, como afirma Darwich (2018, p.132) *“Al Saud’s decision to go to war in Yemen in 2015 finds its origins in a struggle to assert the Kingdom’s status as a regional power in the Middle East”*.

R2: A Arábia Saudita mobilizou vastos recursos militares na intervenção do Iémen. Ou seja, ataques aéreos intensivos, bloqueio naval e apoio terrestre a forças locais e participação limitada de forças especiais sauditas (Al Jazeera, 2015; Darwich, 2018; Ghobari & Bakr, 2015). Do ponto de vista material, a Arábia Saudita e a coligação dispunham de armamento moderno, no entanto, a eficácia foi limitada, dado que os Houthis mantiveram o controlo de Sana, expandiram o uso de drones e mísseis balísticos contra o território saudita e adaptaram-se à superioridade aérea da coligação (Darwich, 2018; McDowall et al., 2016; Wintour & Kamali Dehghan, 2017). A intervenção agravou também as condições humanitárias iemenitas, o que comprometeu a legitimidade da mesma perante a comunidade internacional (Alshammari & Daud, 2023; Hill, 2017). Logo, é possível afirmar que os meios utilizados não foram totalmente eficazes para atingir os objetivos postulados.

R3: A intervenção militar saudita no Iémen contou com o apoio do Egito (Darwich, 2018; Settembrini, 2019). Por outro lado, o Irão criticou a ofensiva, acusou Riade de cometer

⁷³ Ou seja, em que medida a estratégia militar foi coerente com os objetivos políticos, se os meios empregues foram eficazes, qual a reação dos contendores às operações e, por fim, se a intervenção contribuiu para reforçar a posição relativa saudita no contexto regional.

genocídio e considerou a intervenção um erro estratégico⁷⁴, por entender que o conflito apenas terminará com uma solução política negociada (Guimarães, 2015; Peneda, 2015). Já a Turquia declarou apoio à intervenção saudita e admitiu a possibilidade de fornecer apoio logístico (France 24, 2015), no entanto, após a crise do Catar adotou uma postura não intervencionista e de aproximação estratégica ao Irão (Munassar, 2021). Israel apoiou implicitamente a intervenção saudita, dado que a vitória da coligação conteria a influência iraniana e protegeria os interesses estratégicos israelitas no Mar Vermelho (Solomon, 2015).

R4: A intervenção no Iémen demonstrou as vulnerabilidades militares e estratégicas sauditas, o que, de facto, não contribuiu para reforçar a posição relativa do país face aos principais contendores regionais (Darwich, 2018; Ekşi, 2017). Pelo contrário, a intervenção permitiu alargar a influência iraniana através do apoio aos Houthis e originou tensões dentro da própria coligação árabe, sobretudo com os EAU (Al-Goidi, 2024; Van Slooten, 2019). Tal como afirma Al-Goidi (2024, s/p) *“There is no doubt that Iran has succeeded in gaining influence with Ansar Allah. This leverage has reinforced Tehran’s regional standing and demonstrated success in the government’s foreign policy”*.

Concluindo, com base no presente capítulo e na **Tabela 11**, as Estratégias Gerais sauditas apresentam níveis distintos de eficácia. A estratégia psicossocial foi parcialmente eficaz, com algum sucesso interno e regional, mas limitada internacionalmente devido a casos controversos, como o assassinato de Khashoggi. A estratégia política apresentou resultados mistos. A nível interno foi eficaz, no entanto, a nível diplomático foi parcialmente eficaz, dado o fracasso do bloqueio ao Catar. Porém, Riade manteve e fortaleceu as alianças com os EUA e os EAU, apesar das críticas pela aproximação a Israel. A estratégia económica revelou-se eficaz, ao reforçar a posição internacional do Reino, diversificar parcerias e financiar reformas internas. Por fim, a estratégia militar mostrou-se ineficaz, uma vez que a

⁷⁴ Inclusive, Khamenei descreveu a liderança saudita como *“a few inexperienced young men”*, o que demonstra a visão iraniana de que a intervenção é resultado da imprudência e da falta de maturidade dos líderes sauditas (Al Jazeera, 2015a, s/p).

intervenção no Iémen não conteve os Houthis, agravou a crise humanitária e reforçou a influência iraniana na região.

5. Conclusões

A Arábia Saudita sofreu uma transformação profunda na sua estrutura interna e atuação externa, após 2015. No plano interno, observaram-se mudanças de natureza social, política e económica, enquanto, no plano externo, verificou-se a adoção de uma postura significativamente mais assertiva. Esta evolução, como se demonstrou ao longo da presente dissertação, revela uma clara intenção, por parte do Reino, de se afirmar como potência dominante no Médio Oriente, motivada por imperativos de maximização do poder e, consequentemente, sobrevivência, comportamento que se revela análogo ao das grandes potências, descritas na Teoria do Realismo Ofensivo de Mearsheimer (2001).

A investigação começou por analisar a Estratégia Integral da Arábia Saudita, em particular, nos domínios psicossocial, político, económico e militar. Tais dimensões foram mobilizadas de forma articulada pelo Reino na prossecução da hegemonia regional. Seguiu-se a análise da Estratégia Integral à luz do Realismo Ofensivo, com o objetivo de fazer corresponder as ações do Reino, observadas nas Estratégias Gerais e Particulares, com os princípios desta teoria. Por último, procedeu-se à exploração da eficácia da Estratégia Integral, isto é, procurou-se examinar em que medida as Estratégias Gerais e Particulares contribuíram para aproximar a Arábia Saudita da posição de *hegemon* regional. Importa lembrar que a presente dissertação configura-se como um estudo de caso explicativo, desenvolvido através de métodos mistos e assente numa ontologia fundacionalista e objetiva, e numa epistemologia de matriz realista.

Posto isto, é possível responder de forma clara aos objetivos específicos e às questões derivadas introduzidos no primeiro capítulo da dissertação. Relativamente ao OE1, ou seja, *Identificar as principais dimensões da Estratégia Integral da Arábia Saudita no período considerado*, e à QD1, portanto, *Quais são as principais dimensões da Estratégia Integral da Arábia Saudita no período considerado?* Conclui-se que esta articula os cinco fatores de decisão delineados por Silva Ribeiro (2009): o objetivo fixado pela política consiste na afirmação da Arábia Saudita como potência hegemónica regional e líder do mundo árabe; o meio corresponde ao sistema regional do Médio Oriente, instável e competitivo após a

Primavera Árabe; os meios de coacção combinam dimensões psicossociais, políticas, económicas e militares, que integram as Estratégias Gerais e Particulares da Estratégia Integral saudita; o tempo reflete a capacidade saudita de agir em momentos de oportunidade, nomeadamente após a ascensão de MBS; por fim, o contrário é, sobretudo, representado pelo Irão, o principal rival estratégico e ideológico do Reino.

No entanto, na análise da Estratégia Integral saudita, é possível identificar também processos disjuntivos⁷⁵ nas relações do Reino com outros Estados regionais, para além do Irão, o seu principal contendor. Silva Ribeiro (2009) fornece um quadro teórico útil para analisar os processos observados ao longo da dissertação. De facto, na relação entre a Arábia Saudita, o Irão e o Iémen, observa-se, claramente, uma relação de conflito, que, no caso iemenita resultou numa guerra convencional. Já a interação entre Riade, Doha e Damasco, configura-se numa relação de oposição, como se observou no bloqueio ao Catar e no apoio de Riade a grupos anti-Assad durante a guerra civil síria. Por fim, a Arábia Saudita mantém relações de competição com o Egito, a Turquia e Israel, os países considerados, nesta dissertação, como candidatos à liderança regional.

É oportuno, nesta fase, expor as conclusões da análise de cada Estratégia Geral e Particular. Primeiro, a Estratégia Geral Psicossocial saudita articula a propaganda, a informação pública e a contrapropaganda, com o objetivo de moldar perceções e legitimar o regime. A propaganda, através do *sportwashing*, atua, simultaneamente, na esfera doméstica e internacional, com o intuito de projetar uma imagem de um Reino moderno. A informação pública, controlada pelo Estado saudita, garante que a narrativa oficial predomina e limita a circulação de opiniões críticas, logo, funciona como um instrumento de controlo social. Por fim, a contrapropaganda, exemplificada pelo caso Khashoggi, demonstra a capacidade saudita de gerir crises mediáticas e neutralizar narrativas adversas, ou seja, proteger a imagem do regime perante a comunidade internacional.

⁷⁵ A figura relativa aos processos disjuntivos, de conflito, oposição e competição, encontra-se na página 211 do livro de Silva Ribeiro (2009), *Teoria Geral da Estratégia*.

No que se refere à Estratégia Geral Política, verifica-se, no plano interno, a centralização do poder em MBS e a implementação de reformas no âmbito do *Vision 2030*, que consolidaram o regime, promoveram a modernização da sociedade e diversificaram a economia. No plano externo, a diplomacia articula a coerção e as alianças estratégicas. A diplomacia coerciva, exemplificada pelo bloqueio ao Catar em 2017, demonstra a intenção de Riade de impor a sua vontade política e económica a Estados vizinhos, enquanto as alianças estratégicas com os EAU, EUA e Israel refletem um pragmatismo orientado por interesses securitários e pela procura da liderança regional.

Já a Estratégia Geral Económica saudita revela uma utilização intencional dos recursos financeiros, produtivos e comerciais como instrumentos de poder e influência. O PIF assume um papel relevante nesta estratégia, visto que financia os principais projetos do *Vision 2030* e promove a influência do Reino no sistema internacional através de investimentos estratégicos. A produção de petróleo mantém-se como o pilar fundamental da economia saudita e como ferramenta de política externa, já que permite a Riade influenciar o mercado energético internacional e suportar financeiramente a diversificação económica. Já o comércio externo reflete uma reorientação pragmática das parcerias, destacando-se o reforço das relações comerciais, em especial, com a China.

Por fim, no âmbito da Estratégia Geral Militar observa-se que o Reino manteve um dos maiores orçamentos de defesa do mundo e procedeu à modernização das suas forças armadas, apesar de muitos equipamentos derivarem de acordos anteriores a 2015. Destaca-se também o desenvolvimento das componentes naval e aeroespacial, o que demonstra o objetivo de reforçar a influência do Reino na esfera regional. Contudo, a dependência tecnológica e operacional face aos EUA continua a ser significativa.

Relativamente ao OE2, *Demonstrar que a Estratégia Integral da Arábia Saudita reflete uma abordagem inspirada no Realismo Ofensivo no período considerado e à QD2, Como é que a Estratégia Integral da Arábia Saudita reflete uma abordagem inspirada no Realismo Ofensivo no período considerado?* É possível afirmar que a Estratégia Integral saudita articula mecanismos políticos, económicos, militares e psicossociais orientados pela

maximização do poder relativo e pela ambição de alcançar a hegemonia regional. De facto, num Médio Oriente caracterizado por uma multipolaridade desequilibrada, Riade adota uma postura revisionista, com o intuito de alterar o *status quo* regional em benefício próprio, como se observou no bloqueio ao Catar em 2017 e pelo apoio a grupos rebeldes na Síria, com o objetivo de enfraquecer o eixo Irão-Síria-Hezbollah e consolidar a influência saudita.

A intervenção militar no Iémen constitui outro exemplo da lógica ofensiva, visto que articula as preocupações securitárias e a projeção do poder militar do Reino. Esta ação é complementada por políticas de *balancing* internas, como a modernização das forças armadas e de *balancing* externas, através de alianças pragmáticas com os EAU, Israel e EUA, o que ilustra a natureza efémera e instrumental das mesmas.

Por fim, a maximização do poder relativo exige a mobilização dos recursos socioeconómicos e militares disponíveis. No caso saudita, acrescem as transformações económicas e sociais do *Vision 2030*, a liderança na OPEP e OPEP+ e o desenvolvimento tecnológico, incluindo o programa espacial saudita. Para além disso, até objetivos não securitários, como a promoção de uma imagem internacional positiva do Reino através de *sportwashing* ou a liderança religiosa no mundo muçulmano, são subordinados à lógica do Realismo Ofensivo, ao reforçarem o poder relativo e a influência estratégica de Riade.

Por último, como resposta ao OE3, ou seja, *Explorar a eficácia da Estratégia Integral da Arábia Saudita na construção da hegemonia regional no período considerado*, e à QD3, *Qual foi a eficácia da Estratégia Integral da Arábia Saudita na construção de uma hegemonia regional no período considerado?* Importa lembrar que, dada a ausência de modelos reconhecidos e devido à dificuldade de avaliar, de forma definitiva, algumas estratégias, a análise possui um carácter exploratório.

A partir da interligação entre os pressupostos da Estratégia Integral e do Realismo Ofensivo, a exploração da eficácia das estratégias sauditas pode ser analisada através de quatro dimensões: coerência com os objetivos políticos, eficácia dos meios utilizados, reação dos contendores e o reforço da posição relativa face aos mesmos.

Assim, observou-se que a estratégia psicossocial da Arábia Saudita foi parcialmente eficaz. A propaganda, através do *sportwashing*, gerou ganhos económicos significativos e apoio interno, mas episódios como o caso Khashoggi limitaram o impacto da mesma. A estratégia de informação pública, em particular, o controlo dos meios de comunicação social assegurou a estabilidade interna, mas não impediu críticas externas. Já a contrapropaganda teve sucesso regional, mas falhou a nível internacional, e Estados rivais exploraram episódios controversos, como o caso Khashoggi, para enfraquecer Riade.

A estratégia política foi também parcialmente eficaz. A estratégia de política interna, através das reformas do *Vision 2030* e da centralização do poder em MBS, foi eficaz, visto que permitiu modernizar o país, o que possibilitou melhorar a imagem do mesmo na esfera externa, e consolidar o poder de MBS. Já a diplomacia coerciva, como o bloqueio ao Catar, revelou-se ineficaz dado que reforçou a autossuficiência de Doha e aproximou-o a Estados como o Irão. No entanto, as alianças com os EAU, EUA e Israel possibilitaram ganhos relativos no contexto regional.

Por outro lado, a estratégia económica destacou-se como eficaz, dado que reforçou a posição internacional do Reino. A atuação do PIF, a liderança na OPEP e OPEP+ e a diversificação das parcerias comerciais, sobretudo com a China, consolidaram a influência saudita a vários níveis e contextos. Em contrapartida, a estratégia militar, refletida na intervenção no Iémen, mostrou-se ineficaz. Apesar da mobilização de recursos militares consideráveis, os objetivos estratégicos não foram alcançados, o que revela as limitações da capacidade operacional das forças armadas sauditas.

Por fim, é possível responder ao objetivo geral desta investigação, *Explicar como a Arábia Saudita utiliza uma Estratégia Integral baseada no Realismo Ofensivo para alcançar a hegemonia regional no Médio Oriente, entre 2015 e 2022* e, em particular, à pergunta de partida que o operacionaliza, *De que forma a Arábia Saudita recorre ao Realismo Ofensivo para construir uma Estratégia Integral que conduza a uma hegemonia regional no Médio Oriente, entre 2015 e 2022?*. Entre 2015 e 2022, a Arábia Saudita recorreu a uma abordagem inspirada no Realismo Ofensivo ao orientar a Estratégia Integral para a maximização do

poder e para a construção de uma posição hegemónica no Médio Oriente. A coordenação e orquestração dos instrumentos políticos, económicos, militares e psicossociais traduzem uma lógica de acumulação e projeção de poder coerente com os princípios de Mearsheimer. Contudo, a Arábia Saudita, apesar de demonstrar uma clara ambição hegemónica e de ter reforçado a sua influência regional e internacional, não alcançou uma posição de hegemonia efetiva. As limitações estruturais da sua capacidade militar e a resistência de rivais como o Irão, por exemplo, impediram a concretização plena desse objetivo. Importa, no entanto, reconhecer que o período de análise da presente dissertação é relativamente curto, o que dificulta na conquista da hegemonia. Porém, observa-se um esforço consistente e intencional no sentido de a alcançar.

Posto isto, importa salientar algumas limitações da presente dissertação, já discutidas ao longo da mesma, mas que se enumeram de forma sintética, na conclusão. Em primeiro lugar, verifica-se a ausência, na literatura, de uma definição clara e consensual das Estratégias Particulares que compõem as Estratégias Gerais, o que pode originar análises divergentes na sua aplicação prática. Em segundo lugar, importa referir a limitação associada à avaliação de uma Estratégia Integral, uma vez que não existem modelos académicos consolidados que permitam medir, de forma absoluta, a sua eficácia. Por último, destaca-se a dificuldade de acesso a fontes primárias sauditas, devido ao forte controlo estatal sobre a informação, o que levanta questões quanto à imparcialidade das mesmas. A este constrangimento acrescem também os obstáculos linguísticos, dado que grande parte da documentação relevante encontra-se redigida em árabe, o que limita o acesso direto a determinadas fontes.

Apesar destas limitações, a dissertação apresenta contributos relevantes para a Academia. Em primeiro lugar, aplica a Teoria Geral da Estratégia, e em particular, o conceito de Estratégia Integral ao contexto da Arábia Saudita, contribuindo para uma análise aprofundada das ações sauditas no período considerado. Em segundo lugar, o estudo clarifica e define as Estratégias Particulares, o que contribui para colmatar lacunas teóricas e permite uma aplicação mais consistente da teoria. Em terceiro lugar, o trabalho expande o uso do Realismo Ofensivo, ao demonstrar que esta teoria, originalmente concebida para analisar

grandes potências, pode ser aplicada com sucesso a uma potência regional, como a Arábia Saudita. Por fim, a dissertação articula a Teoria Geral da Estratégia, na vertente da Escola Estratégica Portuguesa, e o Realismo Ofensivo, uma combinação pouco explorada e que permitiu uma leitura mais abrangente do comportamento estratégico saudita.

Por fim, importa indicar algumas sugestões para investigações futuras. Em primeiro lugar, seria relevante alargar o período temporal da análise, incluindo os anos posteriores a 2022, de modo a observar os efeitos da reaproximação diplomática entre Arábia Saudita e do Irão, nomeadamente, após o acordo mediado pela China. Em segundo lugar, sugere-se a realização de estudos comparativos com outras potências regionais, como o Irão e a Turquia, de forma a identificar as semelhanças e as diferenças nas estratégias de maximização do poder relativo e aplicar a Estratégia Integral em diferentes contextos regionais.

6. Referências

- Abadi, J. (2019). Saudi Arabia's rapprochement with Israel: The national security imperatives. *Middle Eastern Studies*.
- Abbasova, V. (2019, 15 de abril). Russia Delivers 1st Batch of TOS-1 To Saudi Arabia. *Caspian News*. <https://caspiannews.com/news-detail/russia-delivers-1st-batch-of-tos-1-to-saudi-arabia-2019-4-15-18/>
- Abdel Aziz, G. A. (2023). The Saudi–US Alliance challenges and resilience, 2011: 2019. *Review of Economics and Political Science*, 8(3), 208–225.
- Abdullaeva, M. (2023). Saudi Arabia: Religious Reform as An Instrument For Modernizing Society. *Xalqaro munosabatlar*, 101–102(9–10).
- Abdullah, W., Khatim, M., & Ali, M. I. (2024). Saudi Arabia's Foreign Policy Under MBS: Transition from Defensive Realism to Offensive Realism (2016-2023). *Global International Relations Review*, 7(3), 44–59.
- ACRPS. (2021). *Lebanese-Saudi Relations in Crisis: Background and Likely Scenarios* [Situation Assessment]. ACRPS.
- AFP. (2018, 22 de outubro). Iran official slams both Riyadh and West over Khashoggi case. *France 24*. <https://www.france24.com/en/20181022-iran-official-slams-both-riyadh-west-over-khashoggi-case>
- Ahmed, J. U., Sultana, A., & Khan, M. (2018). Saudi Aramco: A Blend between Profit and Politics. *FIIIB Business Review*, 7(12), 1–12.

Airforce Technology. (2020, 14 de dezembro). Royal Saudi Air Force receives final F-15SA fighter aircraft. *Airforce Technology*. <https://www.airforce-technology.com/news/royal-saudi-air-force-f-15sa-fighter-aircraft/>

Akgul, N. S. P. (2016). From Stillness to Aggression: The Policy of Saudi Arabia towards Syria after the Arab Spring. *International Journal of Humanities and Social Science*, 6(9), 39–42.

Al Jazeera. (2015a, 10 de abril). Iran denounces Saudi-led campaign in Yemen. *Al Jazeera*. <https://www.aljazeera.com/news/2015/4/10/iran-denounces-saudi-led-campaign-in-yemen>

Al Jazeera. (2015b, 4 de maio). Saudi Arabia denies deployment of ground troops in Aden. *Al Jazeera*. <https://www.aljazeera.com/news/2015/5/4/saudi-arabia-denies-deployment-of-ground-troops-in-aden>

Al Jazeera. (2017, 12 de julho). Arab states issue 13 demands to end Qatar-Gulf crisis. *Al Jazeera*. <https://www.aljazeera.com/news/2017/7/12/arab-states-issue-13-demands-to-end-qatar-gulf-crisis>

Al Jazeera. (2018, 3 de outubro). Khashoggi: Saudi Arabia can never be a democracy ‘on MBS watch’. *Al Jazeera*. <https://www.aljazeera.com/news/2018/10/3/khashoggi-saudi-arabia-can-never-be-a-democracy-on-mbs-watch>

Al Oqayyel, A. S. (2017). *Exploration Of Logistics Information Technology (it) Solutions For The Royal Saudi Naval Force Within The Saudi Naval Expansion Program Ii (snep Ii)* [MBA professional report]. Naval Postgraduate School.

AlAshry, M. S. (2023). Arab authorities use digital surveillance to control press freedom: Journalists' perceptions. *Digital Policy, Regulation and Governance*, 25(3), 250–266.

Albasoos, H. & Al-Hinai, B. (2020). Understanding the root causes of the conflict in Yemen. *Bussecon Review of Social Sciences*, 2(2), 14–20.

Al-Deen, A. S. (2022). *Entrenched Power: The Houthi System of Governance*. Sana'a Center for Strategic Studies. https://sanaacenter.org/files/Entrenched_Power_The_Houthi_System_of_Governance_en.pdf

AlFaisal, W.F. & Ali, A. (2024). Continuity And Change: Saudi Arabia's Diplomatic Strategies in the Arabian Gulf. *Educational Administration: Theory and Practice*, 31(1), 222–232.

Al-Goidi, F. (2024). Iran's Role in the Yemen War: Real Influence and Regional Gains. *Middle East Council on Global Affairs*.

Ali, I. (2016, 10 de agosto). U.S. approves \$1.15 billion sale of tanks, equipment to Saudi Arabia. *Reuters*. <https://www.reuters.com/article/world/us-approves-115-billion-sale-of-tanks-equipment-to-saudi-arabia-idUSKCN10K1JR/>

Ali, L. (2025). *Unpacking the Drivers of Saudi Arabia's Foreign Policy* [GRC Commentary & Analysis]. Gulf Research Center.

Alkidwa, N. (2019). The Oslo Accords: A Closer Look. *The Cairo Review of Global Affairs*.

Almeida e Silva, T. (2010). *Sociedade e Cultura na Área Islâmica*. ISCSP.

Al-Naqeeb, K. (1990). *Society and State in the Gulf and Arab Peninsula: A different perspective* (1ª). Routledge.

ALQST. (2018). *Human Rights in Saudi Arabia in 2018* [Annual Report]. ALQST.

ALQST. (s/d). *Mut'ib bin Zafir al-Amri*. <https://alqst.org/en/politicalprisoners/mutib-bin-zafir-al-amri>

Al-Rasheed, M. (2010). *A History Of Saudi Arabia* (2ª). Cambridge University Press.

Al-Rawi, A. (2021). Disinformation under a networked authoritarian state: Saudi trolls' credibility attacks against Jamal Khashoggi. *Open Information Science*, 5(1), 140–162. De Gruyter.

Alshammari, S. & Daud, S. (2023). The Yemen Conflict's Ripple Effect: Saudi Arabia's Response And Regional Stability. *Migration Letters*, 20(S12), 1292–1307.

Alsulami, M. (2024). *The Impact Of The Saudi Development Model On The Iranian Home Front* [Study]. Rasanah International Institute for Iranian Studies.

Al-Tamimi, N. (2024). *The Relations Between China And Saudi Arabi: Continuity Amid New Challenges*. Friedrich-Ebert-Stiftung.

Altunışık, M. B. (2014). Turkey's "Return" to the Middle East. Em Fürtig, H. (Ed.), *Regional Powers in the Middle East: New Constellations after the Arab Revolts*. Palgrave Macmillan.

Alzain, H. M. & Alshehab, H. S. (2025, 18 de fevereiro). Saudi Horizons: From early missions to realizing a \$1.8 trillion space economy by 2035. *Arab News*. <https://www.arabnews.com/node/2590589/saudi-horizons-early-missions-realizing-18-trillion-space-economy-2035>

Amnesty International. (2021). *Saudi Arabia's Post-G20 Crackdown On Expression: Resumption Of Crackdown On Free Speech, Human Rights Activism And Use Of The Death Penalty*. Amnesty International.

Amour, F. O. (Ed.). (2020). *The Regional Order in the Gulf Region and the Middle East: Regional Rivalries and Security Alliances*. Palgrave Macmillan.

AP news. (2022, 28 de setembro). Saudi Arabia's powerful crown prince is named prime minister. *AP news*. <https://apnews.com/article/middle-east-dubai-united-arab-emirates-saudi-arabia-jamal-khashoggi-aba648586c12cf5438836252408b6a76>

AP news & Euronews. (2024, 9 de dezembro). Fall of Bashar al-Assad after 24 years in power in Syria: How the world reacted. *Euronews*.

<https://www.euronews.com/2024/12/09/fall-of-bashar-al-assad-after-20-years-in-power-in-syria-how-the-world-reacted>

Ardemagni, E. (2020). *The Evolution of the Saudi Border Guard: Not Exactly a Local Force*. ISPI.

Arraf, S. (2017). *The Armed Conflict In Yemen: A Complicated Mosaic* [The War Report]. The Geneva Academy.

Arrigo, B. (2018). *The sage encyclopedia of surveillance, security, and privacy*. SAGE Publications.

AT. (2013, 4 de abril). GDLS to continue M1A2S Abrams production for Saudi Arabia. *Army Technology*. <https://www.army-technology.com/news/newsgdls-m1a2s-abrams-production-saudi-arabia/?cf-view&cf-closed>

AVF. (s/d). *Shibl-2 Light Armored Utility Vehicle (4x4)*. Armored Vehicles & Heavy Equipment Factory. <https://www.avf.com.sa/shibl-2/index.html>

Babbie, E. (2014). *The Practice of Social Research* (14^a). Cengage Learning.

Bahein, N. A. S. M. (2025). Saudi Arabia's national interests in military intervention policy in Yemen against Iranian involvement. *Nautical : Jurnal Ilmiah Multidisiplin*, 3(4).

Bank, A. & Karadag, R. (2014). Before the Arab Revolts and After: Turkey's Transformed Regional Power Status in the Middle East. Em Fürtig, H. (Ed.), *Regional Powers in the Middle East: New Constellations after the Arab Revolts*. Palgrave Macmillan.

Barakat, S. (2014). *Qatari Mediation: Between Ambition and Achievement* (Analysis Paper No. 12). Brookings Institution.

Barnard, A. & Erdbrink, T. (2019, 29 de dezembro). Iran and Saudis' Latest Power Struggle: Expanding Rights for Women. *The New York Times*.
<https://www.nytimes.com/2017/12/29/world/middleeast/iran-saudi-women.html>

Barrie, C. & Siegel, A. A. (2021). Kingdom of Trolls? Influence Operations in the Saudi Twittersphere. *Journal of Quantitative Description: Digital Media*, 1, 1–41.

Basic Law of Governance, No. Royal Order No. A/90 (1992).

Bassam, L. & Perry, T. (2017, 9 de novembro). Exclusive—Lebanon believes Saudi holds Hariri, demands his return. *Reuters*.
<https://www.reuters.com/article/world/exclusive-lebanon-believes-saudi-holds-hariri-demands-his-return-idUSKBN1D914H/>

Batista, C. L. (2010). As dimensões da informação pública: Transparência, acesso e comunicação. *Transinformação*, 22(3), 225–231.

Bauden, F. (2023). *The Mamluk Sultanate and Its Periphery* (Bauden, F., Ed.). Peeters Publishers.

BBC. (2018, 12 de janeiro). Saudi Arabia allows women at football game for first time. *BBC*.
<https://www.bbc.com/news/world-middle-east-42668841>

BBC. (2021, 24 de fevereiro). Jamal Khashoggi: All you need to know about Saudi journalist's death. *BBC*. <https://www.bbc.com/news/world-europe-45812399>

Beaufre, A. (1998). *Introdução à Estratégia* (Araripe, L. A., Trad.). Biblioteca do Exército Editora.

Beaumont, P. (2017, 11 de junho). Turkey demands an end to Qatar blockade as humanitarian crisis deepens. *The Guardian*. <https://www.theguardian.com/world/2017/jun/10/turkey-erdogan-end-qatar-blockade>

Beck, M. (2014). The Concept of regional power as applied to the Middle east. Em Fürtig, H. (Ed.), *Regional Powers in the Middle East: New Constellations after the Arab Revolts*. Palgrave Macmillan.

Behraves, M. (2018). State revisionism and ontological (in)security in international politics: The complicated case of Iran and its nuclear behavior. *Journal of International Relations and Development*, 21(4), 836–857.

Benbow, T. (2007). Maritime Forces and Counter insurgency. *Contemporary Security Policy*, 28(1), 80–95.

Benlaria, H. (2024). The Impact of Economic Factors on Saudi Arabia's Foreign Trade with BRICS Countries: A Gravity Model Approach. *Economies*, 12(305).

Benner, K., Mazzetti, M., Hubbard, B., & Isaac, M. (2018, 20 de outubro). Saudis' Image Makers: A Troll Army and a Twitter Insider. *The New York Times*.

<https://www.nytimes.com/2018/10/20/us/politics/saudi-image-campaign-twitter.html>

Bernays, E. (1928). *Propaganda*. Horace Liveright.

Bilgin, A. R. (2018). Relations Between Qatar and Saudi Arabia After the Arab Spring. *Contemporary Arab Affairs*, 11(3), 113–134.

Bindary, M. (2019). *North Korea, Iran & Saudi Arabia: Restrained in cyberspace or a threat to international peace?* [Master's Thesis]. University of Southern Denmark.

Bizaer, M. (2024). *Beyond guns and oil: The emerging soft power rivalry between Iran and Saudi Arabia* [Analysis]. Middle East Institute.

Black, I. (2019, 19 de março). Why Israel is quietly cosying up to Gulf monarchies. *The Guardian*. <https://www.theguardian.com/news/2019/mar/19/why-israel-quietly-cosying-up-to-gulf-monarchies-saudi-arabia-uae>

Blanga, Y. U. (2017). Saudi Arabia's Motives in the Syrian Civil War. *Middle East Policy*, 24(4), 45–62.

Bloomberg. (2018, 7 de março). Saudi Prince Says Turkey and Iran Anchor a 'Triangle of Evil'. *Time*. <https://time.com/5189385/saudi-prince-turkey-iran-evil/>

Borck, T. (2023). *Saudi Arabia: The Kingdom of Oil* [Occasional Paper]. Royal United Services Institute.

Borisov, E. F., Zhamin, V. A., & Makarova, M. F. (Eds.). (1975). *Diccionario de Economía Política* (Roget, A. V., Trad.; Ediciones Akal).

Boutouchent, F. & Yekken, A. (2022). The U.S. Role in the Yemeni Conflict Under Donald Trump Administration. *Journal of Rights and Freedoms*, 10(2), 1223–1238.

Bowen, W. H. (2007). *The History of Saudi Arabia* (1ª). Greenwood Press.

Boykoff, J. (2022). Toward a Theory of Sportswashing: Mega-Events, Soft Power, and Political Conflict. *Sociology of Sport Journal*, 39(4), 342–351.

Burnton, S. (2019, 13 de janeiro). Supercoppa controversy rages over Saudi Arabia's treatment of women. *The Guardian*.
<https://www.theguardian.com/football/2019/jan/13/supercoppa-controversy-rages-saudi-arabia-treatment-women-jamal-khashoggi>

Butt, S., Shivdasani, A., Stendevad, C., & Wyman, A. (2008). Sovereign Wealth Funds: A Growing Global Force in Corporate Finance. *Journal of Applied Corporate Finance*, 20(1), 73–83.

Buxeda, Y. (2018, 2 de novembro). Not just fun and games, Saudi sport diplomacy under scrutiny after Khashoggi. *France 24*. <https://www.france24.com/en/20181102-sport-saudi-arabia-khashoggi-not-fun-games-sport-diplomacy-scrutiny-football-tennis-wwe>

Cambridge University Press & Assessment. (s/d). *Surface-to-air missile*. Cambridge Dictionary. <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/surface-to-air-missile>

Cammack, P. (2017). Examining the United States Saudi Arabia Relationship. *Georgetown Journal of International Affairs*, 18(1), 76–82.

Carey, B. (2015, 26 de maio). Boeing Will Begin Production of AH-6i «Little Bird» This Year. *Aviation International News*. <https://www.ainonline.com/aviation-news/defense/2015-05-26/boeing-will-begin-production-ah-6i-little-bird-year>

Carey, B. (2016, 11 de julho). Boeing Starts ‘Little Bird’ Deliveries To Saudi Arabia. *Aviation International News*. <https://www.ainonline.com/aviation-news/defense/2016-07-11/boeing-starts-little-bird-deliveries-saudi-arabia>

Carlson, S. (2017, 3 de julho). Sikorsky awarded \$3.8 billion contract for Saudi Arabian black hawks. *UPI*. <https://www.upi.com/Defense-News/2017/07/03/Sikorsky-awarded-38-billion-contract-for-Saudi-Arabian-black-hawks/4061499087571/>

Cavas, C. P. (2017, 19 de fevereiro). New Houthi weapon emerges: A drone boat. *Defense News*. <https://www.defensenews.com/digital-show-dailies/idex/2017/02/19/new-houthi-weapon-emerges-a-drone-boat/>

Cerioli, L. (2019). Driving In The Middle Of The Road: Paradoxes Of Women’s Role Under The New Saudi Arabian Nationalism. *ex æquo*, 44, 49–64.

- Chang, A. (2008, 7 de agosto). China wins key Saudi artillery contract. *UPI*.
https://www.upi.com/Business_News/Security-Industry/2008/08/07/China-wins-key-Saudi-artillery-contract/UPI-74931218128855/
- Chara, J. (2018). Saudi Arabia: A prince's revolution. *European View*, 17(2), 227–234.
- Chen, D. (2021). *China's Belt and Road Initiative and Saudi Vision 2030: A Review of the Partnership for Sustainability*. King Abdullah Petroleum Studies and Research Center.
- Cherkaoui, T. & Mohyidin, R. (2019). Murder in the Consulate: The Khashoggi Affair and the Turkish-Saudi War of Narratives. *The Political Economy of Communication*, 7(2), 28–59.
- Chopard, K. & Przybylski, R. (2021). *Methods Brief: Case Studies*. Justice Research and Statistics Association.
- Chow, E. C. & Stanley, A. J. (2017). *Russia and Saudi Arabia: A New Oil Bromance?* Center for Strategic and International Studies. <https://www.csis.org/analysis/russia-and-saudi-arabia-new-oil-bromance>
- CIA. (s/da). *Egypt*. <https://www.cia.gov/the-world-factbook/countries/egypt/>
- CIA. (s/db). *Iran*. <https://www.cia.gov/the-world-factbook/countries/iran/>
- CIA. (s/dc). *Israel*. <https://www.cia.gov/the-world-factbook/countries/israel/#economy>

CIA. (s/dd). *Saudi Arabia*. <https://www.cia.gov/the-world-factbook/countries/saudi-arabia/#economy>

CIA. (s/de). *Turkey (Turkiye)*. <https://www.cia.gov/the-world-factbook/countries/turkey-turkiye/>

Claparols, M. F. (2023). *Mohammed Bin Salman And His Foreign Policy: Shifting Tendencies in his Quest for Legitimacy* [Final Degree Project- Degree in International Relations]. Universitat Ramon Llull.

Commins, D. D. (2005). *The Wahhabi Mission and Saudi Arabia*. I. B. Tauris.

Cook, J. (2017, 16 de junho). Israel hopes GCC rift will ‘intensify Hamas’ isolation’. *Al Jazeera*. <https://www.aljazeera.com/features/2017/6/16/israel-hopes-gcc-rift-will-intensify-hamas-isolation>

Cook, S. A. & Indyk, M. (2022). *The Case for a New U.S.-Saudi Strategic Compact* (Special Report No. 94). Council on Foreign Relations.

Cornago, N. (2008). Diplomacy. Em Kurtz, L. R. (Ed.), *Encyclopedia of Violence, Peace, and Conflict* (2ª). Academic Press.

Creswell, J. W. (2009). *Research Design: Qualitative, Quantitative, and Mixed Methods Approaches* (3ª). SAGE Publications.

Cséfalvay, D. (2019). *The Saudi-Iranian Quest for Regional Hegemony, The Case of the Yemeni War* [Bachelor Thesis]. Bratislava International School Of Liberal Arts.

Dahlgren, S. (2018). *The Saudis Bring War to Yemen's East* (Middle East Report No. 289).

MERIP.

Danset, A.O.C. (2020). *Yemen, a possible strategic stage for the rivalry between Saudi Arabia and Iran since 2015* [Essay (Master)]. University of Twente.

Darwich, M. (2018). The Saudi Intervention in Yemen. *Insight Turkey*, 20(2), 125–142.

Das, S. (2007). *Dictionary Of Trade And Commerce*. New Central Book Agency (P) Ltd.

Day, S. (2010). *The Political Challenge of Yemen's Southern Movement* (No. 108; Yemen: On The Brink). Carnegie Endowment for International Peace.

Dessouki, A. E. H. (2008). Regional Leadership: Balancing off Costs and Dividends in the Foreign Policy of Egypt. Em Korany, B. & Dessouki, A. E. H. (Eds.), *The Foreign Policies of Arab States: The Challenge of Globalization* (pp. 167–194). The American University in Cairo Press.

Domínguez de Olazábal, I. & Martínez, D. H. (2021). La política exterior de Arabia Saudí: Equilibrio entre factores domésticos y externos. *Revista Española de Ciencia Política*, 56, 21–47.

Donelli, F. (2020). *Near In Fear And Far In Aspiration: Convergences And Differences Of The Ksa-uae Alliance*. Al Sharq Strategic Research.

Durac, V. (2015). *The Role of Non-State Actors in Arab Countries after the Arab Uprisings*. European Institute of the Mediterranean.

Eastwood, B. M. (2023, 21 de dezembro). M1 Abrams: What Makes This Remarkable Tank

Almost Unstoppable. *The National Interest*.

<https://nationalinterest.org/blog/buzz/m1-abrams-what-makes-remarkable-tank-almost-unstoppable-208090>

Edroos, F. (2017, 4 de dezembro). How did Yemen's Houthi-Saleh alliance collapse? *Al*

Jazeera. <https://www.aljazeera.com/news/2017/12/4/how-did-yemens-houthi-saleh-alliance-collapse>

Ehteshami, A. (2018). Saudi Arabia as a Resurgent Regional Power. *The International*

Spectator, 53(4), 75–94.

Ekşi, M. (2017). Regional Hegemony Quests in the Middle East from the Balance of Power

System to the Balance of Proxy Wars: Turkey as Balancing Power for the Iran—Saudi Rivalry. *Gazi Akademik Bakış*, 11(21), 133–156.

El Dahan, M. (2022, 18 de outubro). UAE says OPEC+ output cut was correct decision, no

politics behind it. *Reuters*. <https://www.reuters.com/business/energy/uae-energy-ministeropec-output-cut-was-correct-decision-no-politics-behind-it-2022-10-18/>

El Taki, K. (2024). Sanctions and Stigma: Regional and Global Ordering in the Gulf Crisis.

Middle East Critique.

El-Labbad, M. (2014). Egypt: A “Regional Reference” in the Middle East. Em Fürtig, H.

(Ed.), *Regional Powers in the Middle East: New Constellations after the Arab Revolts*. Palgrave Macmillan.

- Ereli, G. (2025). *The Domestic Roots Of Geoeconomic Competition: An Innenpolitik Approach To Saudi-UAE Rivalry (2015-2020)* [PhD dissertation]. Middle East Technical University.
- Fakude, T. (2017). *Saudi Arabia alters its foreign policy on various fronts: Why now?* Al Jazeera Centre for Studies.
- Fattouh, B. (2024). Saudi Oil Policy: Continuity and Change in the Era of the Energy Transition. Em Sfakianakis, J. (Ed.), *The Economy of Saudi Arabia in the 21st Century: Prospects and Realities*. Oxford Academic.
- Fazelyanov, E. M. (2021). Russia and Saudi Arabia: Partnership and Common Interests. *Vestnik of Saint Petersburg University. Asian and African Studies*, 13(1), 119–127.
- Feierstein, G. M. (2017). *The Yemen Conflict: Consequences for the MENA Region*. European Institute of the Mediterranean.
- Firme, R. S. (2024). *A revolução nacional saudita e a política externa de Mohammed Bin Salman al Saud* [Trabalho de conclusão]. UFRGS.
- Flynn, C. & Aldamer, S. (2024). The international political economy of Saudi Arabia: Sovereign fund and foreign polic. *Digest of Middle East Studies*.
- Forgues Alter, E. C. & Janardhan, N. (2021). *Abraham Accords: Legal Interpretation and Scope for Collaboration with Asia* [EDA Insight: Research & Analysis]. Emirates Diplomatic Academy.

France 24. (2015, 27 de março). Turkey supports Saudi mission in Yemen, says Iran must withdraw. *France 24*. 07/10/2025

Frias, E. P. (2024). Arabia Saudita e Israel; de la distancia histórica a los acercamientos recientes. *Revista de Relaciones Internacionales*, 150, 41–71.

Friedman, B. (2018, 12 de dezembro). The Khashoggi Affair: Whither the Kingdom? *Foreign Policy Research Institute*. <https://www.fpri.org/article/2018/12/the-khashoggi-affair-whither-the-kingdom/>

Fulton, J. (2021). China between Iran and the Gulf Monarchies. *Middle East Policy*, 28(3–4), 203–216.

Furlong, P. & Marsh, D. (2010). A Skin Not a Sweater: Ontology and Epistemology in Political Science. Em Stoker, G. & Marsh, D. (Eds.), *Theory and Methods in Political Science* (3ª). Palgrave Macmillan.

Gambrell, J. & Associated Press. (2022, 13 de outubro). Saudi Arabia releases lengthy statement saying Biden asked for delay in oil production cut to November. *Fortune*. <https://fortune.com/2022/10/13/saudi-arabia-opec-oil-production-biden-white-house-november-midterm-elections/>

Ganji, S. K. (2023). The Rise of Sportswashing. *Journal of Democracy*, 34(2), 62–76.

Gaouette, N., Merica, D., & Browne, R. (2017, 10 de junho). Trump: Qatar must stop funding terrorism. *CNN*. <https://edition.cnn.com/2017/06/09/politics/trump-qatar-saudi-gulf-crisis>

- Garrison, W. C. (1999). *Information Operations And Counter-propaganda: Making a Weapon Of Public Affairs* [Strategy Research Project]. U.S. Army War College.
- Gaub, F. (2016). *War of words: Saudi Arabia v Iran* (No. 2). European Union Institute for Security Studies.
- Gause III, F. G. (2020). *Saudi Arabia and Regional Leadership: The Impossibility of Hegemony* (No. 234; Middle East Insights). National University of Singapore.
- Ghasemi, M. (2021). The power triangle strategy in the Middle East after the Arab Spring Based on the Offensive and Defensive Realism. *Iberian Journal of Social Science*, 1(4).
- Ghobari, M. & Bakr, A. (2015, 29 de abril). Exclusive: Saudi Arabia trains Yemeni tribal fighters in war against Houthis—Sources. *Reuters*.
<https://www.reuters.com/article/world/exclusive-saudi-arabia-trains-yemeni-tribal-fighters-in-war-against-houthis-sour-idUSKBN0NK1PH/>
- Goldberg, J. (2018, 2 de abril). Saudi Crown Prince: Iran's Supreme Leader «Makes Hitler Look Good». *The Atlantic*.
<https://www.theatlantic.com/international/archive/2018/04/mohammed-bin-salman-iran-israel/557036/>
- Gonçalves, M. S. (2023). A política externa da Arábia Saudita, 2015-2022: A era do pós-petróleo que tarda em chegar. *Relações Internacionais*, 80, 005–018.

- González del Miño, P. & Martínez, D. H. (2016). The Salman Doctrine In Saudi Arabia's Foreign Policy: Objectives And The Use Of Military Forces. *Austral: Brazilian Journal of Strategy & International Relations Austral: Brazilian Journal of Strategy & International Relations*, 8(16), 106–128.
- Grand, S. & Wolff, K. (2020). *Assessing Saudi Vision 2030: A 2020 Review*. Atlantic Council.
- Guimarães, M. J. (2015, 22 de abril). Arábia Saudita retoma bombardeamentos no Iémen. *Público*. <https://www.publico.pt/2015/04/22/mundo/noticia/arabia-saudita-poe-fim-aos-bombardeamentos-no-iemem-1693222>
- Gulf International Forum. (2024). *Securing the Seas: Examining Changing Saudi & Emirati Naval Capabilities*. Gulf International Forum.
- Gürzel, A. (2014). Turkey's Role as a Regional and Global Player and its Power Capacity: Turkey's Engagement with other Emerging States. *Revista de Sociologia e Política*, 22(50), 95–105.
- Guzansky, Y. & Lavi, G. (2020). Saudi Arabia-China Relations: A Brave Friendship or Useful Leverage? *Strategic Assessment*, 23(2), 108–114.
- Hadian-Jazy, T. (2018, 25 de outubro). Jamal Khashoggi Murder Bolsters Iran's Strategic Position. *Atlantic Council*. <https://www.atlanticcouncil.org/blogs/iransource/jamal-khashoggi-murder-bolsters-iran-s-strategic-position/>

- Hafezi, P. (2020, 1 de setembro). Iran's Khamenei: UAE «disgraced forever» by Israel deal. *Reuters*. <https://www.reuters.com/article/world/irans-khamenei-uae-disgraced-forever-by-israel-deal-idUSKBN25S4EC/>
- Haider, N. (2010). Zaydism: A Theological and Political Survey. *Religion Compass*, 4(7), 436–442.
- Handjani, A. (2019, 10 de maio). Saudi Arabia Has Big Plans in India. *Foreign Policy*. <https://foreignpolicy.com/2019/05/10/saudi-arabia-has-big-plans-in-india/>
- Hetou, G. (2019). Saudi Arabia. Em Balzacq, T., Dombrowski, P., & Reich, S. (Eds.), *Comparative Grand Strategy: A Framework and Cases*.
- Heuser, B. (2010). *The Evolution of Strategy: Thinking War from Antiquity to the Present*. Cambridge University Press.
- Hill, G. (2017). *Yemen Endures: Civil War, Saudi Adventurism and the Future of Arabia*. Oxford University Press.
- Hinnebusch, R. (2003). *The international politics of the Middle East*. Manchester University Press.
- Hinz, F. (2025). *Riyadh's silent ballistic-missile surge* (Missile Dialogue Initiative). IISS.
- Hododi, R. (2024). *The Path to Dominance: A Political Discourse Analysis of Saudi Foreign Policy in Syria and Yemen* [Master of Arts]. Lund University.
- Holmes, J. (2014). Hail to the Deep. *The National Interest*, 132, 67–75.

Human Rights Watch. (2019). *The High Cost of Change: Repression Under Saudi Crown Prince Tarnishes Reforms*. Human Rights Watch.

Human Rights Watch. (2024). *The Man Who Bought The World: Rights Abuses Linked to Saudi Arabia's Public Investment Fund and Its Chairman, Mohammed bin Salman*. Human Rights Watch.

Ibrahim, M. (2021, 4 de novembro). Qatar completes border demarcation with Saudi Arabia. *Doha News*. <https://dohanews.co/qatar-completes-border-demarcation-with-saudi-arabia/>

IISS. (2015). *The Military Balance 2015* (1ª). Routledge.

IISS. (2016). *The Military Balance 2016* (1ª). Routledge.

IISS. (2017). *The Military Balance 2017* (1ª). Routledge.

IISS. (2018). *The Military Balance 2018* (1ª). Routledge.

IISS. (2019). *The Military Balance 2019* (1ª). Routledge.

IISS. (2020). *The Military Balance 2020* (1ª). Routledge.

IISS. (2021). *The Military Balance 2021* (1ª). Routledge.

IISS. (2022). *The Military Balance 2022* (1ª). Routledge.

Imran, M. (2022). Tanks in Modern Battlefield; Is the King Dead? *Journal of Defense Studies and Resource Management*, 10(6).

- IPSS. (2020). *Egypt: Conflict Insight* (Peace & Security Report No. 1). Addis Ababa University.
- Iqbal, A. (2024). Saudi Arabia, the UAE and Qatar's Quest for Power in the Arab Gulf: Role of Ideational Factors and Economic Rivalry in Diverging Foreign Policy Choices. *Electronic Journal of Social and Strategic Studies*, 5(1).
- Irish, J. (2018, 10 de abril). Give Saudi Arabia a chance, French president tells critics. *Reuters*. <https://www.reuters.com/article/world/give-saudi-arabia-a-chance-french-president-tells-critics-idUSKBN1HH3DX/>
- Jabbour, R. (2016). *Saudi Arabia 2030 Plan: No More Dependency on Oil... and USA*. The Middle East Institute for Research and Strategic Studies.
- Jacobs, A. (2023). Understanding Saudi Arabia's Recalibrated Foreign Policy. *International Crisis Group*. <https://www.crisisgroup.org/middle-east-north-africa/gulf-and-arabian-peninsula/saudi-arabia/understanding-saudi-arabias>
- Jaithalia, N. & Yadav, S. (2024). Sports for Politics: Sportswashing and Soft Power Strategies. *International Journal for Multidisciplinary Research, Review and Studies*, 1(1).
- Jarżabek, J. (2017). All the Money Can Buy. The Saudi Arabian Armed Forces. Em Ożarowski, R. & Grabowski, W. (Eds.), *Political Dilemmas of the Arab and Muslim World*. Rambler Press.

- Jefferson da Silva, A. (2022). *A disputa saudí-iraniana pela hegemonia o Oriente Médio a partir do estudo do conflito iemenita* [Trabalho de conclusão de curso de graduação para obtenção do grau de Bacharel(a) em Relações Internacionais.]. Pontifícia Universidade Católica de Goiás.
- Jeníček, V. & Krepl, V. (2009). The role of foreign trade and its effects. *Agricultural Economics*, 55(5), 211–220.
- Jowett, G. S. & O'Donnell, V. (2015). *Propaganda & Persuasion* (6ª). SAGE Publications.
- Kakar, F. R. (2019). Qatar Diplomatic Crisis. *Global Foreign Policies Review*, 2(1), 1–7.
- Kamel, L., Makdisi, K., Hazbun, W., & Tell, T. (2016). *Re-conceptualizing Orders In The Mena Region The Analytical Framework Of The Menara Project* (No. 1; Methodology And Concept Papers). Middle East and North Africa Regional Architecture.
- Kamrava, M. (2018). Accessing the Multipolarity and Instability in the Middle East. *ORBIS*, 62(4).
- Kappel, R. (2014). Israel: The Partial Regional Power in the Middle East. Em Fürtig, H. (Ed.), *Regional Powers in the Middle East: New Constellations after the Arab Revolts*. Palgrave Macmillan.
- Karam, P. (2023). *Saudi Oil Production Cuts: A Self-Interested Move*. Arab Center Washington DC. <https://arabcenterdc.org/resource/saudi-oil-production-cuts-a-self-interested-move/>

Karatas, I. (2022). How Saudi Media Covered the Murder of Jamal Khashoggi: The Case of Arab News. *Istanbul Gelisim University Journal of Social Sciences*, 9(2), 599–611.

Karinda, S. N. (2024). State Censorship in Saudi Arabia: The Case of Jamal Khashoggi. *New Middle Eastern Studies*, 12(1), 64–78.

Kausch, K. (2014). *Competitive Multipolarity in the Middle East* [New-Med Research Network Paper]. Istituto Affari Internazionali.

Kawakibi, S. (2022). *Qatar's Role in the Geopolitical Scenarios of the Middle East and North Africa*. European Institute of the Mediterranean.

Kéchichian, J. A. (2018). *Target Saudi Arabia: An Examination of Damaging Narratives* [Special Report]. King Faisal Center for Research and Islamic Studie.

Khalaileh, Y. (2019). The Blockade of Qatar: Where Coercive Diplomacy Fails, Principles of Law Should Prevail. *International Review of Law*, 2018(4).

Khatib, D. K. (2020). *Security Implications of Axes Rivalry in the Middle East* [Research Paper]. Policy Center for the New South.

Kilcullen, D. (2006). Bombers and Tanks: Understanding the Myths. *Australian Army Journal*, 3(3).

Kinninmont, J. (2017). *Vision 2030 and Saudi Arabia's Social Contract: Austerity and Transformation* (Middle East and North Africa Programme) [Research Paper]. Chatham House.

Kinninmont, J. (2018). *Political Change in Saudi Arabia* (Middle East and North Africa Programme) [Research Paper]. Chatham House.

Kirkpatrick, D. D. (2017, 4 de novembro). Saudi Arabia Arrests 11 Princes, Including Billionaire Alwaleed bin Talal. *The New York Times*.
<https://www.nytimes.com/2017/11/04/world/middleeast/saudi-arabia-waleed-bin-talal.html>

Kohli, N. (2017). Saudi Arabia and the Region. Em Singh, S. (Ed.), *West Asia in Transition: Vol. II*. Pentagon Press.

Koshaimah, Y. & Zou, X. (2023). An Analysis of Yemen's Geostrategic Significance and Saudi Iranian Competition for Regional Hegemony. *Contemporary Review of the Middle East*, 10(3), 251–269.

Krasna, J. S. (2019). It's Complicated: Geopolitical and Strategic Dynamics in the Contemporary Middle East. *ORBIS*, 63(1).

Labs, E. J. (1997). Beyond victory: Offensive realism and the expansion of war aims. *Security Studies*, 6(4), 1–49.

Lagrone, S. (2017, 20 de fevereiro). Navy: Saudi Frigate Attacked by Unmanned Bomb Boat, Likely Iranian. *USNI News*. <https://news.usni.org/2017/02/20/navy-saudi-frigate-attacked-unmanned-bomb-boat-likely-iranian>

LaPorta, J. (2018, 12 de janeiro). Saudi Arabia to receive 17 Blackhawk helicopters from Sikorsky. *UPI*. <https://www.upi.com/Defense-News/2018/01/12/Saudi-Arabia-to-receive-17-Blackhawk-helicopters-from-Sikorsky/5671515765546/>

Leber, A. (2025). *Vision 2030 in the Home Stretch: Clear Achievements yet Limited Accountability* [Research Paper]. Carnegie Endowment for International Peace.

Li, R. (2024). *Saudi Arabia's Space Programme: Evolution, Drivers and Approaches* (No. 310; Insights). National University of Singapore.

Lima, J. A. (2023). Saudi Arabia's Foreign Policy under MBS: decision unit change and its impacts towards Yemen and Syria. *Contexto Internacional*, 45(2).

Lockheed Martin. (s/d). *PAC-3: Defending against emerging advanced threats around the world*. Lockheed Martin. <https://www.lockheedmartin.com/en-us/products/pac-3-advanced-air-defense-missile.html>

Loft, P. & Garraway, A. (2024). *Saudi Arabia: Introductory country profile* [Research Briefing]. House of Commons Library.

Longman Business Dictionary. (2007). *Longman Business Dictionary*. Pearson Longman.

Lopes da Silva, D., Liang, X., Béraud-Sudreau, L., Marksteiner, A., & Tian, N. (2022). *Trends In World Military Expenditure 2021*. SIPRI. https://www.sipri.org/sites/default/files/2022-04/fs_2204_milex_2021_0.pdf

- Lopes da Silva, D., Tian, N., & Marksteiner, A. (2021). *Trends In World Military Expenditure 2020*. SIPRI. https://www.sipri.org/sites/default/files/2021-04/fs_2104_milex_0.pdf
- Lusa. (2023, 28 de setembro). Irão anuncia ter colocado mais um «satélite de imagens» em órbita. *SIC*. <https://sicnoticias.pt/mundo/2023-09-28-Irao-anuncia-ter-colocado-mais-um-satelite-de-imagens-em-orbita-593456e5>
- Lynch, M. (2018). The New Arab Order: Power and Violence in Today's Middle East. *Foreign Affairs*, 97(5), 116–126.
- Mabon, S. (2018). Saudi-Iranian Relations after the Rise of Mohammad Bin Salman. *E-International Relations*.
- Malsin, J., Said, S., & Strobel, W. P. (2021, 23 de dezembro). Saudis Begin Making Ballistic Missiles With Chinese Help. *WSJ*. <https://www.wsj.com/world/middle-east/saudis-begin-making-ballistic-missiles-with-chinese-help-11640294886>
- Markwica, R. (2018). *Emotional Choices: How the Logic of Affect Shapes Coercive Diplomacy*. Oxford University Press.
- Martin, M. (2018, 17 de setembro). Saudi Arabia's sovereign wealth fund raises \$11bn loan. *Independent*. <https://www.independent.co.uk/news/business/news/saudi-arabia-sovereign-wealth-fund-raises-11-billion-loan-a8544471.html>

- Martínez, D. H. (2020a). Structure and distribution of power in Saudi Arabia. Main actors, institutions, and decision-making process. *Cuadernos de Gobierno y Administración Pública*, 7(1), 15–25.
- Martínez, D. H. (2020b). The United States and Saudi Arabia alliance in the 21st century: The presidency of George W. Bush, Barack Obama and Donald Trump. *Revista del Instituto Español de Estudios Estratégicos*, 15, 209–230.
- Martucci, M. (2024). *Why is Saudi Arabia Spending Billions on Sports?* Center for International Affairs and World Cultures.
- Marzocchi, O. & Mazzini, M. (2022). *Pegasus and surveillance spyware* [European Parliament’s Committee of Inquiry]. Policy Department for Citizens’ Rights and Constitutional Affairs.
- Mashino, I. (2021). *The Bipolar Conflict In The Middle East Over The Muslim Brotherhood: Why Saudi Arabia, The Uae, And Egypt See The Brotherhood as a Threat* [Monthly Report]. Mitsui & Co.
- Mason, R. (2023). *Saudi Arabia and the United Arab Emirates: Foreign policy and strategic alliances in an uncertain world*. Manchester University Press.
- Massoudi, A. & Bradshaw, T. (2018, 23 de fevereiro). Magic Leap in talks for \$400m Saudi cash injection. *Financial Times*. <https://www.ft.com/content/1628458e-18d7-11e8-9376-4a6390addb44>

Massoudi, A., Raval, A., & Waters, R. (2018, 17 de setembro). Saudi wealth fund invests \$1bn in Tesla rival Lucid Motors. *Financial Times*.
<https://www.ft.com/content/d42abc50-ba81-11e8-94b2-17176fbf93f5>

Mateer, R. (2020). *The Aerodynamics of a Modern Warship* [Degree of Doctor in Philosophy]. University of Liverpool.

Matthiesen, T. (2017). A Purge in Riyadh. *Foreign Affairs*.
<https://www.foreignaffairs.com/articles/saudi-arabia/2017-11-08/purge-riyadh>

Mattingly, P., Cohen, Z., & Herb, J. (2019, 5 de junho). Exclusive: US intel shows Saudi Arabia escalated its missile program with help from China. *CNN*.
<https://edition.cnn.com/2021/12/23/politics/saudi-ballistic-missiles-china/index.html>

McCallion, C. (2024). *Grand Strategy: Alliances* [A policy paper of the Grand Strategy Program]. Defense Priorities.

McDowall, A., Stewart, P., & Rohde, D. (2016, 19 de abril). Yemen's guerrilla war tests military ambitions of big-spending Saudis. *Reuters*.
<https://www.reuters.com/investigates/special-report/saudi-military/>

McKernan, B. (2018, 21 de outubro). Jamal Khashoggi death: How does Saudi version of events differ from Turkish accounts? *The Guardian*.
<https://www.theguardian.com/world/2018/oct/20/jamal-khashoggi-journalist-death-what-will-saudi-arabia-riyadh-do-next-turkey>

- McPherson-Smith, O. (2021). Diversification, Khashoggi, and Saudi Arabia's Public Investment Fund. *Global Policy*, 12(2).
- Mearsheimer, J. (2001). *The Tragedy Of Great Power Politics*. W.W. Norton & Company.
- MEE. (2018, 16 de outubro). Middle East leaders back Saudi Arabia after Jamal Khashoggi's disappearance. *Middle East Eye*. <https://www.middleeasteye.net/news/middle-east-leaders-back-saudi-arabia-after-jamal-khashoggis-disappearance>
- Mehdi, S., Mehdi, M., Elfaghri, F. F. E., Chheena, S. A., & Raza, A. (2024). Strategic Interests And Power Balances: A Realist Analysis Of The Us-saudi Alliance Amidst New Global Rivalries. *International Journal of Contemporary Issues in Social Sciences*, 3(3), 1334–1339.
- MEMO. (2022, 18 de outubro). Egypt backs Saudi oil cuts, says FM. *MEMO*. <https://www.middleeastmonitor.com/20221018-egypt-backs-saudi-oil-cuts-says-fm/>
- Ministry of Economy and Planning. (2023). *Accelerating the Economic Transformation of Saudi Arabia through Investments*. Ministry of Economy and Planning.
- Mirtorabi, S. (2019). Saudi Arabia's Aggressive Oil Policy against Iran (2011-2016). *Journal of World Sociopolitical Studies*, 3(1), 199–232.
- Modebadze, V. (2018). The Battle For Regional Dominance Between The Kingdom Of Saudi Arabia And The Islamic Republic Of Iran. *Journal of Liberty and International Affairs*, 4(3).

Morgan, T. (2021, 7 de outubro). Saudi Arabia's Newcastle takeover branded a «bitter blow for human rights». *The Telegraph*.

<https://www.telegraph.co.uk/football/2021/10/07/assassinated-journalists-widow-urges-premier-league-not-cave/>

Mosly, A. (2022). *U.S.-Saudi Relations: Recalibrations* [GRC Commentary & Analysis]. Gulf Research Center.

Mouline, N. (2022). El Wahabismo, Instrumento Del Poder Blando Saudí. *Afkar ideas*, 67, 66–69.

Munassar, O. (2021). *Turkey's Policy Shifts Toward Yemen's Civil War, a Local and Regional Perspective* [Analysis Paper]. Sana'a Center for Strategic Studies. <https://sanaacenter.org/publications/analysis/15966>

Nascimento, L. S. & Abreu, M. E. M. (2024). Sportswashing na Arábia Saudita: A Cortina de Fumaça dos Direitos Humanos. *Revista Perspectiva*, 16(30).

Nasir, S. (2019, 18 de março). UAE launches Arab Space Collaboration Group. *Khaleej Times*. <https://www.khaleejtimes.com/uae/uae-launches-arab-space-collaboration-group>

Naval Technology. (2003). *Al Riyadh (F3000S Sawari II) Class*. Naval Technology. https://www.naval-technology.com/projects/al_riyadh/?cf-view

Naval Technology. (2020). *Multi-Mission Surface Combatant (MMSC)*. Naval Technology.

<https://www.naval-technology.com/projects/multi-mission-surface-combatant-mmssc/?cf-view>

Negri, A. (2018). *Gulf Regional Crisis: Qatar-Saudi Arabia Rivalry, Tensions within the Gulf Cooperation Council*. European Institute of the Mediterranean.

Nephew, R. (2020). *The qatari sanctions episode: Crisis, response, and lessons learned*.

Columbia SIPA. https://www.energypolicy.columbia.edu/wp-content/uploads/2020/10/QatariSanctions_CGEP_Report_111522.pdf

Nicolas, L. (2025). *Global And Regional Strategies In The Middle East: In Pursuit Of Hegemony*. Routledge.

Niu, S. & Wu, T. (2021). Changes and Trends in the Current Relations Between Saudi Arabia and Israel. *Asian Journal of Middle Eastern and Islamic Studies*, 15(2), 172–188.

Norton-Taylor, R. (2007, 18 de setembro). Britain and the Saudis finally sign £4.43bn

Eurofighter deal. *The Guardian*.
<https://www.theguardian.com/uk/2007/sep/18/saudiarabia.armstrade>

Nuruzzaman, M. (2019). Chasing the Dreams: The Salman Doctrine and Saudi Arabia's Bid for Regional Dominance. *Insight Turkey*, 21(3).

O. Carter, R. (2021). *Against The Grain: Saudi Arabia And Israel's Warming Relations* [Master's Thesis]. Naval Postgraduate School.

O'Donnell, N. (2019, 29 de setembro). Mohammad bin Salman denies ordering Khashoggi murder, but says he takes responsibility for it. *CBS News*.
<https://www.cbsnews.com/news/mohammad-bin-salman-denies-ordering-khashoggi-murder-but-says-he-takes-responsibility-for-it-60-minutes-2019-09-29/>

OEC. (s/da). *About the Site*. <https://oec.world/en/resources/about>

OEC. (s/db). *Saudi Arabia / China*. The Observatory of Economic Complexity.
<https://oec.world/en/profile/bilateral-country/sau/partner/chn?selector541id=2022>

OEC. (s/dc). *Saudi Arabia / Russia*. The Observatory of Economic Complexity.
<https://oec.world/en/profile/bilateral-country/sau/partner/rus?selector541id=2023&selector539id=tradeOption&selector540id=fiveYearOption&selector1792id=usdOption&selector549id=2019>

OEC. (s/dd). *Saudi Arabia / United States*. The Observatory of Economic Complexity.
<https://oec.world/en/profile/bilateral-country/sau/partner/usa?selector541id=2022>

O'Kelly, M. (2022). *Newcastle, Saudi Arabia, and the Shifting of the Goalposts in English Football: A Triangulated Case Study Analysis of Sportswashing in the "Beautiful" Game* [Master's in Human Geography]. Radboud University.

OPEC. (2024). *2024 Annual Report*. <https://www.opec.org/assets/assetdb/annual-report-2024.pdf>

Organski, A. F. K. (1958). *World Politics*. Alfred A. Knopf.

Ottaway, D. (2021). *Mohammed bin Salman: The Icarus of Saudi Arabia?* Lynne Rienner Publishers.

Ottaway, D. (2022). *Do Politics or Economics Dictate Saudi Oil Policy?* Wilson Center.
<https://www.wilsoncenter.org/article/do-politics-or-economics-dictate-saudi-oil-policy>

Palgrave, I. (Ed.). (1891). *Dictionary of Political Economy: Vol. I.* Palgrave Macmillan.

Parker, J. W. & Lynch III, T. F. (2021). *Russia and Saudi Arabia: Old Disenchantments, New Challenges* (No. 35). National Defense University.

Parker, T. B. (2021). Transforming Yemen? Divergent Saudi and Emirati Intervention Policies. *Middle East Policy*, 28(3–4), 159–171.

Parvathy, S. (2021). Qatar Diplomatic Crisis A Look Back on the Crisis and Possible Solutions 2017. *Journal of Political Sciences & Public Affairs*, 9(4).

Pehlivan, S. B. (2023). Factors Determining the State Behavior of Saudi Arabia as a Regional Power. *Academic Journal of History and Idea*, 10(6), 2329–2356.

Peneda, F. (2015, 18 de abril). Irão acusa Arábia Saudita de «semear o ódio» no Iémen. *Euronews*.
<https://pt.euronews.com/2015/04/18/irao-acusa-arabia-saudita-de-semear-o-odio-no-iyemen>

Pereira, F. M. R. (2023). *Sports Diplomacy e a Prática de Sportswashing: Estudo de Caso da Arábia Saudita (2016-2022)* [Dissertação para obtenção de grau de Mestre]. Universidade de Lisboa.

Perlo-Freeman, S., Fleurant, A., Wezeman, P., & Wezeman, S. (2016). *Trends In World Military Expenditure 2015*. SIPRI. <https://www.sipri.org/sites/default/files/EMBARGO%20FS1604%20MilEx%202015.pdf>

PIF. (2015, 22 de julho). *The Public Investment Fund acquires 38% stake in POSCO Engineering unit*. Press Releases. <https://www.pif.gov.sa/en/news-and-insights/press-releases/2015/the-public-investment-fund/>

PIF. (2018, 3 de outubro). *PIF partners with global investor groups to acquire 55% stake in AccorInvest*. Press Releases. <https://www.pif.gov.sa/en/news-and-insights/press-releases/2018/pif-partners-with-global-investor/>

PIF. (2019, 19 de fevereiro). *The Public Investment Fund announces the signing of MoU with Indian hospitality company OYO*. Press Releases. <https://www.pif.gov.sa/en/news-and-insights/press-releases/2019/company-oyo/>

PIF. (s/da). *Saudi Arabian Military Industries (SAMI)*. Our Portfolio. <https://www.pif.gov.sa/en/our-investments/our-portfolio/saudi-arabian-military-industries/>

PIF. (s/db). *Saudi Investment Recycling Company*. Our Portfolio. <https://www.pif.gov.sa/en/our-investments/our-portfolio/saudi-investment-recycling-company/>

PIF. (s/dc). *Saudi Public Transport Company (SAPTCO)*. Our Portfolio. <https://www.pif.gov.sa/en/our-investments/our-portfolio/saudi-public-transport-company/>

PIF. (s/dd). *Saudi Real Estate Refinancing Company (SRC)*. Our Portfolio. <https://www.pif.gov.sa/en/our-investments/our-portfolio/saudi-real-estate-refinancing-company/>

PIF. (s/de). *SURJ Sports Investment*. Our Portfolio. <https://www.pif.gov.sa/en/our-investments/our-portfolio/surj-sports-investment/>

Pintak, L. (2023). Journalism in MENA: Triumph and Tragedy in the Struggle to Speak Truth to Power. Em Khalil, J. F., Khiabany, G., Guaaybess, T., & Yesil, B. (Eds.), *The Handbook of Media and Culture in the Middle East*. Wiley Blackwell.

Quilliam, N. (2019). The Saudi Dimension: Understanding the Kingdom's Position in the Gulf Crisis. Em Krieg, A. (Ed.), *Divided Gulf: The Anatomy of a Crisis*. Palgrave Macmillan.

Ragaban, A. A. (2016). *The Geopolitical Implications Of Saudi Arabia's Role as a Swing Producer Of Oil, The Threat Of The Shale Oil Revolution To Saudi Stability, And*

The Middle East Balance Of Power Post-u.s. Energy Independence [Master of Arts in Global Security Studies Thesis]. Johns Hopkins University.

Rampini, F. (2025). *O Novo Império Árabe* (Vala, J. P., Trad.). Presença.

Raouf, H. (2019). Iranian quest for regional hegemony: motivations, strategies and constrains. *Review of Economics and Political Science*, 4(3), 242–256.

Rasanani, A, M, H. (2024). Saudi Arabia's Relations with China and Russia, Hedging and Increasing Relative Power amidst American Disengagement from West Asia: Implications, Change and Continuity. *Journal of World Sociopolitical Studies*, 8(4), 877–916.

Reporters Without Borders. (s/d). *Index*. <https://rsf.org/en/index?year=2022>

Reuters. (2015, 24 de maio). US approves sale of 10 MH-60 Seahawk helicopters to Saudi Arabia. *Gulf Business*. <https://gulfbusiness.com/us-approves-sale-10-mh-60-seahawk-helicopters-saudi-arabia/>

Reuters. (2018, 7 de agosto). Saudi sovereign fund PIF has bought a below five percent stake in Tesla: Source. *Reuters*. <https://www.reuters.com/article/technology/saudi-sovereign-fund-pif-has-bought-a-below-five-percent-stake-in-tesla-source-idUSKBN1KS1ZC/>

Rezaei, F. (2019). *Iran's Foreign Policy After the Nuclear Agreement: Politics of Normalizers and Traditionalists*. Palgrave Macmillan.

- Ricardi, J. (2024). *A Saudi Pro League Como Prática de Sportswashing do Reino da Arábia Saudita Em Tempos de Mohammed Bin Salman* [Obtenção do grau de Bacharela]. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Rich, B. & Moore-Gilbert, K. (2019). From Defense to Offense: Realist Shifts in Saudi Foreign Policy. *Middle East Policy*, 26(3), 54–68.
- Riedel, B. (2020). Saudi Arabia's Role in the Yemen Crisis. Em Day, S. W. & Brehony, N. (Eds.), *Global, Regional, and Local Dynamics in the Yemen Crisis* (pp. 115–130). Palgrave Macmillan.
- RINA. (2022, 19 de maio). First Project Al Sarawat corvette commissioned. *The Royal Institution of Naval Architects*. <https://rina.org.uk/publications/warship-technology/al-sarawat-corvette/>
- Rodrigues, S. D. (2019). A estigmatização do Qatar: A construção de um Estado-pária no Golfo Árabe. *Fronteira*, 18(35), 88–108.
- Roll, S. (2019). *A sovereign wealth fund for the Prince: Economic reforms and power consolidation in Saudi Arabia* (SWP Research Paper No. 8/2019). Stiftung Wissenschaft und Politik.
- Roll, S. (2023). *Egypt, Saudi Arabia and the UAE: The End of an Alliance* (SWP Comment No. 47). Stiftung Wissenschaft und Politik.

RTP. (2020, 22 de abril). Irão lança satélite militar e EUA pedem «responsabilização». *RTP*.

https://www.rtp.pt/noticias/mundo/irao-lanca-satelite-militar-e-eua-pedem-responsabilizacao_n1223039

Rynhold, J. & Yaari, M. (2019). The quiet revolution in Saudi-Israeli relations. *Mediterranean Politics*.

Safran, N. (1988). *Saudi Arabia: The Ceaseless Quest for Security*. Cornell University Press.

Salameh, M. B. & Darabseh, M. (2025). Strategic shifts: The role of the Gulf Crisis in transforming Qatari-Turkish relations (2017–2021). *Review of Economics and Political Science*.

Sam, A. J. (2023). *Saudi Arabia's Public Investment Fund as a Tool for Economic Diversification and Sports Diplomacy* [Master's Thesis]. Leipzig University.

Saudipedia. (s/da). *HAZEM System*. Saudipedia.

<https://saudipedia.com/en/article/2751/government-and-politics/security-and-defense/hazem-system>

Saudipedia. (s/db). *Sarawat Project*. Saudipedia.

<https://saudipedia.com/en/article/1348/economy-and-business/sarawat-project#:~:text=The%20Sarawat%20Project%20is%20one%20of%20the,of%20the%20targets%20of%20Saudi%20Vision%202030.>

Sayed, M. N., Ashour, G. H., & Abbas, N. A. (2021). The Impact of the Volatility in Oil Prices on Saudi Arabia's and Algeria's Military Expenditure: A Comparative Study. *International Journal of Energy Economics and Policy*, 11(6).

Schenkkan, N. & Linzer, I. (2021). *Saudi Arabia* (Out of Sight, Not Out of Reach: The Global Scale and Scope of Transnational Repression) [Case study]. Freedom House.

Schueftan, D. (2017). *Israel's Regional Alliances: Strategic Relations with Saudi Arabia and the Gulf States in Historical Perspective*. Begin-Sadat Center for Strategic Studies.

Seddiq, R. (2001). *Border Disputes on the Arabian Peninsula* (Brief Analysis No. 525). The Washington Institute for Near East Policy.

Sergeenkova, A. (2024). *Development of Women Rights in Saudi Arabia* [Dissertação para obtenção de grau de Mestre em Estudos Internacionais]. ISCTE- Escola de Sociologia e Políticas Públicas.

Settembrini, M.M. (2019). *The proxy war between Iran and Saudi Arabia: The case of the Yemeni Civil War* [Dissertação para obtenção do grau de Mestre, ISCTE IUL]. https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/18837/4/master_maria_maddalena_settembrini.pdf

Shafy, S. & Zand, B. (2016, 19 de fevereiro). Interview with Saudi Foreign Minister Adel al Jubeir on Syrian War. *Der Spiegel*.

<https://www.spiegel.de/international/world/interview-with-saudi-foreign-minister-adel-al-jubeir-on-syrian-war-a-1078337.html>

Shafir, Y. (2016, 12 de dezembro). “Adir” in the Sky: The F-35 Arrives in Israel. *INSS Insight*. <https://www.inss.org.il/publication/adir-in-the-sky-the-f-35-arrives-in-israel/>

Shea, G. (2022, 14 de julho). Saudi Arabia Signs Artemis Accords. *NASA*. <https://www.nasa.gov/missions/artemis/saudi-arabia-signs-artemis-accords/>

Sheldon, J. B. (2024). *Ballistic-missile Proliferation and the Rise of Middle Eastern Space Programmes*. IISS.

Shepard. (2022). *The Concise Global Industry Guide: Armoured Vehicles Handbook* (No. 12). Shepard.

Silva Ribeiro, A. (2009). *Teoria Geral da Estratégia: O Essencial Ao Processo Estratégico*. Almedina.

SIPRI. (s/da). *Arms transfers database*. <https://armstransfers.sipri.org/ArmsTransfer/TransferData/transferResults?logic=on>

SIPRI. (s/db). *Arms transfers database*. <https://armstransfers.sipri.org/ArmsTransfer/TransferData/transferResults?logic=on>

Smith, A. M. (2012). *The Emergence of International Justice as Coercive Diplomacy: Challenges and Prospects* [Research Working Paper Series]. Harvard Human Rights Program.

Solomon, B. (2015, 30 de março). Analysis: Israel rooting for the Saudis. *The Jerusalem Post*. <https://www.jpost.com/middle-east/israel-rooting-for-the-saudis-395552>

SSA. (s/d). *SSA History*. <https://ssa.gov.sa/en/eventsTimeline/?path=/our-history/>

Stenslie S. (2015). “*Decisive Storm*”: Saudi Arabia’s attack on the Houthis in Yemen. NOREF.

<https://www.files.ethz.ch/isn/191021/fdae163be3c9b498ae792fb7bd161c81.pdf>

Stenslie, S. (2018). The End of Elite Unity and the Stability of Saudi Arabia. *The Washington Quarterly*, 41(1), 61–82.

Strategic Communications. (2021). *Nuclear Agreement – Jcpoa*. The Diplomatic Service of the European Union. https://www.eeas.europa.eu/eeas/nuclear-agreement-%E2%80%93-jcpoa_en

Suciu, P. (2024, 31 de julho). F-15SA: The F-15 Fighter That Doesn’t Fly for the U.S. Air Force. *The National Interest*. <https://nationalinterest.org/blog/buzz/f-15sa-f-15-fighter-doesnt-fly-us-air-force-207864>

TA. (2024, 15 de julho). SAMI’s in the fast lane to Vision 2030. *Times Aerospace*. <https://www.timesaerospace.aero/features/defence/samis-in-the-fast-lane-to-vision-2030>

TA. (s/d). Saudi Arabia grows its Black Hawk fleet with \$194m contract. *Times Aerospace*.

<https://www.timesaerospace.aero/features/defence/saudi-arabia-grows-its-black-hawk-fleet-with-194m-contract>

Tabrizi, A. B. (2016). The ‘Oil War’ between Iran and Saudi Arabia. *Royal United Services Institute*.

Tapia, F. S. (2021). *Multipolaridad e inestabilidad en Oriente Medio* [Documento Análisis]. Instituto Español de Estudios Estratégicos.

Tawfik, L. & Chauvel, A. M. (1992). *Administración de la Producción*. McGraw Hill.

Teitelbaum, J. (2017). The Shiites of Saudi Arabia: Riyadh’s Ultimate Other. Em Teitelbaum, J. (Ed.), *Saudi Arabia, the Gulf, and the New Regional Landscape* (pp. 37–42). Begin-Sadat Center for Strategic Studies.

Tenenbaum, E. (2019). *The Strategic Role Of Land Forces: A French Perspective* (IFRI Reports: Focus stratégique). French Institute of International Relations.

Teruel, J. (2022). Mohammed bin Salmán: Legitimidad y nuevos desafíos. *FORUM. Revista Departamento Ciencia Política*, 21, 254–275.

Thales Group. (s/d). *Tacticos—Combat Management System*. Thales Group. <https://www.thalesgroup.com/en/markets/defence-and-security/naval-forces/above-water-warfare/tacticos-combat-management-system>

The Economist. (2024, 14 de março). Saudi Arabia's investment fund has been set an impossible task. *The Economist*. <https://www.economist.com/finance-and-economics/2024/03/14/saudi-arabias-investment-fund-has-been-set-an-impossible-task>

Thompson, J. (2018). *Trump's Middle East Policy* (CSS Analyses in Security Policy No. 233). ETH Zurich.

Tian, N., Fleurant, A., Kuimova, A., Wezeman, P. D., & Wezeman, S. T. (2018). *Trends In World Military Expenditure, 2017*. SIPRI. https://www.sipri.org/sites/default/files/2018-04/sipri_fs_1805_milex_2017.pdf

Tian, N., Fleurant, A., Kuimova, A., Wezeman, P. D., & Wezeman, S. T. (2019). *Trends In World Military Expenditure, 2018*. SIPRI. https://www.sipri.org/sites/default/files/2019-04/fs_1904_milex_2018_0.pdf

Tian, N., Fleurant, A., Wezeman, P. D., & Wezeman, S. T. (2017). *Trends In World Military Expenditure, 2016*. SIPRI. <https://www.sipri.org/sites/default/files/Trends-world-military-expenditure-2016.pdf>

Tian, N., Kuimova, A., Lopes da Silva, D., Wezeman, P. D., & Wezeman, S. T. (2020). *Trends In World Military Expenditure 2019*. SIPRI. https://www.sipri.org/sites/default/files/2020-04/fs_2020_04_milex_0_0.pdf

- Tian, N., Lopes da Silva, D., Liang, X., Scarazzato, L., Béraud-Sudreau, L., & Oliveira Assis, A. C. (2023). *Trends In World Military Expenditure 2022*. SIPRI. https://www.sipri.org/sites/default/files/2023-04/2304_fs_milex_2022.pdf
- Trochim, W. (2015). *Research Methods: The Essential Knowledge Base*. Cengage Learning.
- Trudelle, A. M. (2023). The Public Investment Fund and Salman's state: The political drivers of sovereign wealth management in Saudi Arabia. *Review of International Political Economy*, 30(2), 747–771.
- Tsukano, J. M. (2015). *The Saudi Arabian Armed Services: The Dance in the Desert* [Master of Military Studies Research Paper]. Marine Corps University.
- Ugwogebu, E. U. & Umeh, L. C. (2021). Religious Diversity in the Middle East and its impact on patterns of global Interaction. *International Journal of Research and Innovation in Social Science*, 5(9), 541–546.
- Ulrichsen, K.C. (2017). *What's going on with Qatar?* (POMEPS Briefings No. 31; pp. 6–7). Elliott School of International Affairs.
- United States Congress. (2017). *Saudi Arabia: Background and U.S. Relations* [CRS Report]. United States Congress.
- U.S. Department of State. (2022). *2022 Country Reports on Human Rights Practices: Saudi Arabia* [Reports on Human Rights Practices]. Bureau of Democracy, Human Rights, and Labor.

U.S. Embassy of The Kingdom of Saudi Arabia. (s/d). *Hajj*.
<https://www.saudiembassy.net/hajj>

Van Slooten, S. (2019). *The Strategic Alliance of Saudi Arabia and the UAE*. Sciences Po.

Vision 2030. (s/d). *Vision 2030* (p. 85).
https://www.vision2030.gov.sa/media/rc0b5oy1/saudi_vision203.pdf

Vital, J. V. & Rolim, M. H. F. D. S. (2021). Expressão militar do setor estratégico espacial: Evolução e o direito: Caso brasileiro: Quarta geração da força aérea brasileira. *De Legibus - Revista de Direito da Universidade Lusófona*, 113–136.

Vitale, H. M. (2022). Repression Grows In a Desensitized World: Case Studies In Transnational Repression. *Journal of International Affairs*, 75(1), 131–142.

Von Hein, S. (2017, 14 de junho). Iran approaches Qatar crisis with caution. *Deutsche Welle*.
<https://www.dw.com/en/why-iran-approaches-qatar-crisis-with-caution/a-39255825>

Walt, S. M. (2019). *The Origins of Alliances*. Cornell University Press.

Waltz, K. N. (1964). The Stability of a Bipolar World. *Daedalus*, 93(3), 881–909.

Wardhani, N. F. (2021). The Concept Of Polarity And Centres Of Power In International Relations. *Jurnal Politik Indonesia*, 7(2), 106–111.

Watol, B. S. (2024). The Post-2011 Yemen Internationalized Civil War: It's National, Regional and Global Implications. *European Journal of Arts, Humanities and Social Sciences*, 1(4), 3–25.

Weddington, D. (2017). *Rivalry in the Middle East The History of Saudi-Iranian Relations and its Implications on American Foreign Policy* [MSU Graduate Thesis]. Missouri State University.

Windecker, G. & Sendrowicz, P. (2016). *Cold War in the Gulf: The Rivalry of Saudi and Iranian Narratives for Hegemony in the Middle East*. Konrad Adenauer Stiftung.

Wintour, P. & Kamali Dehghan, S. (2017, 19 de dezembro). Saudi Arabia shoots down Houthi missile aimed at Riyadh palace. *The Guardian*.
<https://www.theguardian.com/world/2017/dec/19/saudis-shoot-down-houthi-missile-close-to-capital-riyadh>

World Bank. (s/da). *GDP (current US\$)*.
<https://data.worldbank.org/indicator/NY.GDP.MKTP.CD?view=map&year=2022>

World Bank. (s/db). *Population, total*. <https://data.worldbank.org/indicator/SP.POP.TOTL>

World Bank. (s/dc). *Sources of Trade Information in WITS*.
https://wits.worldbank.org/wits/wits/witshelp/content/data_retrieval/T/Intro/B2.Sources_of_Trade_Information.htm?

World Bank Group. (2024). *Population, total—Saudi Arabia*. World Bank Group.
<https://data.worldbank.org/indicator/SP.POP.TOTL?end=2024&locations=SA&start=2024>

Wynbrandt, J. (2010). *A Brief History of Saudi Arabia* (2ª). Facts On File.

- Xie, K. (2022, 8 de dezembro). Why is Saudi Arabia looking to China to buy weapons after years of arms deals with the US? *SCMP*.
<https://www.scmp.com/news/china/diplomacy/article/3202245/why-saudi-arabia-looking-china-buy-weapons-after-years-arms-deals-us>
- Xu, Z., Zhang, B., Yuan, Y., & Li, P. (2021). Explaining Saudi Arabia-Israel Détente: Balance-of Threat and Constructivism. *Advances in Social Science, Education and Humanities Research*, 586. Atlantis Press.
- Yin, R. K. (2014). *Case Study Research: Design and Methods* (5ª). SAGE Publications.
- Yüçetürk, C. & Keskin, Y. B. (2022). Sportswashing as a Method of Exoneration of Authoritarian Regimes: The Case of the Kingdom of Saudi Arabia. *Karadeniz Sosyal Bilimler Dergisi*, 14(26), 118–134.
- Zaccara, L. (2019). *Iran and the Intra-GCC Crisis: Risks and Opportunities* [IAI Papers]. Istituto Affari Internazionali.
- Zaheer, M. A., Haider, W. A., & Yousaf, A. (2022). Women Rights in Islamic Societies: A Comparative Study of Iran and Saudi Arabia. *Al-Wifaq Research Journal of Islamic Studies*, 5(1), 1–13.
- Zaloga, S. J. (2019). *M1A2 Abrams Main Battle Tank 1993-2018*.
- Zamir, E. (2022). *Countering Iran's Regional Strategy: A Long-term, Comprehensive Approach* (Codish, S., Trad.). The Washington Institute for Near East Policy.

Zisser, E. (2019). Israel and the Arab World – Renewal of the Alliance of the Periphery.

Athens Journal of Mediterranean Studies, 5(4), 225–240.

Zulfqar, S. (2018). Competing Interests of Major Powers in the Middle East: The Case Study

of Syria and Its Implications for Regional Stability. *Perceptions*, 23(1), 121–148.

Apêndice A – Tabelas Complementares

Tabela 2

Posição da Arábia Saudita no Índice de Liberdade de Imprensa (2015-2022)

Data	Posição
2015	164/180
2016	165/180
2017	168/180
2018	169/180
2019	172/180
2020	170/180
2021	170/180
2022	166/180

Nota. Os dados apresentados correspondem à posição da Arábia Saudita no Índice de Liberdade de Imprensa da Repórteres sem Fronteiras, que avalia 180 países anualmente, sendo a posição 1 a de maior liberdade de imprensa e a posição 180 a de menor liberdade de imprensa.

Fonte: Elaboração própria com dados retirados de *Reporters Without Borders* (s/d).

Tabela 3

Valores das Trocas Comerciais: Arábia Saudita e a China (2015-2022)

Ano	Arábia Saudita - China	China - Arábia Saudita
2015	31,8 (mil milhões USD)	26,3 (mil milhões USD)
2016	25,4 (mil milhões USD)	20,2 (mil milhões USD)
2017	31,9 (mil milhões USD)	20,1 (mil milhões USD)
2018	43,9 (mil milhões USD)	20,1 (mil milhões USD)
2019	53,8 (mil milhões USD)	27 (mil milhões USD)
2020	39,2 (mil milhões USD)	28,9 (mil milhões USD)
2021	57,5 (mil milhões USD)	28,2 (mil milhões USD)
2022	77,9 (mil milhões USD)	40 (mil milhões USD)

Nota. Os valores são apresentados em dólares americanos.

Fonte: Elaboração própria com dados retirados de *Observatory of Economic Complexity* (OEC, s/db).

Tabela 4

Valores das Trocas Comerciais: Arábia Saudita e os EUA (2015-2022)

Ano	Arábia Saudita - EUA	EUA - Arábia Saudita
2015	23,5 (mil milhões USD)	19,5 (mil milhões USD)
2016	18 (mil milhões USD)	16 (mil milhões USD)
2017	19,8 (mil milhões USD)	15,5 (mil milhões USD)
2018	25 (mil milhões USD)	14,9 (mil milhões USD)
2019	13,8 (mil milhões USD)	14,3 (mil milhões USD)
2020	9,85 (mil milhões USD)	12 (mil milhões USD)
2021	14,2 (mil milhões USD)	12,9 (mil milhões USD)
2022	24,4 (mil milhões USD)	12,8 (mil milhões USD)

Nota. Os valores são apresentados em dólares americanos.

Fonte: Elaboração própria com dados retirados de *Observatory of Economic Complexity* (OEC, s/dd)

Tabela 5

Valores das Trocas Comerciais: Arábia Saudita e a Rússia (2015-2022)

Ano	Arábia Saudita - Rússia	Rússia - Arábia Saudita
2015	191 (milhões USD)	1,16 (mil milhões USD)
2016	146 (milhões USD)	670 (milhões USD)
2017	159 (milhões USD)	1,25 (mil milhões USD)
2018	302 (milhões USD)	1 (mil milhões USD)
2019	270 (milhões USD)	1,29 (mil milhões USD)
2020	229 (milhões USD)	1,55 (mil milhões USD)
2021	339 (milhões USD)	2,15 (mil milhões USD)
2022	44,4 (milhões USD)	2,17 (mil milhões USD)

Nota. Os valores são apresentados em dólares americanos.

Fonte: Elaboração própria com dados retirados de *Observatory of Economic Complexity* (OEC, s/dd).

Tabela 6⁷⁶

Evolução das Despesas Militares Sauditas (2015-2022)

Ano	Valores	% do PIB	Posição ranking mundial
2015 ⁷⁷	87,2 mil milhões USD	13,7	3 ^a
2016 ⁷⁸	63,7 mil milhões USD	10,0	4 ^a
2017 ⁷⁹	69,4 mil milhões USD	10,0	3 ^a
2018 ⁸⁰	67,6 mil milhões USD	8,8	3 ^a
2019 ⁸¹	61,9 mil milhões USD	8,0	5 ^a
2020 ⁸²	57,5 mil milhões USD	8,4	6 ^a
2021 ⁸³	55,6 mil milhões USD	6,6	8 ^a
2022 ⁸⁴	75 mil milhões USD	7,4	5 ^a

Nota. Todos os valores apresentados correspondem a estimativas elaboradas pelo SIPRI, com exceção do valor relativo a 2015, que foi divulgado oficialmente pelas autoridades

⁷⁶As posições indicadas na Tabela correspondem à classificação da Arábia Saudita no ranking mundial de gastos militares em cada ano. Todos os valores apresentados correspondem a estimativas elaboradas pelo SIPRI, com exceção do valor relativo a 2015, que foi divulgado oficialmente pelas autoridades sauditas.

⁷⁷ Retirado de *Trends In World Military Expenditure*, 2015 (Perlo-Freeman et al., 2016).

⁷⁸ Retirado de *Trends In World Military Expenditure*, 2016 (Tian et al., 2017).

⁷⁹ Retirado de *Trends In World Military Expenditure*, 2017 (Tian et al., 2018).

⁸⁰ Retirado de *Trends In World Military Expenditure*, 2018 (Tian et al., 2019).

⁸¹ Retirado de *Trends In World Military Expenditure*, 2019 (Tian et al., 2020).

⁸² Retirado de *Trends In World Military Expenditure*, 2020 (Lopes da Silva et al., 2021).

⁸³ Retirado de *Trends In World Military Expenditure*, 2021 (Lopes da Silva et al., 2022).

⁸⁴ Retirado de *Trends In World Military Expenditure*, 2022 (Tian et al., 2023).

sauditas (Perlo-Freeman et al., 2016). Os valores são apresentados em dólares americanos.
Fonte: Elaboração própria com dados retirados dos relatórios da SIPRI, citados em rodapé.

Tabela 7

Capacidades Militares da Arábia Saudita, Egito, Irão, Israel e Turquia em 2022: Efetivos e Equipamentos

Pais	Forças armadas (total)	Exército	Força aérea	Forças navais
Arábia Saudita	257,000 ef.; 24,500 (paramilitares)	75,000 ef.; 1,010 MBT (ex., 500 M1A2/A2S Abrams). SAM (ex. Crotale, FIM-92 Stinger). 817+ SAM (ex., 108 M902 Patriot PAC-3; 128 MIM-23B I-Hawk).	20,000 ef.; 456 aeronaves de combate (ex., 71 Eurofighter Typhoon e 227 F-15 Eagle, com variações). UAVs (ex., Wing Loong I; CH-4).	13,500 ef.; 6 fragatas; 4 Corvetas/FSG
Egito	438,500 ef.; 397,000 (paramilitares); 479,000 (reserva)	310,000 ef.; 2,480 MBT (ex., 1,130 M1A1 Abrams e 1,150 M60A1/M60A3). 45+ SAM (ex., Sinai-23, 9K38 Iгла, Ayn al-Saqr).	30,000 ef.; 80,000 ef. do Comando de Defesa Aérea; 509 aeronaves de combate (ex., 200 F-16 e 46 MiG-29M/M2); UAVs (ex., Wing Loong I e R4E-50 Skyeye).	18,500 ef.; 11 fragatas; 8 submarinos; 5 corvetas
Irão	610,000 ef.; 40,000 (paramilitares); 350,000 (reserva)	350,000 ef.; 1,513 MBT (ex., T-72S, M60A1, T-54/55, Chieftain, M47/M48, T-62). SAM (ex., FM-80, 9K36 Strela-3).	37,000 ef.; Várias aeronaves (ex., 1 esquadrão de F-7M Airguard e JJ-7; 2 esquadrões de F-14 Tomcat; 1 esquadrão de Mirage F-1B/E). UAVs (ex., Mohajer 2, 3, 4, 6; Kaman 12).	18,000 ef.; 7 Corvetas (ex., Jamaran, Alvand, Bayandor); 19 submarinos.
Israel	169,500 ef.; 8,000 (paramilitares); 465,000 (reserva)	126,000 ef.; 1,300 MBT (400 Merkava MkIV operacionais e 700 Merkava MkIII de reserva). 40+ SAM (ex., Iron Dome, David's Sling).	34,000 ef.; 339 aeronaves de combate (ex., 25 F-15I Ra'am, 49 F-16D Fighting Falcon (Barak), 30 F-35I Adir). UAVs (ex., Hermes 450, Heron Shoal, Heron TP).	9,500 ef.; 5 submarinos; 7 corvetas (ex., 3 Sa'ar 5 e 4 Sa'ar 6).
Turquia	355,200 ef.; 156,800 (paramilitares); 378,700 (reserva)	260,200 ef.; 2,378 MBT (ex., 316 Leopard 2A4; 650 M60A3 TTS e 750 M48A5 T2). 32+ SAM (ex., MIM-14 Nike Hercules; MIM-23 Hawk).	50,000 ef.; 306 aeronaves de combate (ex., 17 NF-5A Freedom Fighter; 19 F-4E Phantom 2020). Vários UAVs (ex., 33 Bayraktar TB2; 1 Aksungur).	45,000 ef.; 12 submarinos; 16 fragatas; 10 corvetas.

Nota. A abreviação ef. corresponde a efetivos. A abreviação ex, significa exemplo. A sigla UAV corresponde a *Unmanned Aerial Vehicle* (Veículo Aéreo Não Tripulado, em português).

Fonte: Elaboração própria com dados retirados dos relatórios do *The Military Balance* (IISS, 2022).

Tabela 8

População total da Arábia Saudita, Egito, Irão, Israel e Turquia em 2022

País	População
Arábia Saudita	32,175,224 (2022 est.)
Egito	112,618,250 (2022 est.)
Irão	89,524,246 (2022 est.)
Israel	9,557,500 (2022 est.)
Turquia	84,979,913 (2022 est.)

Nota. A abreviatura est, significa estimativa.

Fonte: Elaboração própria com dados retirados dos relatórios do Banco Mundial (World Bank, s/db).

Tabela 9

Indicadores Económicos da Arábia Saudita, Egito, Irão, Israel e Turquia em 2022

País	Indicadores económicos
Arábia Saudita	PIB: 1,24 biliões USD (2022 est.); PIB per capita: 57,400 USD (2022 est.); Dívida Pública: 17,2% do PIB (2017 est.); Exportações: 445,881 biliões USD (2022 est.); Importações: 258,371 biliões USD (2022 est.).
Egito	PIB: 476,75 mil milhões USD (2022 est.); PIB per capita: 16,400 USD (2022 est.); Dívida Pública: 103% do PIB (2017 est.); Exportações: 76,295 mil milhões USD (2022 est.); Importações: 97,144 mil milhões USD (2022 est.).
Irão	PIB: 394,36 mil milhões USD (2022 est.); PIB per capita: 15,300 USD (2022 est.); Dívida Pública: 39.5% do PIB (2017 est.); Exportações: 105,752 mil milhões USD (2022 est.); Importações: 97,729 mil milhões USD (2022 est.).
Israel	PIB: 525,18 mil milhões USD (2022 est.); PIB per capita: 48,300 USD (2022 est.); Dívida Pública: 72,6% do PIB (2020 est.); Exportações: 164,407 mil milhões USD (2022 est.); Importações: 153,388 mil milhões USD (2022 est.).
Turquia	PIB: 907,12 mil milhões USD (2022 est.); PIB per capita: 33,100 USD (2022 est.); Dívida Pública: 32,8% do PIB (2022 est.); Exportações: 346,602 mil milhões USD (2022 est.); Importações: 383,7 mil milhões USD (2022 est.).

Nota. A abreviatura est, significa estimativa. Os valores são apresentados em dólares americanos.

O Caminho para a Hegemonia Regional: O Realismo Ofensivo na Construção da Estratégia Integral da Arábia Saudita entre 2015 e 2022

Fonte: Elaboração própria com dados retirados da CIA *World Factbook* (CIA, s/de, s/db, s/dd, s/da, s/dc). A informação referente ao PIB foi retirada do Banco Mundial (World Bank, s/da).

Tabela 10

Resumo da Análise do Capítulo: O Realismo Ofensivo na Estratégia Integral Saudita

Estratégias Gerais	Estratégia Particular	Dimensões do Realismo Ofensivo	Justificação
Psicossocial	Propaganda	Objetivos não securitários	<i>Sportwashing</i> para melhorar a imagem externa do regime.
	Contrapropaganda	Objetivos não securitários	Combate narrativas adversas e reforça a coesão interna.
Política	Informação Pública	Objetivos não securitários	Combate narrativas adversas e reforça a coesão interna.
	Política Interna	Maximização do poder (latente)	Reformas do <i>Vision 2030</i> : diversificação económica, por exemplo.
	Diplomática	Instrumentalização das alianças/ Contenção de ameaças/ Revisionismo	Formação de blocos e isolamento de rivais como o Irão.
Económica	Finanças	Maximização do poder (latente)	Uso estratégico de fundos soberanos.
	Produção	Maximização do poder (latente)	Uso da produção petrolífera como arma de influência internacional e garante da modernização interna.
	Comércio externo	Maximização do poder (latente)	Diversificação das exportações e importações para reduzir dependências.
Militar	Terrestre	Maximização do poder (militar)/ Contenção de ameaças/ Intervenção militar	
	Naval	Maximização do poder (militar)/ Contenção de ameaças/ Intervenção militar	Intervenção no Iémen para conter o Irão e alterar o equilíbrio regional.
	Aeroespacial	Maximização do poder (militar)/ Contenção de ameaças/ Intervenção militar	

Fonte: elaboração própria com recurso aos autores citados no capítulo: O Realismo Ofensivo na Estratégia Integral Saudita.

Tabela 11

Resumo da Análise do Capítulo: Análise Exploratória da Eficácia Estratégica

Estratégia Particular	Eficácia	Justificação
Propaganda	Parcialmente eficaz	Gerou ganhos económicos e apoio popular (ex. Newcastle) mas o caso Khashoggi e outras críticas externas limitaram a eficácia, apesar de reforçar a competitividade com o Catar e os EAU.
Informação Pública	Parcialmente eficaz	O regime preservou a estabilidade política, rara no Médio Oriente, mas episódios como o caso Khashoggi afetaram a renovação da sua imagem externa.
Contrapropaganda	Ineficaz a nível internacional; com resultados mais positivos a nível regional.	No Médio Oriente contou com apoio da maioria dos Estados, mas no Ocidente a reputação foi afetada e rivais regionais exploraram o episódio para enfraquecer Riade.
Política Interna	Eficaz	A centralização do poder em MBS eliminou a oposição e fomentou as reformas que reforçaram a legitimidade do regime e melhoraram a sua imagem externa.
Diplomática	Parcialmente eficaz	O bloqueio ao Catar fracassou, mas Riade obteve ganhos nas alianças com as grandes potências e os EAU, apesar das tensões com os EAU e das críticas pela aproximação a Israel.
Financeira	Eficaz	O PIF permitiu ao Reino projetar influência internacional, adaptou-se a impactos negativos como o caso Khashoggi e reforçou a presença saudita em economias como a dos EUA e da Índia.
Produção	Eficaz	Permitiu financiar as reformas internas, projetar poder, liderar a OPEP e OPEP+ e a cooperação com a China e a Rússia fortaleceu a posição geopolítica de Riade.
Comércio Externo	Eficaz	A Arábia Saudita diversificou as parcerias comerciais, aproximou-se da China e Rússia, mas manteve os EUA como parceiro.
Terrestre/ Naval/ Aeroespacial	Ineficaz	A intervenção visava conter os Houthis e o Irão, mas falhou, já que os Houthis permaneceram em Sana, a crise humanitária agravou-se e a influência iraniana foi fortalecida.

Fonte: Elaboração própria com recurso aos autores citados no capítulo: Análise Exploratória da Eficácia Estratégica.

O Caminho para a Hegemonia Regional: O Realismo Ofensivo na Construção da Estratégia Integral da Arábia Saudita entre 2015 e 2022
